



ALEXANDRE AKSAKOF

**UM CASO DE
DESMATERIALIZAÇÃO**

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Alexander Aksakof

Um Caso de Desmaterialização
parcial do corpo de um médium

Incluindo a
História das aparições do Espírito Katie King

Título original em Francês

*Alexander Aksakof - Étude sur les matérialisations des formes humaines
Paris (1897)*

Conteúdo resumido

A presente obra aborda o impressionante fenômeno da desmaterialização parcial do corpo de um médium, que pode ocorrer durante as sessões de materialização de Espíritos. Esse fenômeno foi obtido nas experiências do Sr. Aksakov com a Sra. d'Espérance, conhecida médium de efeitos físicos. O autor analisa cuidadosamente os princípios científicos que presidem esse fenômeno tão incomum.

A obra apresenta, ainda, em forma de Apêndice, os relatos das célebres materializações do Espírito Katie King, através da mediunidade de efeitos físicos da jovem Florence Cook. Essas experiências foram levadas a cabo pelo respeitável cientista e pesquisador inglês, Sir William Crookes.

Atesta a sobrevivência do Espírito após a morte do corpo físico, fazendo germinar em muitas almas a esperança e a fé.

Sumário

Prefácio do tradutor.....	4
I – Teoria.....	13
II – Descrição da sessão realizada pela Sra. d’Espérance, a 11 de dezembro de 1893, em Helsingfors, na Finlândia, onde o fenômeno da desmaterialização parcial do corpo da médium é comprovado pela vista e pelo tato	29
III – Inquérito pessoal do Sr. Aksakof.....	37
IV – Declaração pessoal da médium a respeito do seu estado durante uma sessão de materialização.....	55
V – Conclusões.....	72
APÊNDICE – História das aparições de Katie King.....	83
Primeiras aparições de Katie King.....	83
Testemunho do Sr. Harrison	89
Testemunho do Sr. Benjamin Coleman	93
Testemunho do Dr. Sexton	96
Testemunho do Dr. Gully	98
Testemunho do príncipe Emile de Sayn Wittgenstein	101
Testemunho do Sr. Georges H. Tapp.....	107
Testemunho do Sr. Henry Dunphy	109
Carta do Sr. Dr. Gully	111
Fotografias do Espírito Katie King.....	113
Testemunho do Sr. Dawson Rogers.....	122
Carta do Sr. Harrison	123
Testemunho do Prof. William Crookes	125
Formas de Espíritos.....	128
Última aparição de Katie King. – Sua fotografia por meio da luz elétrica	132
Narrativa da médium Florence Cook.....	138
Testemunho do Sr. J. Enmore Jones	141
Testemunho da Sra. Ross-Church (Florence Marryat)	143
Narrativa da Sra. Ross-Church (Florence Marryat)	148
Apreciação de Gabriel Delanne	152

Prefácio do tradutor

O Sr. Aksakof é russo e descendente de antiga e nobre família, cujos membros ocuparam sempre lugar distinto na literatura e nas ciências. Um tio seu é autor de várias obras justamente consideradas como clássicas; os dois filhos deste também são escritores notáveis. Um deles, Constantino, publicou alguns livros sobre História e Filosofia, e o segundo – advogado – é um dos mais distintos literatos da Rússia.

O Sr. Aksakof, porém, não necessita dos méritos da sua família para fazer brilhar os seus próprios, que são grandes e começaram com os seus estudos no Liceu Imperial de S. Petersburgo – instituição privilegiada da antiga nobreza da Rússia. Uma vez terminados, dedicou-se ao da Filosofia, ao qual levava o seu caráter positivo e metódico, e ao da Religião, assuntos estes que preocuparam sua inteligência a um extremo tal que ele aprendeu o hebraico, aproveitando-se dos ensinamentos da notável obra de Fabre d'Olivet, *La Langue Hébraïque Restituée*, e o latim, porque Swedenborg, cujas obras então estudava, as havia escrito na língua de Cícero. Aksakof quis vertê-las para o russo; como, porém, encontrasse dificuldades por causa do estilo genial, quase sempre obscuro e original do “vidente”, seguiu, durante anos, cursos de Filologia, nos quais incluiu o do seu próprio idioma, aprofundando-o com o auxílio de um compatriota seu, o Sr. Dahl, que mais tarde traduziu para o russo a primeira obra de Aksakof, publicada em francês no ano de 1852, sobre Swedenborg: “Uma exposição metódica do sentido espiritual do Apocalipse, segundo o Apocalipse Revelado”.

Em 1854, caindo em suas mãos a obra de A. J. Davis, *Revelações da natureza divina*, Aksakof abriu novos horizontes às suas aspirações e tendências intelectuais, reconhecendo um mundo espiritual de cuja realidade não mais duvidava.

Para fazer um completo estudo fisiológico e psicológico do homem, matriculou-se, em 1855, como estudante livre na Faculdade de Medicina de Moscúvia (Moscou), ao mesmo tempo em que ampliava os conhecimentos sobre física, química e matemá-

tica. Nessa época, recebeu uma obra de Beecher: *Demonstração das manifestações espíritas*, a primeira que a esse respeito leu, procurando pôr-se a par das que sobre o assunto estavam publicadas, e seguir passo a passo o movimento espírita na Europa e na América. Robusteceu seus estudos com todos os livros que, sobre o magnetismo e o psiquismo – entre outros os de Cahagnet, a quem visitou em Paris, no ano de 1861 – apareciam, principalmente na França; para conseguir isso, fazia sacrifícios que só o seu espírito, sempre ávido de conhecimentos, podia empreender, revolvendo livrarias e pedindo em todas as partes as obras que não encontrava na Rússia. Pode dizer-se que o seu trabalho de propaganda começou em 1855, com a tradução para o russo de todas as obras de Allan Kardec, Hare, Edmonds, R. Dale Owen, William Crookes, Relatório da “Sociedade Dialética de Londres” e a fundação de periódicos como o *Psychische Studien*, de Lípsia (Leipzig), uma das melhores revistas com que o Espiritismo hoje conta.

Não foi somente escrevendo que o Sr. Aksakof fez propaganda: criou também adeptos entre as pessoas de talento reconhecido e conseguiu que o professor de química Boutlerow admitisse a realidade dos fenômenos produzidos em 1871 por intermédio do Sr. D. Dunglas Home. Vários professores russos tiveram, de igual modo, ocasião de verificá-los, entre outros o Sr. Wagner, catedrático de zoologia, que publicou uma carta na *Revue de l'Europe* (abril de 1875), fazendo com que a Sociedade de Física nomeasse uma Comissão para investigar os fenômenos produzidos pelo Sr. Bredif, médium com o qual o senhor Wagner havia estudado.

E aqui é de justiça lembrar que à Rússia pertence a glória de haver nomeado a primeira Comissão de caráter puramente científico para o estudo dos fenômenos chamados espíritas. Essa Comissão era presidida pelo célebre físico Mendeleeff, e os médiuns foram mandados vir da França e da Inglaterra pelo Sr. Aksakof.

Infelizmente, a Comissão não se ajustou às condições estabelecidas e, em vez de observar os fatos com a devida calma e critério, deixou-se arrastar por idéias preconcebidas; depois da

quinta ou sexta sessão, Mendeleyeff suspendeu a investigação e publicou, mais tarde, o seu relatório num livro: *Dados para estabelecer um juízo sobre o Espiritismo*, onde afirma que os fenômenos espíritas “são todos produzidos por aparelhos que os médiuns levam por baixo das roupas”, opinião digna de figurar ao lado da do “curto perônio lateral”, para explicar o ruído das mesas, apresentadas pelos Srs. Cloquet, Jobert de Lamballe, Velpeau e Schiff, e aceita como boa pela Academia de Ciências de Paris, provando tão-somente que, em muitas ocasiões, não basta ser ou passar como sábio para se ter um critério vulgar.

Ao livro de Mendeleyeff, Aksakof contestou com um outro intitulado *Um momento de preocupação científica*.

O Sr. Aksakof também sustentou vantajosamente uma polémica com o célebre filósofo do “Inconsciente”, o senhor Von Hartmann, e publicou em alemão uma obra volumosa, a mais completa que se conhece sobre o Espiritismo, intitulada *Animismus und Spiritismus*.¹

Homem de brilhante posição social, ele consagrou-se durante 25 anos ao serviço do Estado, alcançando vários títulos, tais como: Conselheiro secreto do Czar, Conselheiro da Corte, Conselheiro efetivo do Estado e outros que não são mais que um prêmio aos bons serviços prestados pelo Sr. Aksakof à sua pátria.

Verdadeiro sábio, raras vezes se acham reunidas tanta inteligência, tanta erudição, a um critério imparcial. Jamais se deixou arrastar pelos entusiasmos das suas convicções; nunca perdeu a serenidade em seus juízos, e no meio da sua fé, tão ardente e sincera, não esquece o raciocínio frio que lhe faz compreender quais podem ser as causas dos fenômenos que observa, o que o coloca acima dessa infinidade de fanáticos que não estudam, que não experimentam e que aceitam como bom tudo quanto se lhes quer fazer crer.

Polemista temível e escritor delicado, seus trabalhos levam a convicção ao espírito; e tal sinceridade se vê nas suas obras que, lendo-as, sente-se a necessidade de crer nelas.

Alie-se isto a um caráter bondoso e uma vontade de ferro, que não se demove ante os obstáculos, assim como a uma paixão

imensa pelo ideal que o leva a percorrer a Europa para fazer experiências, e ter-se-á uma idéia superficial a respeito desse investigador incansável, dotado de uma alma varonil, de um talento privilegiado.

Nunca permaneceu ocioso; seus artigos abundavam nos periódicos espíritas e não há pessoa medianamente ilustrada que não conheça alguma das suas célebres experiências com os médiuns Home, Slade, d'Espérance, ou algum dos seus estudos acerca de fantasmas e formas materializadas.

* * *

Durante o ano de 1886, achava-se o Sr. Aksakof em Londres, experimentando com o médium Eglinton. Tratava de conseguir provas da fotografia *transcendental*,² fenômeno sobre o qual ouvira falar em São Petersburgo.

Combinou-se efetuar as sessões na casa recentemente construída de um rico cavalheiro inglês, amigo particular do Sr. Aksakof, assistindo a elas o dono da casa, sua esposa, um amigo, Sr. N..., o Sr. Aksakof e Eglinton.

O salão do terceiro andar foi escolhido.

Na entrada do salão havia uma cortina roxa, suspensa de um lado por um cordão de seda. Para obter-se a obscuridade, fecharam-se as janelas, cobrindo-as, em seguida, com panos.

A máquina fotográfica foi colocada de modo que Eglinton, sentado diante da cortina, assim como o fundo desta, visível através da abertura, podiam ser retratados. Os “chassis” e as placas, marcadas com o nome do Sr. Aksakof em caracteres russos, haviam sido por ele trazidos. À esquerda do aparelho colocou-se pequena mesa redonda e, sobre esta, uma lâmpada de álcool, rodeada por largo cartão, ao qual se adaptou um refletor côncavo, metálico, com 7 polegadas de diâmetro. A lâmpada alumia assim a sala, de modo a evitar a luz sobre a objetiva do aparelho e, ao mesmo tempo, serviria para acender o magnésio. Nessa mesa também se achavam várias tranças de magnésio, cada uma composta de três fios desse metal, com 7 ou 8 polegadas de comprimento, preparadas pelo Sr. Aksakof, e que davam luz suficiente, segundo se verificou em ocasiões anteriores, para

a obtenção de um resultado satisfatório em fotografia. Essas tranças fixavam-se solidamente, por um arame de ferro, em tubos de vidro; o Sr. N... ficou encarregado de acendê-las a um sinal convencionado, tendo o especial cuidado de dirigir o campo luminoso do refletor sobre as figuras que deviam ser fotografadas.

Terminados esses preparativos, o Sr. Aksakof fechou a porta do salão com a chave, que guardou no bolso, e de uma caixa retirou um “chassis” que colocou na máquina fotográfica.

Eglinton, sentado à frente da objetiva do aparelho e diante da cortina, caíra em *transe* (sono magnético), com o corpo inclinado para os experimentadores e as mãos cruzadas no peito. Sua respiração, penosa e quase convulsiva, anunciava que ia produzir-se algum fenômeno importante. Entretanto, as primeiras manifestações, apesar de surpreendentes, não satisfizeram ao Sr. Aksakof, que, julgando terminada a experiência, decidiu suspendê-la, quando, repentinamente, e no momento em que ardia uma trança de magnésio, saiu por detrás da cortina uma forma de homem, que avançou quatro ou cinco passos na sala, colocando-se depois ao lado de Eglinton, que jazia como morto na cadeira.

“A forma estava vestida de branco – diz o Sr. Aksakof –; seu rosto era rodeado de uma barba preta, descoberta, e uma espécie de turbante envolvia sua cabeça.

– É Abdulá!... – exclamei.

– Não – respondeu-me o dono da casa –; esta “forma” tem duas mãos, e a de Abdulá, que aparecia nas sessões que Eglinton nos deu em S. Petersburgo tinha somente metade do braço esquerdo.

Como para confirmar esta observação, o fantasma moveu os braços, saudou-nos e desapareceu por detrás da cortina. Alguns segundos depois tornou a aparecer e, à luz do magnésio, vi com surpresa que o fantasma rodava o seu braço esquerdo.

Eglinton, em *transe* profundo, não podia sustentar-se em pé. Eu estava a cinco passos dele e, à luz intensa que o alumia-va, pude contemplar o estranho visitante.

Era um homem jovem, cheio de vida; distinguiam-se-lhe claramente a pele viva do rosto, a barba negra, as espessas e escuras sobrancelhas e seu olhar enérgico, fixo no aparelho todo o tempo que durou o magnésio (15 segundos) em chama. Quando se mandou cobrir a objetiva e antes que se extinguísse a luz, a “forma” desapareceu atrás da cortina e Eglinton caiu, como morto, no chão.

A situação era crítica; não nos movemos, contudo, porque Eglinton estava influenciado por uma força sobre a qual nada podíamos. Imediatamente se abriu de novo a cortina, reaparecendo o fantasma, que se aproximou de Eglinton e, inclinando-se para ele, começou a fazer passes sobre o seu corpo.

Olhávamos em silêncio e com assombro tão estranho espetáculo; no fim de alguns momentos Eglinton moveu-se; levantou-se pouco a pouco, ficando, por fim, em pé. Então, a “forma” rodeou-o com os seus braços e conduziu-o ao seu lugar.

Imediatamente, ouvimos a voz débil de Joey (um dos Espíritos-guias de Eglinton), recomendando que levássemos o médium para o ar fresco e lhe déssemos de beber água com “brandy”. A dona da casa apressou-se a ir buscar água; mas, encontrando fechada a porta, voltou para pedir-me a chave. Respondi-lhe que me desculpasse; como, porém, o fato era muito extraordinário, eu desejava abrir a porta pessoalmente. Examinei a fechadura à luz e abri-a em seguida.

Eglinton, em *transe* profundo, não podia sustentar-se em pé, e foi preciso que o levássemos nos braços para o refeitório, onde o colocamos em frente a uma janela aberta; presa de convulsões, caiu ele no chão, produzindo-se uma hemoptise.

Foram necessários quinze minutos de fricções e o uso de saís para fazê-lo voltar a si e despertá-lo do seu profundo sono.

Deixando-o entregue aos donos da casa, fui com o Sr. N... revelar as placas e, logo que começou a aparecer o desenho,

voltei apressadamente ao refeitório para dar a Eglinton, que não podia mover-se, essa excelente notícia.

O médium pagou caro o seu triunfo, pois passou mais de hora e meia sem poder caminhar.

As fotografias foram preparadas no dia seguinte e saíram muito boas: as duas formas, em pé, se haviam movido, embora isso não fosse perceptível à vista; o resultado não deixa, contudo, de ser satisfatório. Reconhece-se perfeitamente a de Eglinton, apesar de estar com a cabeça inclinada para trás e apoiada sobre o braço que a sustém.

Ao seu lado está a forma humana que vimos com vida; a barba e as sobrancelhas se notam perfeitamente; o mesmo não sucede com os olhos, pois estão difusos; a particularidade desta figura é, todavia, o nariz, curto e completamente diferente do de Eglinton, e que lembra muito o da figura obtida pela fotografia transcendental. As sobrancelhas não se parecem com as desta figura, porém sim com as de Eglinton. As fotografias têm num canto o meu nome em caracteres russos.”

Depois de algumas considerações, o Sr. Aksakof termina:

“Os incrédulos dirão que houve fraude, pois nas experiências estava interessado um médium de profissão, que devia ser pago. Entretanto, é evidente que aí Eglinton não podia realizar tudo quanto seria preciso para enganar-nos; logo, deve-se supor um conluio entre os donos da casa e os da loja onde comprei o aparelho fotográfico e as placas. O Sr. X..., dono da casa, ocupa posição social idêntica à minha e, portanto, não se pode dizer que existisse nele um móvel material como a causa de fraude; isto, sem contar com o fato de que a execução teria sido muitíssimo complicada, reuniria circunstâncias mais que suficientes para descobrir-se o embuste. Não é, pois, possível que qualquer interesse tenha podido induzi-lo a um artifício; e, ademais, por que deveria ser ele e não eu o enganador? É mais lógico supor em mim o interesse de mentir, pois o meu intuito seria evidente: nada

mais natural que, absorvido no Espiritismo, eu me visse obrigado a defendê-lo por qualquer modo.

A incredulidade, porém, não me surpreende nem me desanima, porque as convicções não são fruto da casualidade; elas são a resultante das opiniões anteriores que concorreram para a sua formação, no decurso dos séculos; a crença nos fenômenos da Natureza não se adquire pela razão e pela lógica, mas sim pela força do hábito, e por essa mesma força o maravilhoso deixará de o ser.”

Agora que demos aqui, visto a principal obra do Sr. Aksakof, *Animismo e Espiritismo*, já ser muito volumosa, uma ligeira notícia biográfica do autor, de acordo com as notas fornecidas pelo ilustre Dr. Otero Acevedo,³ que o conheceu pessoalmente, e relatamos, resumidamente, um fato importante de materialização por ele observado e fotografado, seja-nos permitido fazer uma justificação a respeito deste livro.

A obra do Sr. Aksakof não contém, em si, a história das célebres manifestações do Espírito Katie King, que é apresentada no final do presente volume, em forma de Apêndice; atendendo, porém, a que entre nós era dispensável e mesmo fastidiosa a leitura de uma grande maioria das cartas de que o Sr. Aksakof faz acompanhar o original do seu trabalho, em apoio ao fato que relata, resolvemos, com o seu consentimento, suprimir os testemunhos mais ou menos idênticos, citando apenas os nomes das pessoas que assistiram à desmaterialização, e acrescentar a história das verdadeiras manifestações de Katie King, pois a excelente teoria do Sr. Aksakof é também aplicável aos efeitos que ela produziu.

Assim, o trabalho do autor é aqui substancialmente o mesmo que no original; colocando-o antes da narrativa das materializações produzidas por Katie King, habilitamos o leitor a compreender facilmente estas últimas.

Os testemunhos que formam o Apêndice desta obra foram compilados num livro editado pela *Librarie des Sciences Psychiques*, de Paris, de onde os traduzimos, sendo de ressaltar que merecem absoluto crédito, porque dimanam de pessoas muito

conceituadas, principalmente Sir William Crookes e o príncipe Emílio de Wittgenstein. Além disso, tendo sido primitivamente publicados em diversas revistas científicas e espíritas da Inglaterra, não sofreram esses testemunhos a menor contestação.

Não traduzimos a narrativa das sessões que, em 1874, foram dadas pelos médiuns Sr. e Sra. Holmes, em Filadélfia (América do Norte), que também pretendiam ter obtido materializações da mesma Katie King alguns meses depois de ter esta cessado de aparecer em Londres, com o auxílio da mediunidade de Florence Cook, hoje Sra. Corner. As sessões do Sr. e Sra. Holmes foram declaradas fraudulentas pelo distinto diplomata Sr. Robert Dale Owen,⁴ pois, além de outros motivos, a Katie King dessas sessões não tinha semelhança alguma com a que se manifestava por intermédio de Florence Cook, salvo o nome. A celebridade das manifestações desse Espírito tentou os exploradores, e os americanos imaginaram que, por sua vez, possuíam a Katie King autêntica. Essa falsificação dos médiuns Holmes, pois que realmente o era, foi, entretanto, descoberta; o Espiritismo, de sua parte, nada perde com isso, porque, como qualquer outra coisa, os seus fenômenos são suscetíveis da imitação pelos exploradores, embora de um modo grosseiro que não resiste a exame cuidadoso.

Terminamos aqui este prefácio, sem fazer qualquer outra consideração sobre o Espiritismo, porquanto, só depois de ter lido os fatos nesta obra relatados é que convirá ao leitor ocupar-se com as apreciações sobre o assunto. Encontrar-se-á isso feito, no fim deste livro, pela pena brilhante do Sr. Gabriel Delanne, cujo artigo é digno de toda a atenção.

O tradutor.

CAPÍTULO I

Teoria

Um caso dos mais extraordinários produziu-se, em dezembro de 1893, numa sessão realizada em Helsingfors (Finlândia) pela Sra. d'Espérance, fato que projeta viva luz sobre os misteriosos fenômenos de materialização e que confirma, pela *vista* e pelo *tato* de muitas testemunhas, o que até à presente data não era senão um postulado teórico exigido pela lógica.

Em todos os tempos foi reconhecido pelo Espiritismo que o fenômeno de materialização se produz a expensas do corpo do médium, que fornece os elementos necessários, isto é, que um certo grau de desmaterialização do médium corresponde ao começo inevitável do fenômeno de materialização do Espírito. Mas, ainda ninguém se tinha decidido a levar essa teoria aos seus últimos limites, a tirar as conseqüências extremas que deviam daí se deduzir absoluta e logicamente.

De um lado, escasseavam dados e observações diretas que justificassem essa conclusão; de outro, o fato extraordinário de desmaterialização, que é forçoso agora admitir (e que, entretanto, não é mais extraordinário do que o da própria materialização, a que já nos vamos habituando), explica, de modo suficiente, a razão pela qual ele ainda não foi expressamente formulado e admitido em geral.

Temos, entretanto, um *fato* que nos dá o direito de nos exprimirmos com maior certeza; é o que vamos tentar descrever.

O estudo dos fatos mediúnicos leva-nos a admitir três espécies de materializações:

1 – A *materialização invisível*, que devemos admitir indiretamente, vendo-se movimentos de objetos que somente um órgão humano invisível poderia provocar, como o indiquei na obra *Animismo e Espiritismo*, e tendo-se as sensações de contacto que se experimenta nas sessões meio obscuras, e que se atribui a uma mão, embora esta fique invisível.

Essa suposição está confirmada pelos fatos em geral da fotografia transcendental e em certos casos particulares desse gênero de fotografia, em que a vista e o tato das formas invisíveis à vista normal são confirmados pela fotografia. Tais são, por exemplo, as fotografias de Beattie, assim como as de Mumler, nas quais a Sra. Conant, a famosa médium americana, vê uma aparição que lhe toca a mão, e em que a fotografia prova ser isso realmente uma mão pertencente a um ser invisível à vista ordinária; ou ainda a fotografia do Sr. Tinkham, sobre a qual se vê um pequeno pedaço da roupa ser erguido por uma mão invisível.

A fotografia transcendental fornece-nos a prova da existência efêmera de formas reais, objetivas, que não podemos compreender a não ser pela hipótese de uma materialização, em princípio, ainda invisível aos nossos olhos. A matéria necessária é, certamente, tomada do médium, mas sua quantidade é a tal ponto mínima que o grau de desmaterialização do médium não é perceptível aos nossos sentidos.

2 – O fenômeno bem conhecido da *materialização visível e tangível*, mas somente parcial e incompleta. Assim, a aparição das mãos deu-se desde o começo do movimento espírita. Produziu-se em plena luz, enquanto o médium se achava no meio dos assistentes. Mais tarde, nas sessões obscuras, essas mãos continuavam a ser sentidas, ao mesmo tempo em que as do médium estavam presas. Nestas condições também se obtiveram materializações parciais: cabeças, bustos, figuras mais ou menos fluídicas, porém na obscuridade.

Quando, enfim, se começou a isolar o médium *atrás da cortina* ou no gabinete escuro, obtiveram-se aparições de mãos, cabeças, bustos, que eram mais nítidas e se mostravam mesmo com um pouco de luz. Segundo a teoria, esse fenômeno de materialização parcial deve corresponder a uma *desmaterialização parcial* do médium, isto é, de algum dos seus órgãos, ou a uma desmaterialização geral mais ou menos inapreciável aos nossos sentidos.

Não se pôde fazer sobre o médium, que, nestes casos, se achava sempre só no gabinete, observações diretas quanto às

mudanças que podiam acompanhar, no seu corpo, a produção dos fenômenos. Mas, em último lugar, no caso das sessões com a Sra. d'Espérance, de que vamos tratar minuciosamente, obtivemos a plena confirmação das nossas conclusões lógicas; enquanto a Sra. d'Espérance se achava sob uma fraca luz diante da cortina, e que as semimaterializações se produziam detrás desta (por exemplo, aparições de mãos e bustos), várias pessoas certificaram-se, por meio do tato e da vista, de que se produzira uma semidesmaterialização do seu corpo, isto é, dos seus pés e das suas pernas.

3 – A *materialização completa*, isto é, a de uma forma humana completamente visível e tangível que, para a vista comum, não difere em nada de um corpo humano vivo. Este fenômeno é o desenvolvimento mais elevado, o *non plus ultra* da materialização, durante a qual o médium acha-se isolado na obscuridade e geralmente em *transe* (sono magnético).

Um longo estudo deste fenômeno força a reconhecer que, enquanto se obtém a completa materialização de uma forma humana, essa materialização apresenta indubitavelmente os traços do médium. É daí que resultam as suspeitas de embuste e o desejo de desmascará-lo, etc. Todas as tentativas para ver o médium e a forma inteira ao mesmo tempo (durante as quais, infelizmente, não se tem atendido ao estado dos dois corpos: o do médium e o da forma) têm sido infrutíferas, com raras exceções. Quando, enfim, se estava certo, por meio de garantias excepcionais (por exemplo, segurando-se os cabelos do médium no exterior do gabinete ou submetendo-o a uma corrente galvânica), de que o médium não podia fazer, consciente ou inconscientemente, o papel dessa forma de aparição, e que, entretanto, a semelhança da forma e do médium era completa (como no caso de John King, que se assemelhava ao seu médium Williams, e de Katie King, que se assemelhava a Miss Cook, sua médium), foi-se obrigado a admitir que o *duplo* ou *desdobramento* do médium era o ponto de partida do fenômeno.

Mas, essa expressão conduz-nos a uma falsa interpretação, porque pode compreender-se ou imaginar-se que esse *duplo* é,

por assim dizer, uma metade, um simulacro do seu corpo, enquanto o seu verdadeiro corpo se acha atrás da cortina.

Na realidade, isso não é uma metade, nem um simulacro de corpo, mas, sim, um verdadeiro corpo completo, em carne e osso, que é em tudo semelhante ao médium. Que se tornou, então, no mesmo instante, o seu corpo real? Não se pode, razoavelmente, admitir que o médium tenha, num dado momento, *dois corpos completos absolutamente idênticos*. Já dissemos que era completamente lógico o admitir-se que o grau de materialização de uma aparição corresponde ao grau de desmaterialização do médium; se, em conseqüência, a materialização da forma humana que aparece é completa, a *desmaterialização do médium deve também ser completa*, ou, ao menos, deve chegar a um ponto tal que ele poderá tornar-se *invisível* aos nossos olhos, se nos quisermos assegurar do seu estado durante esse fenômeno.

Em resumo, tendo sempre em vista a tese de que *toda materialização necessita de uma desmaterialização correspondente do médium*, a escala completa dos diversos fenômenos apresenta-se do seguinte modo:

- 1º) a *materialização invisível primordial* corresponde a uma *desmaterialização mínima e invisível do médium*, que se conserva visível;
- 2º) a *materialização visível, mas parcial, incompleta quanto à forma ou à essência*, corresponde a uma *desmaterialização máxima ou completa do médium* até ao tempo em que, por sua vez, ele se torna *invisível*.

Isto admitido em princípio geral (o que, entretanto, não exclui todas as espécies de nuances e possibilidades, segundo as aptidões especiais dos diversos médiuns e a composição do círculo, e também porque ignoramos os limites do desenvolvimento do fenômeno), explica-nos, até certo ponto, numerosos fatos misteriosos de materializações que parecem duvidosos e provocam suspeita.

Ao assunto voltarei num capítulo especial. A questão importante é esta:

Temos fatos verídicos que justificam os pontos 2 e 3 do formulário geral que acabo de estabelecer?

Pode-se responder afirmativamente.

Começarei por um fato da minha experiência pessoal, sobre o qual refleti por muito tempo e que agora se apresenta em apoio desta teoria, com tão forte presunção que equivale quase a uma prova positiva.

Trata-se da materialização clássica de Katie King, que já descrevi na obra *Animismo e Espiritismo*, e que tornarei a reproduzir aqui, abreviadamente.

Estava-se em 1873. William Crookes havia já publicado seus artigos sobre a força psíquica, mas ainda não acreditava nas materializações, dizendo que só as aceitaria como tais quando pudesse ver, ao mesmo tempo, a forma materializada e o médium. Como me achasse, a esse tempo, em Londres, desejei, muito naturalmente, ver o fenômeno – único então – com os meus próprios olhos.

Depois de ser apresentado à família da senhorita Cook, fui graciosamente convidado para assistir à sessão que devia efetuar-se em 22 de outubro. A sessão realizou-se num pequeno aposento que servia de sala de refeições.

Miss Florence Cook sentou-se na cadeira colocada num recanto do aposento e atrás duma cortina corrediça.

O Sr. Luxmore, que dirigia a sessão, exigiu que se examinasse cuidadosamente o lugar e o modo pelo qual ele acabava de amarrar a médium, pois considerava essa medida como imprescindível. Ligou, primeiramente, cada uma das mãos da médium com um laço forte, selou os nós; depois reuniu-as do lado das costas, ligou-as com o mesmo laço e selou novamente os nós; em seguida, ligou-as, mais uma vez, com uma comprida corda, cujas extremidades vinham ter fora da cortina até se fixarem na mesa, ao lado da qual ficou o Sr. Luxmore.

Desse modo, a médium não se poderia levantar sem puxar a corda. O aposento era iluminado por pequena lâmpada colocada atrás de um livro. Em menos de um quarto de hora apareceu uma forma humana que ergueu a cortina e ficou ao lado dela: estava

vestida de branco, tinha a fisionomia descoberta, mas os cabelos estavam ocultos por um véu branco. As mãos e os braços estavam nus... era Katie. Durante a sessão, Katie conversou com as pessoas presentes. Sua voz era tão doce que parecia um murmúrio. Ela repetiu por várias vezes:

– Fazei-me perguntas, mas perguntas racionais.

Disse-lhe eu:

– Não podeis mostrar-me a vossa médium?

– Sim, vinde depressa e vede.

Nesse momento, ergui a cortina e não tinha senão um passo a dar, quando a forma branca desapareceu.

Diante de mim, a um canto, na escuridão, achava-se a forma escura da médium, sentada numa cadeira de braços. Trajava um vestido de seda preta; eis porque não pude vê-la mais distintamente.

Logo que retomei o meu lugar, a forma branca de Katie apareceu de novo, perto da cortina e perguntou-me:

– Examinastes bem?

Respondi:

– Não como desejava, porque havia muita escuridão atrás da cortina.

– Tomai então a lâmpada e examinai depressa, replicou Katie em tom decidido.

Num segundo estava eu com a lâmpada atrás da cortina. Todo o indício de Katie havia desaparecido; eu só tinha diante de mim a médium mergulhada em profundo sono magnético, sentada na cadeira, com as mãos ligadas atrás das costas. A luz que se lhe projetava na fisionomia produziu seu efeito habitual: a médium começou a gemer e a tentar despertar. Um diálogo interessante estabeleceu-se atrás da cortina entre a médium, que se esforçava por despertar, e Katie, que tentava adormecê-la de novo. Mas, esta foi obrigada a ceder; disse adeus, e tudo ficou em silêncio. A sessão estava terminada.

O Sr. Luxmore convidou-me para examinar os laços, os nós e os selos. Tudo estava intacto; e, quando ele me propôs que

cortasse os laços, foi com grande trabalho que consegui neles introduzir a tesoura, tal era o modo pelo qual estavam atados.

Minha confiança na autenticidade deste fato é absoluta e considero-o como da mais alta importância para a confirmação do princípio teórico que nos ocupa.

Perguntam certas pessoas: “Como devemos compreender esse fenômeno e o que se deve concluir daí?” Katie apresentava, como se sabe, uma semelhança perfeita com a sua médium? Ela era o seu *duplo* e não uma forma alucinatória, mas era-o em carne e osso, com coração e pulmões, segundo foi verificado por William Crookes.

Pode-se razoavelmente admitir que a médium, num momento dado, tenha dois corpos completos ao mesmo tempo: um sob a forma de Katie, fora do gabinete, e outro sob a sua própria forma dentro do gabinete?

Evidentemente, não. Os laços conservados intactos provam que Katie não era a médium em pessoa, fazendo inconscientemente o papel de Espírito. A médium não teria podido, num momento, mudar o vestido, libertar-se dos laços, tornar a vestir-se, como antes, e amarrar-se, mesmo que isso fosse possível do ponto de vista físico. Deve-se, pois, crer que, mesmo que eu pudesse antecipar-me a Katie, ou lançar a vista no gabinete enquanto ela estava fora, *não teria do mesmo modo visto a médium*, bem como o seu vestido, ou coisa alguma disso. Mas, como compreender que a forma se coloque com a rapidez do relâmpago no lugar da médium, vestida e amarrada? O vestido e os laços deviam, portanto, ao desaparecer o corpo, cair por terra. Como, pois, retomá-los? Isso nos leva a supor que nem todo o corpo se desmaterializa, mas que subsiste alguma coisa – *um substratum*, uma forma astral, que conserva as posições dos laços e do vestido e que, desse modo, a forma materializada pode, num momento, separar-se dessa forma fluídica e depois reunir-se de novo a ela; e, assim, a médium acha-se no seu lugar.

Sabemos que, nas sessões com luz, as mãos materializadas aparecem com uma rapidez incomparável e desaparecem de novo no médium.

O fenômeno é, pois, o mesmo. Temos em apoio dessa teoria um fato perfeitamente convincente, na aventura seguinte do coronel Henry S. Olcott, chegado à América em 1874 com a médium Sra. Elisabeth J. Compton.

O coronel conta-o no seu livro *People from the Other World*:⁵

“Minha primeira sessão com a médium realizou-se na noite de 20 de janeiro de 1874. Os espectadores, em número de seis, estavam sentados sobre cadeiras, em volta do quarto, na distância de 8 pés do gabinete. A senhora Compton tomou lugar no interior deste, em uma cadeira; abaixou-se muito a luz da lâmpada e, durante muito tempo, nada se passou de interessante. Enfim, a porta abriu-se e a figura de um índio apareceu; dirigiu-nos uma interpelação e saudou-me cordialmente, porém não saiu mais para fora, declarando que a médium estava muito fraca e abatida para lhe fornecer a força necessária.

Na tarde seguinte, mostrou-se a menina Katie Brink, que andou em volta do quarto, tocou em diversas pessoas e acariciou-lhes as mãos e as faces. Trazia um vestido flutuante de musselina branca com pontas de crepe, à cabeça um véu de noiva que lhe caía até aos joelhos; deslizava como se estivesse com sapatos de veludo e, visível metade apenas na obscuridade, ela assemelhava-se à noiva de Coríntio, de Goethe...

Depois de haver passado pelos outros espectadores, veio a mim, que estava com uma das mãos apoiada no tabique do gabinete, e, acariciando-me docemente a fronte, sentou-se-me nos joelhos, colocou um braço nos meus ombros e beijou-me na face esquerda. Seu peso não era maior do que o de uma criança de 8 anos, mas senti seus braços firmes nos meus ombros e os lábios que me beijaram eram tão naturais como os lábios de uma pessoa viva.

Depois de combinar com os assistentes, penetrei no gabinete, enquanto a menina ficava do lado de fora; *não achei aí a médium*, apesar de ter examinado não só todos os recantos, mas também, para melhor me certificar de que não estava

alucinado, a cadeira, as paredes e todo o espaço em volta. Só podia haver uma alternativa: ou o Espírito não era um Espírito, e sim a médium, ou a médium se tinha transfigurado à moda dos taumaturgos orientais (evocadores dos mortos). Quis resolver definitivamente esta questão, antes de deixar a cidade.

No dia seguinte, à tarde, depois de ter obtido o assentimento da Sra. Compton, para que ela se submetesse às minhas investigações, retirei os seus brincos e coloquei-a numa cadeira, no gabinete, à qual prendi-a passando um fio de linha nº 50 através dos orifícios das suas orelhas, lacrando e selando as pontas no espaldar da cadeira, sob a qual imprimi o meu sinete particular. Depois fixei a cadeira no chão por meio de barbante, cujas pontas lacrei e selei de um modo completamente seguro.

Assim que a luz diminuiu, como é habitual nessas sessões, e fechou-se a porta do gabinete, cantamos durante alguns minutos; logo após, através da abertura praticada no lado superior da porta, *duas mãos flutuaram* da direita para a esquerda, desaparecendo em seguida. Tornaram a aparecer duas mãos ainda maiores e, então, uma voz falou-me (se não era a do defunto Daniel Webster, pode dizer-se que era a sua reprodução exata, em profundidade, sonoridade e tonalidade), deu-me instruções completas e sugeriu-me medidas de prudência sobre o modo pelo qual eu devia continuar as minhas investigações.

Quando eu penetrasse no gabinete, aconselhou-me ele, enquanto o Espírito ficava do lado de fora, poderia tatear e tocar livremente por toda parte, para convencer-me de que a médium não estava ali, mas eu devia ter todo o cuidado em não tocar de um modo mais efetivo na cadeira. Entretanto, era-me permitido aproximar as mãos tão perto quanto o desejasse, porém de modo que evitasse o contato direto com a substância (da cadeira).

Em seguida, devia colocar no estrado da balança uma coberta, não importava de que espécie, para que o Espírito não ficasse em contato com a madeira ou com o metal.

Prometi conformar-me com estas indicações e, em breve, tive a satisfação de ver pela porta aberta a menina de vestido branco a que já me referi. Ela avançou, percorreu o círculo, tocou em várias pessoas e aproximou-se, em seguida, da balança. Eu estava sentado, pronto a agir, com uma das mãos no peso e a outra no marcador, e, logo que ela subiu, tomei o seu peso, sem perder um segundo. Ela retirou-se logo do gabinete; e então li a marcação à luz de um fósforo. Pesava apenas 77 libras inglesas...

O Espírito tornou a sair e, imediatamente, penetrei no gabinete; examinei tudo com o maior cuidado, mas, como antes, não achei nenhum sinal da médium. A cadeira ali permanecia, *mas nenhum corpo nela se apresentava*. Pedi, então, à criança-Espírito que se tornasse, sendo possível, mais leve, e ela subiu à balança.

Tão depressa como da primeira vez, pus a balança em equilíbrio e, assim que ela se retirou, li no marcador o peso de 59 libras.

Reapareceu ela ainda uma vez e desta vez percorreu todos os espectadores, acariciou a cabeça de um, a mão de outro, sentou-se sobre os joelhos da Sra. Hardy, pôs docemente a mão na minha testa, acariciou-me as faces e subiu para o estrado da balança para me permitir uma última prova. Desta vez não pesava mais de 52 libras, apesar de não ter sido notada, do começo ao fim, nenhuma mudança, quer no seu vestuário, quer na sua aparência corporal...

Terminado isto, Katie não apareceu mais. Depois de se terem escoado alguns minutos, fomos interpelados pela voz baixa, profunda e gutural do chefe índio, que se mostrou à porta. Uma conversação entabulou-se entre ele e o Sr. Hardy, que tinha habitado alguns anos entre os indígenas do Oeste, e deu testemunho da autenticidade da linguagem falada pelo Espírito-chefe.

Entrei com uma lâmpada no interior do gabinete e encontrei a médium exatamente tal como a havia deixado antes de começar a sessão; todos os fios de linha e selos do sinete es-

tavam intactos. Ela conservava-se sentada, com a cabeça apoiada contra a parede, a carne pálida e fria como mármore, visíveis as pupilas sob as pálpebras entreabertas, sem respiração e sem pulsação. Assim que todos verificaram os fios de linha e os selos do sinete, cortei-os com a tesoura e levei a mulher cataléptica para o ar livre, segurando a cadeira pelo assento e espaldar. Ela permaneceu assim 18 minutos, sem movimento; a vida voltou-lhe pouco a pouco ao corpo, até que a respiração, o pulso e a temperatura da pele retornassem ao seu estado normal. Coloquei-a na balança: pesava 121 libras.”

Como, de conformidade com isso, a forma de Katie Brink pesava 77 libras, segue-se que, para o corpo da médium no gabinete, restavam somente 44 libras, um pouco mais de um terço do seu peso normal; e, no entanto, ele já era invisível aos nossos olhos, assim como as suas roupas e os fios de linha. Deve-se, pois, supor que existia lá um *corpo* que conservava a posição do corpo da médium, de suas roupas e de todos os fios, e que lhes servia de base invisível. Mas, a forma de Katie Brink não se assemelhava à da sua médium; tinha a estatura de uma criança de 8 anos. Que devia, pois, restar do corpo de Miss Cook, sendo, no dizer de William Crookes, o corpo de Katie King muito maior que de sua médium?

Temos, portanto, o direito de pretender que esse resto era invisível e a transfusão do corpo materializado no seu corpo astral (que estava sentado na cadeira) se fez com uma rapidez incompreensível. Aqueles que têm examinado as aparições de mãos podem fazer uma idéia da rapidez com que essas mãos aparecem e voltam ao corpo do médium; isto pode fazer compreender a rapidez da desaparecimento de uma forma inteira.

William Crookes fez, por diversas vezes, a observação de que, ao entrar ao mesmo tempo que Katie no gabinete escuro, *ela havia desaparecido nesse mesmo momento*. Como ele mantinha sempre a pretensão de ver, ao mesmo tempo, a forma e a médium, acabou por ser bem sucedido, mas uma vez somente na obscuridade, quando Katie não podia mais falar; ela se achava, pois, num estado de semidesmaterialização.

É pena que a forma de Katie não fosse pesada; poder-se-ia quase afirmar que ela possuía nove décimos do peso da médium.

Aqui ainda ajunto um fato da minha experiência, que confirma os dois precedentes:

Em 1890, fui expressamente a Gotemburgo, para efetuar com a Sra. d'Espérance uma série de sessões de materialização.

Ela autorizou-me a submetê-la a toda espécie de provas que eu considerasse necessárias para convencer-me dos fenômenos, privilégio este que ainda não havia concedido a ninguém.

Na sessão de 5 de junho, eu estava sentado, como de costume, muito perto do recanto do gabinete onde se achava a Sra. d'Espérance, sentada ao meu lado; só nos separava a cortina, cuja abertura lateral se achava muito próxima do meu ombro direito; eu não tinha mais que puxar a cortina um pouco de lado para poder ver a médium. A forma materializada que apareceu, então, sob o nome de Iolanda já se havia mostrado várias vezes, e mesmo, apoiando-se no meu braço, tinha feito a volta do círculo. Uma lâmpada ao fundo, coberta com várias folhas de papel encarnado, espalhava uma frouxa claridade; mas, assim que eu me achava com Iolanda, mesmo sob a lâmpada, esta alumiaava bastante para que eu lhe pudesse reconhecer indubitavelmente os traços da médium. Assim que voltamos ao gabinete, retomei o meu lugar e Iolanda conservou-se metade do lado de fora, na abertura central da cortina.

Então, não cessando de observá-la, passei cautelosamente o braço direito pela abertura lateral da cortina, perto de mim. Não tinha mais que estender um pouco o braço para certificar-me se a médium se achava no lugar; foi o que fiz. A médium estava sentada numa cadeira de braços, muito baixa. Levantei a mão até à altura do encosto da cadeira e deixei-a, em seguida, deslizar do encosto até o assento; a médium lá não estava.

Mas, no momento mesmo em que minha mão se achava já sobre o braço da cadeira, Iolanda entrou no gabinete, uma mão caiu sobre a minha e repeliu-a.

Imediatamente depois, a médium pediu-me de beber; estendi-lhe um copo d'água pela mesma abertura da cortina por onde já

tinha passado o braço; a médium estava no seu lugar, com o vestido encarnado de mangas apertadas. Iolanda, um instante antes, era visível com um vestido branco, tendo os braços nus até às espáduas, os pés também nus, com um véu branco que lhe caía pelo corpo, desde a cabeça; havia, entretanto, desaparecido, exatamente como sucedera com Katie.

Este caso deu-me muito o que pensar.

Como Iolanda, que estava com *metade* do corpo fora do gabinete, pôde notar os movimentos do meu braço no *interior* deste?

Era-lhe isso positivamente impossível, pois a obscuridade quase completa não lhe permitia ver o movimento do meu braço sobre a cadeira, ou se eu o introduzia atrás da cortina. Ainda menos possível era ver o que o meu braço lá fazia, ou então o que minha mão fazia; entretanto, o movimento da mão que repeliu a minha era tão deliberado quanto preciso.

Se era realmente a médium em pessoa que, de um modo consciente ou inconsciente, representava Iolanda, e se a cadeira estava realmente vazia, a médium não podia ver e sentir o movimento da minha mão; ela deveria continuar a fazer o seu papel de Espírito, permaneceria no seu lugar ou entraria no gabinete, ou então sairia de novo, como se nada tivesse acontecido.

Mas, houve um desarranjo; Iolanda não se mostrou mais, e foi preciso terminar a sessão. Quando ouvi dizer, no dia seguinte, que alguma coisa atemorizara a médium, fui interrogar a própria Sra. d'Espérance, sem, contudo, lhe dizer coisa alguma das minhas observações. Respondeu-me ela que, pelo fim da sessão, alguma coisa remexia em volta de si, da sua cabeça, dos seus ombros; que isso a amedrontara tanto que ela involuntariamente havia deixado cair a mão sobre a qual apoiava a cabeça e que, nesse movimento, encontrara outra mão, o que ainda mais lhe havia assustado.

Era bem estranho. As impressões da Sra. d'Espérance eram exatamente *as que ela devia experimentar, se se achasse no seu lugar*. E, entretanto, a minha mão não havia encontrado o seu corpo na cadeira. Quem, pois, tinha tido essas impressões? Não

se deve concluir daí que na cadeira se conservava um simulacro do seu corpo, imagem dotada de sensação e consciência?

A Sra. d'Espérance possui também, como se sabe, o dom da escrita mediúnica; assim, ela recebe, no correr ou fora das sessões, comunicações de um tal Walter, que se diz o diretor dos fenômenos de materialização. Eu também me servi desse meio para saber que explicações receberia a tal respeito. No dia imediato, pedi à Sra. d'Espérance que tomasse do lápis; e a conversação seguinte passou-se entre mim e o Espírito Walter.

– Viste o que atemorizou a médium?

– Sim: uma mão colocou-se diante dela, depois pousou-lhe nos joelhos e, em seguida, na mão. Foi tudo.

– A mão de quem? (pois eu guardava sempre o meu segredo.)

– Não a vi, porque minha atenção somente foi atraída para esse fato quando a médium se assustou.

– O meu desejo principal era ver Iolanda e a médium ao mesmo tempo. É isto possível?

– Tudo depende do estado em que ela (a médium) ficar.

– Se eu olhar imediatamente para o gabinete, verei a médium no seu lugar?

– Provavelmente. Tudo depende da pessoa de quem é retirada a matéria para a composição da forma de Iolanda. Se há uma certa quantidade de matéria no círculo, de modo que não a tiremos somente da médium, vereis a médium tão claramente como neste momento.

Alguns dias depois, como Iolanda houvesse estado várias vezes fora do gabinete (enquanto a médium havia sido por mim amarrada com um laço em volta do seu corpo, laço cujas pontas passavam por uma presilha firmada no chão, e que estavam fixadas à minha cadeira), perguntei a Walter:

– Quanto resta de matéria na médium, desde que Iolanda saiu?

– Não creio que tenha ficado grande coisa da médium, *excetuando-se os órgãos dos sentidos*.

– Se, enquanto o corpo da médium tivesse desaparecido completamente, eu passasse docemente a mão no seu lugar, far-lhe-ia mal?

– Poderá suceder isso, se apoiardes fortemente a mão. Se se passasse qualquer coisa que pudesse tocar a forma materializada, a médium teria disso conhecimento imediato.

– E se eu passasse a mão através do corpo da médium?

– Isso o afetaria seriamente, se não estivéssemos a resguardá-lo para evitar uma desgraça. Esse ensaio constituiria uma experiência perigosa.

– Neste caso, se eu puxasse pelo laço que prende em volta a médium, cortar-lhe-ia ao meio o corpo?

– Decerto, mas só se daria isso se a sua matéria fosse totalmente empregada; não se faz isso senão muito raramente, embora muitas vezes pouco reste do corpo.

– Segundo o que dizeis, a invisibilidade do corpo da médium, quando se olha para ela, não é ainda uma prova de que não haja aí um corpo?

– Certamente, não; é somente uma prova de que não tendes a vista assaz penetrante para o verdes.

A Sra. d'Espérance estava estupefata, enquanto essas respostas eram transmitidas por sua própria mão. Ela não cessava de exclamar:

– É uma novidade; é uma revelação! E, entretanto, eu sou sempre a mesma!

– Mas, o que é impossível – disse-lhe eu – é que não tenhais sentido nenhuma mudança enquanto se produzia um fenómeno tão extraordinário, como é o da materialização.

– Efetivamente, eu sentia uma mudança – respondeu ela –, mas estava profundamente convencida de que era eu a única a experimentá-la.

– Podeis descrever-me essa mudança?

– *Eu tinha, no íntimo, a sensação de que estava no vácuo* – replicou ela.

Resposta bem significativa, em perfeita concordância com os fatos já mencionados e com as teorias que daí decorrem. A Sra. d'Espérance ainda não suspeitava que essa sensação do *vácuo* pudesse ser mais que um fenômeno puramente subjetivo.

Mais adiante, encontrar-se-ão os interessantes pormenores do longo interrogatório a que a submeti, as notas que tomei durante a minha estada em Gotemburgo e as suas impressões durante as sessões. Esses pormenores são de natureza única, porque é um médium único no seu gênero, ela que não fica em *transe* e toma conhecimento de tudo o que se passa em si e ao seu redor, durante uma sessão de materialização. Chegaram os tempos de fazer-mos esta publicação, pois temos as provas objetivas, visíveis e tangíveis destas asserções, que não podem ser tratadas unicamente como impressões subjetivas.

CAPÍTULO II

Descrição da sessão realizada pela Sra. d'Espérance, a 11 de dezembro de 1893, em Helsingfors, na Finlândia, onde o fenômeno da desmaterialização parcial do corpo da médium é comprovado pela vista e pelo tato

A Sra. d'Espérance teve a bondade, depois da sua estada em Helsingfors, em novembro de 1893, de vir passar na minha casa, em S. Petersburgo, cinco dias, durante os quais deu duas sessões que satisfizeram plenamente os assistentes. Quando voltou para a Suécia, ela passou dois dias em Helsingfors, donde recebi, então, a seguinte carta, escrita a pedido seu:

“Helsingfors, 15 de dezembro de 1893.

Senhor.

Atendendo ao desejo da Sra. d'Espérance, apresso-me a comunicar-vos os detalhes da última sessão que ela deu aqui, em 11 deste mês.

A sessão realizou-se na casa do engenheiro Senhor Seiling, estando tudo disposto quase do mesmo modo que nas sessões precedentes, apenas com a diferença de haver um pouco mais de claridade. Observei o seguinte:

Antes da sessão – A médium entrou no gabinete *amplamente iluminado* e sentou-se numa cadeira bastante larga e estofada, com o encosto, em parte, igualmente estofado. Tirou o pequeno xale que muitas vezes conservava sobre os ombros, nas sessões precedentes, pois o lugar em que estas se haviam realizado era maior e mais fresco. Propôs, mais tarde, utilizá-lo para atenuar a luz no gabinete, o que foi feito. Tirou as luvas e meteu-as no bolso. Antes de principia-rem as manifestações, nada retirou das algibeiras, nem mesmo o lenço. Notei com particular atenção estes fatos, porque, depois das últimas sessões, algumas pessoas perguntaram se o xale não tinha concorrido para as materializações assim como as luvas, que podiam passar por mãos, se ficassem encobertas pelo xale branco, enquanto a médium, sob o

aspecto de um Espírito, passeasse no gabinete contíguo. Ao ligeiro movimento que a médium fez, metendo as luvas no bolso, ouvi uma espécie de ruído de chaves ou moeda no dito bolso. Resolvi acautelar-me com o Espírito e observar se, no decorrer da sessão, esse ruído se repetia, pois alguém do círculo acabava de insinuar que a médium podia muito bem enganar-nos. Pareceu-me impossível que ela pudesse mexer-se sem ocasionar o mesmo ruído. No decurso da sessão, porém, não ouvi o menor barulho desse gênero.

Antes de começada a sessão, observei, ainda, que a médium cruzava as mãos no lado posterior da cabeça e que, com um movimento de lassidão, estendia-se um pouco na cadeira, apoiando a nuca sobre as mãos. Esse movimento, observado enquanto havia bastante claridade no gabinete, era muitíssimo natural e fez-me conjecturar que ela havia passado mal a noite no trem que a havia transportado de S. Petersburgo.

Durante a sessão – A sessão começa. No círculo, composto de quinze pessoas, era eu a terceira ao lado direito da médium. O meu lugar era muitíssimo vantajoso: tinha a médium diante de mim, num ângulo de 45°, e a parte superior do seu corpo desenhava-se distintamente em meio-perfil na cortina branca que pendia de uma das janelas do gabinete.

Eu estava tão próximo da médium que até podia vê-la distintamente na sua *toilette* clara, com as mãos e os pés estendidos um pouco para fora, e cruzados. Podia, pois, um pouco inclinada para a frente, ouvir e ver o menor dos seus movimentos. Não esperamos muito tempo. Uma mão e um antebraço estenderam-se para fora do gabinete, isto é, saíram de dentro do biombo atrás do qual havia um recanto onde ficava a médium. Sobre o fundo branco do cortinado da janela eu podia, perfeitamente, estudar todos os seus movimentos e os dos seus dedos. O punho era fino e a mão parecia ser de uma mulher.

Da mão pendia largo pano estofado de tecido transparente como a gaze, através do qual o cortinado da janela era im-

perfeitamente reconhecível. O estofado parecia mais encorpado do que o da janela.

Por várias vezes, a mão estendeu-se, apertou as das pessoas vizinhas; após isso, retirou-se. Pouco depois surgiu, do mesmo lado, uma aparição luminosa que estendeu a mão às pessoas que estavam mais próximas. Um membro do nosso círculo, o Sr. Seiling, entregou à aparição uma tesoura e pediu-lhe que cortasse um pedaço do seu véu. A aparição tomou-a e levou-a para a cabina onde estava a médium. Alguns minutos mais tarde, voltou e entregou a tesoura ao Sr. Seiling. Este exprimiu o seu pesar de não ter recebido o pedaço que pedira do véu e solicitou permissão para cortá-lo por si mesmo. Foi-lhe concedido. Ouvi distintamente o ranger da tesoura cortando o pano e, um momento depois, o Sr. Seiling disse-nos: “Ei-lo aqui.”

Enquanto os fenômenos se produziam, eu distinguia claramente a médium e suas mãos. Uma vez, inclinou-se ela para diante e voltou a cabeça na direção do fantasma, como que para vê-lo também.

Um fenômeno luminoso produziu-se na tapeçaria, dentro do biombo; dir-se-ia ser uma figura colocada atrás da cadeira da médium. Esta exalou um longo suspiro, como se lhe escapasse alguma coisa durante a sessão. O suspiro denotava uma sensação penosa. depois, pronunciou estas palavras:

– Alguém me tocou por detrás; eu o senti perfeitamente.⁶

O fenômeno acabou. Uma pessoa do nosso círculo pediu à médium que tomasse papel e lápis para o caso de os Espíritos quererem comunicar-nos alguma coisa relativamente aos preparativos a fazer, ou algo desse gênero. A médium não estava muito disposta a isso.

– Talvez valha a pena perturbá-los para escrever, disse. Entretanto, esperemos.

Tornou-se a fazer o pedido e passou-se-lhe um lápis e papel. Ela tomou-os, dizendo:

– Pois bem, vejamos o que vem.

Distingui nesse momento, muito nitidamente, a médium segurando o papel com uma das mãos e cruzando a outra por

cima. Do meu lado, na fenda lateral da cabina, uma mão, um antebraço e uma parte do braço mostraram-se àqueles que, estando sentados muito perto, puderam apertar essa mão. Quanto a mim, contentei-me com agarrar e apalpar um pedaço do longo véu pendente. Parecia um pouco úmido e de tecido fino. a mão pareceu-me maior do que aquelas que eu havia visto até então.

Pouco depois, pela mesma abertura da cortina, apareceu-me uma grande forma luminosa. Parecia querer sair do gabinete em que estava a médium; deu um passo para diante, mas retirou-se logo.⁷

Imediatamente, vimos um braço saindo do gabinete; estava muito alto, na mesma fenda lateral, e abaixou-se, lentamente, na direção das mãos da médium. No momento de tocá-las arrancou-lhe das mãos, com um movimento rápido como o relâmpago, o papel e o lápis, levando-os para dentro do gabinete. Ouviu-se distintamente um ruído como se se estivesse partindo o papel em dois pedaços, após o que a mão saiu ainda e estendeu os dois pedaços de papel ao capitão Toppelius, que os deu à médium. Esta segurava o papel entre as mãos (o lápis não lhe havia sido restituído), quando o braço luminoso abaixou-se novamente, porém com uma lentidão extraordinária, e arrancou, de novo, bruscamente, o papel das mãos da médium, a fim de levá-lo para o gabinete.

Ouviu-se logo o ruído produzido por um lápis escrevendo rapidamente e, um instante depois, a mão estendeu o papel fora do gabinete. A pessoa mais próxima, o Sr. Toppelius, tomou-o e ia de novo dá-lo à médium, quando a mão (o braço e uma parte do corpo tornaram-se então visíveis), com um movimento decidido, impediu-o de assim fazer, empurrando-o para o Sr. Toppelius, com um gesto significativo, apoiando-lho contra o peito.

Compreendemos, então, que as palavras escritas eram destinadas ao Sr. Toppelius. Após a sessão, fomos todos lê-lo e achamos escrito o seguinte: “Eu te ajudarei!” (*Jag skal hjälpa dig.*)

Isso estava escrito em sueco, com letras bem legíveis.

Não havia no gabinete cadeira ou mesa sobre as quais se pudesse escrever. Tudo se passou muito depressa e de modo bem nítido.

Enquanto esses fenômenos se produziam, eu via sempre, distintamente, a médium no seu lugar. Ela nos falava algumas vezes. Ao Sr. Toppelius aconselhou que metesse o papel na algibeira, a fim de o ler mais tarde, e isso enquanto a aparição era ainda visível.

De tudo o que se fazia, devo concluir que, no gabinete, duas mãos ao menos operavam sob uma força física e obedecendo a uma vontade bem determinada. As mãos não podiam pertencer à médium; deviam pertencer à aparição que estava ao lado e por detrás da médium, que estava sentada, cujas mãos vi, bem como o corpo, ouvindo-lhe também um grito de espanto, um “oh!”, quando o papel foi-lhe arrancado.

Observei, em seguida, que, esperando um novo fenômeno que tardava a produzir-se, a médium, gozando de um momento de repouso entre as manifestações, juntava as mãos atrás da cabeça, como tinha feito antes da sessão. Enquanto permanecia nessa posição, que reconheci ser motivada pelo seu cansaço da viagem, procurei induzir as pessoas mais afastadas a não interpretarem mal esse gesto das mãos sobre a nuca e seu movimento para estender-se.

Vistos de longe, esses movimentos poderiam ser mal interpretados; mas, *nunca quando o eram de perto*.

Alguns instantes mais tarde, as mãos da médium tornaram a cair sobre os joelhos. Vi, então, que os tateava e observei que ela se agitava cada vez mais. Isso me pareceu curioso: inclinei-me para diante e procurei, com o maior empenho, compreender o que se passava. A médium soltou de novo esse profundo suspiro que fazia supor alguma sensação bem desagradável.

Ainda alguns segundos e ela disse ao meu primeiro vizinho da esquerda, o Sr. Seiling:

– Dê-me a sua mão.

O Sr. Seiling levantou-se e estendeu-lhe a mão. A médium disse, então:

– Toque aqui.

O Sr. Seiling exclamou:

– *É extraordinário: eu vejo a Sra. d'Espérance, ouço-a falar, mas, apalpando a cadeira, acho-a vazia; ela não está aqui; apenas cá encontro o seu vestido.*

O tateamento parecia produzir uma viva dor na médium; ela, entretanto, convidou, ainda, várias pessoas a irem apalpar a cadeira.

Tomou as mãos do Sr. Toppelius nas suas e passou-as sobre a parte superior do seu corpo, até que, subitamente, tocassem o assento da cadeira; este exprimiu por diversas vezes o seu espanto e assombro, por meio de vivas exclamações.

A médium permitiu que cinco pessoas verificassem o fenômeno e, de cada uma dessas vezes, parecia sentir uma grande dor. Pediu de beber duas vezes pelo menos e, de cada uma delas, bebia com uma impaciência febril; estava visivelmente angustiada e, enquanto esperava a água, contorcia-se nervosamente.

Sobre o fundo branco da cortina da janela, eu via, distinta e nitidamente, a parte superior do corpo da médium, cada vez que ela se inclinava para diante. Por várias vezes, tateava no ar, procurando uma mão que ela queria guiar para fazer tocar a cadeira e a si própria.

Nessas ocasiões, eu via-lhe distintamente, não só a frente do corpo, mas também as costas, que se destacavam na cortina branca. A forma da sua cabeça desenhava-se tão nitidamente que até pude distinguir-lhe o cabelo. Não posso lembrar-me como a parte superior prolongava-se-lhe abaixo do talhe, mas do que estou certo é de que ela se via ainda abaixo do talhe; o que me pareceu um fato importante é que eu via, durante todo o tempo, *a médium da mesma altura que eu.*

Uma vez, inclinou-se para diante, como se faz quando se experimenta uma dor violenta. A parte superior do seu corpo

tomou, então, a atitude de quem, estando sentado, cruza as mãos sobre os joelhos e inclina-se acentuadamente para diante.

Nesse momento, ela se achava *diante* do encosto da cadeira. Não poderia achar-se detrás; o encosto ter-lhe-ia impedido de tomar a posição que eu indiquei. As saias conservavam-se estendidas, como o tinham sido durante a sessão, e se adelgaçavam até os pés. Parecia-me que se tornavam mais fofas à medida que eram apalradas pelos assistentes.

Alguém do círculo propôs que se terminasse a sessão, visto que já se esgotavam as forças da médium. Mas, esta se opôs e pediu para *continuar a sessão, até que suas pernas lhe fossem restituídas*.

Continuamos, pois, e eu tinha sempre o olhar atento para a parte inferior do corpo da médium, a fim de observar bem a reposição das pernas.⁸

Sem que se produzisse o menor movimento nos seus vestidos, ouvi a médium dizer: “Assim vai bem”; alguns instantes mais tarde, ela disse vivamente: “Ei-las aqui”. Quanto às dobras do seu vestido, eu as vi, por assim dizer, encherem-se e, sem que soubesse como, as pontas dos pés reapareceram cruzadas como o haviam sido antes do fenômeno.

Durante a produção deste, a atenção de todos estava presa à médium. A conversação tinha sido interrompida, tanto com a Sra. d’Espérance como com os membros do círculo, mas estes se agitavam, mudavam de lugar, caminhavam pelo quarto, etc...

Depois de cessado o fenômeno, o biombo atrás do qual se achava a médium foi mudado de lugar. Ela, então, puxou a sua cadeira para diante, temendo que o biombo lhe caísse por cima. Enquanto permanecia assim, sentada longe do biombo, e eu via distintamente suas mãos e seus pés, o biombo, novamente, mudou várias vezes de lugar.

Num momento dado, e a fim de assegurar-me de que eu tinha o espírito lúcido ao fazer todas as observações que acabo de relatar, procurei destacar meu pensamento daquilo que se passava em volta de mim e não fixá-lo em alguma

coisa indiferente ao assunto da sessão. Quis reconhecer se o meu pensamento obedecia à minha vontade. Fui bem sucedida. Em virtude desse fato, ousou, pois, afirmar que os fenômenos relatados, por pouco naturais que pareçam à minha razão, foram efetivamente produzidos e que a médium não fez nenhum movimento que contribuísse para a aparição ou desaparecimento dos ditos fenômenos.

Depois da sessão – Tive ocasião de ver um pedaço do tecido que foi cortado; era um tecido fino como a gaze e assemelhava-se a teia de aranha, sendo, porém, mais espesso e forte. Não parecia luminoso na obscuridade.

Entrei em conversação com a médium, a qual me disse ser-lhe desconhecido o fenômeno que acabava de dar-se. Parece-me que, até então, ela não tinha podido observar e comprovar, por si própria, as desmaterializações. Ficara, portanto, extremamente surpreendida quando, ao colocar as mãos nos joelhos, notara que a cadeira estava vazia. Querendo que o fato fosse verificado por outros, pediu ao Sr. Seiling que tocasse a cadeira. Acrescentou que tinha tido a sensação de que a parte inferior do seu corpo estava sempre no mesmo lugar, mas não podia ser percebida pelas suas mãos.

Resta acrescentar que não foi a médium quem comunicou o fenômeno às pessoas presentes, mas sim o Sr. Seiling, quando voltou para seu lugar.

Subcrevo-me, etc.

Vera Hjelt.⁹

CAPÍTULO III

Inquérito pessoal do Sr. Aksakof

Eu poderia, a rigor, contentar-me com todos os testemunhos e minúcias que me foram fornecidos, evitando, assim, uma viagem a Helsingfors; mas o caso de que se trata é de tal forma extraordinário, de tal forma inacreditável e, ao mesmo tempo, tão importante, que eu considerei um dever não desprezar nenhum meio para que a investigação fosse a mais completa possível. Nesse ponto de vista, um inquérito pessoal em Helsingfors parecia-me necessário, principalmente pelas razões seguintes:

1º – Antes de tudo, era-me necessário fazer o conhecimento pessoal daqueles que foram as testemunhas do referido fenômeno, e sobre o testemunho dos quais a questão capital devia ser resolvida: *Realizou-se ou não?*

O valor de um testemunho, como é lógico, depende muito da competência moral e intelectual daquele que o dá; era, portanto, essencial para mim certificar-me disso. Sobretudo em matéria de Espiritismo, é necessário ser tão prudente como desconfiado.

Uma longa experiência nesse domínio tem-me provado que os homens mais sérios, mesmo os dados a ciências positivas, podem ver as coisas de relance, quando se trata do Espiritismo.

O preponderante desejo de obter certos fenômenos a todo o custo tolhe, algumas vezes, todo o senso crítico e cega-o a respeito de tudo o que pode invalidar a realidade do fenômeno. Era, pois, urgente assegurar-me de que as testemunhas em questão não eram pessoas entusiastas, pouco dignas de fé. A cada uma das testemunhas tinha eu de fazer certo número de perguntas, a fim de verificar e completar o que me havia sido afirmado por escrito.

2º – Era essencial ver o próprio local onde a sessão se realizara, com o mesmo compartimento, a mesma disposição de cadeiras, etc.; porque, muitas vezes, as coisas mais simples, que escapam às descrições, mas que não escapam aos olhos, têm o maior valor para importância do fato.

3° – A fim de fazer uma idéia perfeitamente justa dos principais momentos dessa sessão memorável, eu tinha a intenção, uma vez no local, de repeti-la, reconstituí-la tanto quanto possível, com o auxílio das principais testemunhas. O Sr. Seiling (em casa do qual se efetuou a sessão) prometeu-me a sua assistência para esse fim e a Sra. Hjelt teve a gentileza de prometer-me fazer o papel de médium durante essa sessão simulada, com um vestido igual ao da médium. Prevalendo-me dessa amável proposta, pedi-lhe que encomendasse (à minha custa, bem entendido) um vestido do mesmo feitio, porque, neste caso, o feitio do vestido exerce um papel bem significativo, como veremos.

4° – Enfim, era para mim de grande importância fazer uma idéia exata da quantidade de luz que havia nessa sessão e do modo pelo qual a claridade se produzia. Sabemos, quanto às duas janelas do quarto, que a cortina branca de uma delas estava corrida, enquanto a outra se achava erguida. Convinha, pois, tomar em consideração a espécie e a quantidade de luz que podia provir de fora; a menor porção de luar poderia modificar muito a questão da claridade. Mas, segundo as informações colhidas, a sessão efetuou-se quando não havia luar. Eu devia, pois, fazer a minha viagem quando a lua se achasse nessa fase. Foi o que fiz, indo a Helsingfors em 18 de fevereiro de 1894, lá chegando no dia seguinte, depois de um trajeto de 14 horas, bem pouca coisa, se não fosse estar eu sujeito a algumas enfermidades que tornam as minhas viagens extremamente penosas.

Fui imediatamente à casa do Sr. Seiling, que logo me apresentou à sua esposa.

Receberam-me com a maior cordialidade; havíamos já trocado tantas cartas que até parecíamos amigos de longa data.

Sem perder tempo, passamos ao quarto onde se realizara a sessão e onde tudo havia sido disposto do mesmo modo que durante a mesma. Ali achei o mesmo biombo ou compartimento, coberto, do mesmo modo, pela cortina, e dentro do compartimento assim formado a cadeira na qual a Sra. d'Espérance se tinha sentado durante a sessão. Dos dois lados foram dispostas, em seus lugares respectivos, todas as cadeiras que haviam sido ocupadas pelos membros do círculo.

A primeira coisa que me chamou a atenção foi a exigüidade do local, onde as quinze cadeiras dos assistentes dificilmente encontravam lugar e, sobretudo, a ausência de espaço entre a médium e os seus mais próximos vizinhos; os joelhos e os pés deviam preencher tudo o que estava livre nesse espaço. Eis uma circunstância de grande valor, porque afasta, logo à primeira vista, toda a possibilidade de fraude.

Antes de tudo, A Srta. Hjelt procedeu à transformação de sua *toilette*, com o vestido branco, à moda principesca, que ela fizera confeccionar a pedido meu.

Assim que se vestiu, iniciou-me nos segredos dessa *toilette* e fez-me compreender porque a explicação dada pelo general Sederholm carecia de fundamento, isto é, porque, colocando-se atrás da cadeira, não se poderia cobri-la com o vestido para fazer crer que a médium estava sempre no seu lugar. O fato é que o vestido não se desabotoa, nem por diante nem por detrás, e precisa ser enfiado por cima, abrindo-se daí até à cintura somente.

Além disso, esse vestido precisaria de um forro completo de algodão, ao qual fosse cosido, porque, a não ser assim, o tecido, extremamente fino, não resistiria. Eis o que torna impossíveis todas as supostas fraudes, e eis também como as explicações inventadas arbitrariamente, sem investigação exata do fato, desvirtuam algo que nos parece inverossímil.

Depois dessas explicações sobre a *toilette*, que era de um gênero novo para mim, procedemos à repetição da sessão. A Srta. Hjelt tomou o lugar da médium e as testemunhas foram para os seus lugares respectivos: o Sr. Seiling à esquerda, a Sra. Seiling à direita, a Sra. Tavaststjerna à esquerda do Sr. Seiling (o capitão Toppelius ausentara-se de Helsingfors). Tendo em mãos a descrição minuciosa da sessão, feita pela Srta. Hjelt, comecei a lê-la. À medida que eu lia, interrogava as testemunhas a respeito de todos os incidentes da reunião, completando a descrição com uma representação figurada de todos os mais interessantes e mais notáveis movimentos.

A Srta. Hjelt deu-me, como resposta e representação, todos os detalhes, com tal precisão que logo se reconhecia que ela observara bem tudo o que reproduzia imediatamente a pedido meu, e sem que sua memória a traísse em coisa alguma.

Sua narrativa a respeito dessa sessão achava-se exata em todos os pontos; não tive a ajuntar senão algumas primícias que se acham nas notas. Assim, por exemplo, postando-se atrás da cortina e colocando-se a Sra. Seiling no lugar da médium, a Srta. Hjelt reproduziu, com uma fiel precisão, o incidente da aparição da mão, arrancando o lápis e o papel das mãos da médium. Por diversas vezes fiz esta pergunta:

– Nesse momento vistes bem a médium no seu lugar e as suas mãos segurando o papel?

Ao que a Srta. Hjelt respondeu sempre com uma afirmação completa. Este incidente é da mais alta importância, porque, estabelecendo o fato maravilhoso e inacreditável da *materialização*, implica a possibilidade de outro fato igualmente maravilhoso e inacreditável: a *desmaterialização*. Quando chegamos a este último incidente, a Srta. Hjelt tomou o lugar que ela realmente ocupava na sessão e mostrou-me como, levada por viva curiosidade, se aproximara, nesse momento, da médium, da qual a separavam apenas umas dez polegadas, sobretudo quando se inclinou para vê-la de mais perto.

Apliquei-me a estabelecer qual a diferença que a Srta. Hjelt poderia observar no aspecto do vestido da médium durante a desaparecimento das pernas, como era testemunhado pela Sra. Seiling. A Srta. Hjelt, estando sentada em um ângulo diferente do da Sra. Seiling, não pôde, naturalmente, ver o perfil do vestido da médium que se desenhava nitidamente à vista da Sra. Seiling; a claridade também vinha em auxílio desta, caindo de lado, no ângulo direito, o que não sucedia com a Srta. Hjelt, visto ter diante de si o fundo negro do gabinete.

Muitas outras questões que propus à Srta. Hjelt, por carta, foram, de novo, reiteradas e discutidas.

Cada uma das três outras testemunhas foi, igualmente, por mim interrogada sobre os incidentes que melhor poderiam ter

observado; assim o foram o Sr. Seiling e a Sra. Tavaststjerna sobre a aparição da mão ao seu lado – uma mão *direita* ao lado esquerdo da médium, e a uma altura considerável, provando que somente poderia pertencer a uma forma humana em pé e colocada por detrás da cortina. Finalmente, o Sr. Seiling também foi interrogado, bem entendido, sobre o incidente da desmaterialização que ele pôde observar muito cuidadosamente: pedi-lhe que me demonstrasse, na própria cadeira, de que modo a tinha tateado com as mãos, a pedido da Sra. d’Espérance, o que ele fez meticulosamente.

– Uma coisa falta ao vosso testemunho. – disse eu ao Sr. Seiling. – Por que não vos certificastes, pondo a mão atrás da cadeira, de que a médium ali não se achava?

– Essa idéia não me podia ocorrer – respondeu o Sr. Seiling –, pois por que iria eu procurar a Sra. d’Espérance atrás da cadeira, quando eu a via diante de mim, sentada na dita cadeira? Não deveis esquecer de que, nessa ocasião, dei, por uma vez, de beber à Sra. d’Espérance, conforme o seu pedido, permitindo isso que me assegurasse, com maior certeza ainda, de que ela estava no seu lugar.

A isso nada pude replicar. A Sra. Seiling, por sua vez, também foi por mim cuidadosamente questionada sobre as minudências do seu importante testemunho, as quais ela confirmou em todos os pontos e, principalmente, sobre o seguinte: “que o vestido da médium (saia), depois de ter pendido verticalmente sobre a cadeira, havia retomado pouco a pouco as dimensões e os contornos que deviam corresponder à reaparição das pernas e dos joelhos”.

Durante quatro horas, fatiguei essas quatro pessoas com a minha leitura, minhas questões e réplicas e adquiri uma convicção profunda de que tudo se havia passado exatamente como me fora atestado por escrito.

Para proporcionar aos leitores uma orientação melhor sobre a narrativa dessa sessão, pedi, ainda, às pessoas presentes que se reunissem mais uma vez, e tirei fotografias a propósito dos

incidentes mais notáveis, a fim de servirem de ilustração ao meu artigo.

* * *

Já eu disse que *o valor de um testemunho* depende muito do *valor pessoal* daqueles que o fornecem; chegou, pois, a ocasião de traduzir a impressão eminentemente favorável, por mim colhida, das quatro pessoas que deram uma afirmação tão importante do fato extraordinário que nos ocupa.

Encontrei no Sr. Seiling o homem de ciência positiva, pronto a estudar todo o fenômeno da Natureza sem prejuízos e sem idéia preconcebida.

É professor de tecnologia mecânica e de ensino geral de máquinas na Escola Politécnica de Helsingfors; é, pois, um homem habituado, em virtude de sua profissão, à precisão matemática, à medida exata das coisas, à observação e ao estudo dos fenômenos da Natureza, do ponto de vista mecânico.

Também fiquei admirado de ver no seu gabinete de trabalho o retrato de Mainländer; dizendo-lhe isso, expôs-me ele a sua predileção pelas doutrinas desse filósofo, doutrinas das quais havia feito um estudo especial que publicara sob o título *Ein neuer Messias* (Munique, 1888).

Assim sendo, pelo lado filosófico, a direção das idéias do Sr. Seiling não podia, de nenhum modo, ser considerada como favorável ao Espiritismo, pois Mainländer, como panteísta e discípulo de Schopenhauer, é completamente oposto a toda doutrina que aceite a persistência do princípio individual depois da morte. A co-participação do Sr. Seiling nas sessões de Espiritismo, pela primeira vez na sua vida, não foi, portanto, de forma alguma, motivada por uma predisposição em favor dessa doutrina e dos seus fenômenos; seu testemunho não foi influenciado por qualquer interesse pró ou contra a sua realidade.

As Sras. Seiling e Tavaststjerna devem também ser consideradas como excelentes testemunhas; de uma educação completa, de um espírito positivo e refletido, cada uma das suas palavras inspirava a mais completa confiança; elas contavam friamente o que haviam visto e observado e era bem evidente que não havia

nisso nem exageração, nem imaginação, nem opinião preconcebida.

Quanto à Srta. Hjelt, é necessário que os leitores formem, a seu respeito, um conhecimento mais amplo. Fiquei impressionado pela exatidão com que a Srta. Hjelt descreveu a referida sessão. Seu conhecimento pessoal não fez mais do que exaltar a opinião que eu já havia formado a seu respeito. Tive o prazer de ver diante de mim a encarnação viva da inteligência humana, ativa, prática e sã; e essa impressão foi plenamente confirmada pelas informações que me foram ministradas sobre esta senhora. Foi ela quem introduziu na Finlândia a marcenaria pedagógica e quem abriu, assim, para as mulheres, um novo campo de atividade – o do ensino dos trabalhos em madeira.

Fundou em 1885, em Helsingfors, uma instituição pedagógica de trabalhos em madeira, admitindo aí as crianças e os adultos dos dois sexos, tirados de todas as classes sociais.

Além disso, fundou, no ano passado, em Aggeby, perto de Helsingfors, uma usina a vapor para trabalhos no ébano. Esse estabelecimento confecciona móveis, aparelhos de ginástica, utensílios, etc.

Por aí se vê que a Srta. Hjelt não estava disposta, nem por natureza, nem por vocação, a deixar-se arrastar para o Espiritismo, antes de ter adquirido provas incontestáveis.

Considero, sobretudo, importante o fato de estas quatro testemunhas já terem realizado, antes, diversas sessões com a Sra. d'Espérance, porque, quando se conhece o gênero e o modo das manifestações a que se assiste, aprende-se a estudar seus lados fracos ou duvidosos e os pontos sobre os quais deve ser concentrada toda a atenção para chegar-se a uma conclusão definitiva.

No dia seguinte fui visitar o general Toppelius, com o fim de lhe agradecer os seus amáveis obséquios para comigo, dando-me, desde o princípio, os testemunhos concernentes a essas sessões, e para lhe fazer, ainda, algumas perguntas a respeito da Sra. d'Espérance, que, como se sabe, morou em sua casa. Lamentei profundamente que a sua esposa, a sua filha e o capitão Toppelius, os quais tinham assistido à sessão, se achassem

ausentes de Helsingfors. Lamentei, sobretudo, não ter encontrado o capitão Toppelius, filho do general, uma das mais importantes testemunhas do fenômeno de desmaterialização, como o prova seu testemunho sobre esta questão.

Dali fui à casa do general Sederholm, com quem já havia, antes, travado conhecimento.

Há alguns anos ele se tinha dignado fazer-me uma visita, levado pela admiração que lhe inspiraram as obras de A. J. Davis, e pelo desejo de me agradecer o tê-las feito aparecer em língua alemã.

O que há de notável no caso presente é que a senhora d'Espérance foi a Helsingfors depois dos seus pedidos incessantes e repetidos. O general foi em pessoa a Gotemburgo, para induzi-la a ir. Mas, a perspectiva de dar sessões no meio de pessoas desconhecidas, muito diferentes e muito pouco versadas no Espiritismo, não contribuía para que ela se decidisse.

Além disso, essa ausência de Gotemburgo, que devia tomar-lhe pelo menos um mês (o de outubro ou novembro), importava em sério prejuízo para os negócios da casa comercial que lhe estava confiada. A Sra. d'Espérance não podia decidir-se a aceitar esse convite, quando um acontecimento fê-la mudar de parecer. Ela escreveu-me, então, o que segue, em 26 de agosto de 1895:

“... Tivemos a satisfação, há pouco tempo, de receber a visita do general Sederholm. Ele se nos tornou simpático a todos e tivemos grande prazer com a sua visita, pequena, embora, como o foi. Desejava ele algumas sessões, mas estas não puderam realizar-se então, pois ninguém se achava em casa e eu não me sentia bem. Enviou-nos alguns livros por ele publicados sobre o assunto espiritualista e que estavam escritos em sueco.

Foi para nós uma grande surpresa saber que se tinha aprofundado tanto nesse mister; fiquei pesarosa e confusa por lhe haver recusado o meu concurso, a fim de que ele pudesse fazer mais amplas investigações, quando aqui estive. Sinto is-

so bastante e tratarei de remediá-lo, quando me for possível...”

Um pouco mais tarde, em 27 de setembro, a senhora d’Espérance escreveu-me:

“... A época da minha visita a Helsingfors ainda não está fixada e me é muito difícil deixar de lá ir, pois sinto que não tenho o direito de desprezar uma ocasião favorável de agir em benefício da causa. Não sei quanto tempo permanecerei ainda aqui, mas sentiria realmente se, podendo lá estar, não o fizesse.”

Finalmente, a 11 de outubro:

“... Escrevi, há um ou dois dias, ao Sr. Sederholm, para lhe dizer que tinha sentido muito o fato de lhe haver recusado o meu concurso, quando ele aqui esteve, mas que estava agora à sua disposição. Minha consciência já me não deixava em repouso...”

Foi assim que sucedeu ir a Sra. d’Espérance a Helsingfors, sendo ela, por isso, recompensada com um artigo insultante e injurioso que o general Sederholm publicou num jornal de Helsingfors, da maior circulação, onde ele dava claramente a entender que era a senhora d’Espérance, em pessoa, quem fazia o papel dos Espíritos. O amor da verdade cegou o general de um modo tal que ele esqueceu as mais elementares noções da cortesia e atirou ao rosto de uma senhora da mais alta distinção essa pesada injúria, com o seu nome impresso em todos os jornais, sem levar em consideração o fato de que a Sra. d’Espérance não faz profissão da sua mediunidade e que, se foi a Helsingfors, deve-se isso exclusivamente ao fato de haver sido solicitada pelo general, a fim de prestar-se a sessões particulares diante de algumas pessoas que se interessavam pelo assunto. O que é verdade é que o Sr. Sederholm esperava uma coisa muito diferente dessas sessões. Entusiasmado, provavelmente, pelas notícias chegadas da Suécia, sobre as maravilhosas sessões que a Sra. d’Espérance acabava de dar em Cristiânia (Oslo, atualmente), esperava obter os mesmos resultados, sem considerar todos

os trabalhos preparatórios que o círculo de Cristiânia se havia imposto para chegar a esses frutos.

Nada de mais complicado, de mais tenebroso, de mais enganador do que esses fenômenos de materialização! Só uma longa observação, em condições excepcionais, força-nos a admitir a sua realidade. Mas, a existência do fato está ainda longe da sua explicação. É preciso um estudo ainda mais longo e, em geral, uma grande experiência pessoal em Espiritismo, para comprovar que a *mistificação* aí nos cegue passo a passo, desde o mais simples estalido até o fenômeno complicado da materialização. Se as ilusões e as decepções têm sido e são ainda a partilha constante da ciência humana no estudo dos fenômenos *físicos* da Natureza, devemos reconhecer que há muito mais ilusões no domínio das investigações *psíquicas*. Durante séculos tem-se acreditado no levantar e no pôr do sol; mas, há quanto tempo se compreendeu isso? A mesma coisa sucede em Espiritismo...

Vemos esses fenômenos há meio século e, sem dúvida, serão observados ainda por muitos séculos; mas, quando serão compreendidos? Os espíritas experimentados, quanto mais o são, tornam-se cada vez mais reservados quanto à teoria e, principalmente, quanto à doutrina do Espiritismo. Mas, os neófitos, os simples de coração, os deserdados da sorte, as vítimas das atribuições e dos sofrimentos, que ele nos traz, acolhem-no de braços abertos. Estavam, igualmente, neste caso particular as necessidades do coração que levaram o general Sederholm a essas sessões. Ele procurava uma consolação, mas não queria ocupar-se com uma pesquisa sobre o próprio fenômeno. O ilustre general esperava ver aparecer sua filha, recentemente morta, quando, em vez dela, apenas apareceu o *duplo* (corpo astral ou perispiritual condensado) do médium, com o nome da menina. As comunicações escritas, coisa tão comum, tão quotidiana em Espiritismo, estão cheias de personificações análogas; mas ele não julgou necessário desmascarar como enganadores os médiuns que as haviam escrito. Uma mistificação escrita, ou uma falsa aparência, incomoda-nos menos do que uma mistificação sob a forma humana.

Parece que o general não estava, de modo algum, a par do que tem sido observado e publicado pelos espíritas, sobre a filosofia das materializações que, o mais das vezes, representam o *duplo* do médium. A forma materializada pode ter a mesma aparência que o médium, e isso não constitui uma prova de fraude por parte deste. O general ignorava isso! Movido por um sentimento desculpável, mas, também, por uma indignação imperdoável, do ponto de vista de uma pesquisa séria e prudente, apressou-se a lançar o artigo que atacava a honra da Sra. d'Espérance. Esse artigo excitou, em Helsingfors, o mais vivo protesto daqueles que tiveram ocasião de observar os fatos em completa contradição com as acusações do general; mas o protesto localizou-se em Helsingfors, ao passo que a calúnia se espalhava, sem réplica, pelo mundo inteiro. Na minha entrevista com o general, tive ocasião de convencer-me da sua incompetência sobre o assunto.

Quando lhe expliquei, em algumas palavras, os fatos de materialização e quando lhe contei meu encontro com Katie King, isso lhe fez o efeito de uma revelação. E, entretanto, declarou ter lido a minha obra *Animismo e Espiritismo*! Dali fui à casa do general Galindo, que eu conhecia desde alguns anos. Foi meu companheiro de viagem para Gotemburgo, em 1890. Também foram um interesse do coração, uma necessidade de consolo e socorro, nas tristes provas da vida, que o levaram ao Espiritismo. Ele assistiu, nessa época, a algumas das minhas sessões com a Sra. d'Espérance, mas não achou aí o que procurava.

Como se interessasse sempre pelo assunto, tomou, naturalmente, parte nas sessões de Helsingfors.

Conhecendo-o como um observador céptico, mas de honesto cepticismo, pedi-lhe que me pusesse ao corrente do que se passara, o que ele fez; mas nada viu de satisfatório, por falta de luz e mesmo por causa da obscuridade completa que a Sra. d'Espérance teve a fraqueza de autorizar, atendendo, assim, ao pedido dos assistentes, para dar maior intensidade aos fenômenos, os quais, seja dito desde logo, não eram, em coisa alguma, favorecidos pelos elementos discordantes de toda a espécie de neófitos. Quando interroguei o Sr. Galindo sobre a referida

sessão, respondeu-me que lá estava demasiado escuro para que pudesse ver alguma coisa.

Como externasse também algumas dúvidas, pedi-lhe que me desse o seu testemunho por escrito, sem nenhuma reserva; ele, porém, não o fez.

Para completar o meu inquérito, não me restava senão fazer uma visita a algumas testemunhas e, especialmente, às que faziam parte do grupo das cinco que haviam examinado a cadeira. Eram os Srs. Hertzberg e Boldt.

Graças à benévola apresentação do Sr. Seiling, esses dois senhores fizeram-me a gentileza de vir ter comigo ao hotel.

O Sr. e a Sra. Seiling, as Sras. Hjelt e Tavaststjerna tiveram a amabilidade de visitar-nos e, assim reunidos, examinamos, ainda, os prós e os contras desse fato tão extraordinário.

A pedido meu, o Sr. Hertzberg mostrou-me, em uma cadeira, o modo pelo qual havia tateado o lugar em que se achava a Sra. d'Espérance, no momento da desmaterialização. Moveu as mãos por todo o assento, mesmo até ao espaldar; como, duvidoso, fizesse eu esta pergunta: “Que é! Estais certo de haver passado as mãos até ao espaldar?”, ele respondeu-me:

– Sim, exatamente como acabo de vo-lo mostrar.

– E fostes vós quem deu de beber à Sra. d'Espérance, durante o fenômeno?

– Sim.

– Vistes-lhe a cabeça, os braços, o rosto, como se eles pertencessem a uma pessoa que estivesse sentada na cadeira?

– Sim, certamente; mas, para vos ser franco, devo dizer-vos que não observei o fato com a atenção crítica que ele merecia; imaginai que eu estava, nesse momento, sob a impressão (compreender-se-á facilmente) de que tudo isso não podia ser sério.

– E não vos assegurastes disso, passando a mão por detrás da cadeira, para ver se lá não se achava alguém?

– Bem pensei que deveria tê-lo feito, mas, justamente pela razão indicada, não o fiz.

Numa longa entrevista que ainda tive com o senhor Hertzberg, forneceu-me ele interessantes pormenores sobre as sessões da Sra. d'Espérance, às quais havia assistido. Diversos fenômenos eram tão extraordinários como positivos, pois havia conseguido verificar a simultaneidade das ocorrências e da presença da médium. Outros lhe pareceram duvidosos; por exemplo, quando ele conseguiu, com a própria mão, verificar a ausência do corpo da médium na cadeira onde esta deveria achar-se. Entretanto, aduziu que certas reflexões forçavam-no a concluir que isso podia não ser uma prova de fraude por parte da médium.

O Sr. Boldt não pôde dar-me um testemunho certo, pois não tinha tateado a cadeira, senão apressada e parcialmente. Tudo o que me pôde dizer foi que coisa alguma lhe parecera irregular, quanto à posição da médium na cadeira.

Não pude encontrar o Sr. Lönnbom, mas pedi ao Sr. Hertzberg, que o apresentara nessa sessão, para induzi-lo a dar-me um testemunho por escrito.

No dia seguinte, entrei em S. Petersburgo, muito contente com o resultado do meu inquérito e felicitando-me por ter podido, não obstante o meu estado mórbido, pô-lo em execução.

Que conclusão devo tirar de tudo o que precede?

Para responder a esta questão, resumamos as razões invocadas pró e contra a autenticidade do fenômeno.

Analisemos, primeiramente, as objeções:

1 – A principal objeção reside em que foi a *própria* Sra. d'Espérance quem dirigiu as mãos que apalparam a cadeira e que, por isso, o exame não foi livre.

Incontestavelmente, é séria esta objeção. Mas, coloquemos por um momento no lugar da Sra. d'Espérance e admitamos a autenticidade do fenômeno. Poderemos achar-nos, durante esse tempo, num estado normal? O imprevisto, a anomalia do fenômeno e o temor deveriam ter impressionado o seu espírito, com um horror e uma perturbação indizíveis; era uma questão de vida ou de morte. Compreendamos também o estado de excitação nervosa e terror pelo qual a Sra. d'Espérance declara ter passado e que, realmente, “nesse instante ela não sabia o que fazia”. E se,

por um lado, tomarmos em consideração a dor terrível experimentada pela Sra. d'Espérance, ao menor contacto “naquilo que podia muito bem ser uma parte do seu corpo” (dor essa que a fez comparar à dos nervos que, estando a descoberto, eram tocados brutalmente) e, por outro lado, a situação delicada e difícil para uma senhora, que convida homens a se aproximarem e verificarem a desapareição dos seus joelhos e das suas pernas, acharemos muito natural que a Sra. d'Espérance se tenha servido das suas mãos para conduzir as dos assistentes que deviam apalpar o lugar onde ela se achava sentada. Tem-se dito que ela ainda se achava com bastante presença de espírito para compreender toda a importância do fenômeno e, tanto, assim, que ela o fez verificar.

Esta objeção se destrói em face da afirmação cabal de duas testemunhas, os Srs. Seiling e Hertzberg, dizendo que, embora suas mãos tivessem sido seguras pela senhora d'Espérance, puderam examinar toda a superfície da cadeira, mesmo até o espaldar.

2 – A segunda objeção consiste em que nenhuma das testemunhas se assegurou, pelo tato ou pela vista, de que não havia ninguém atrás da cadeira da médium, durante a desapareição das pernas.

A objeção é séria, mas está completamente refutada pelos testemunhos confirmados de *seis pessoas*, das quais duas (os Srs. Seiling e Hertzberg) afirmaram ter visto muito bem a Sra. d'Espérance na cadeira enquanto procediam ao exame e uma (o capitão Toppelius) assevera que não somente viu toda a parte superior do corpo da médium na cadeira, mas também que a tocou com as duas mãos desde o encosto até abaixo, “descendo dos dois lados”. Que se pode pretender de mais evidente?

Temos, ainda, os testemunhos de três observadoras, as Sras. Seiling, Hjelt e Tavaststjerna, que certificam ter visto a médium, durante toda a sessão, *na cadeira* e, especialmente, durante a desmaterialização; que, além disso, observaram que o vestido pendia verticalmente da cadeira e que ele, em seguida, se tinha novamente enchido, sem que a médium se mexesse do lugar. Os testemunhos dos que nada disso viram não podem, portanto, em

caso algum, deprimir o valor dos testemunhos tão certos e explícitos dos que o viram.

3 – A terceira objeção poderia ser que tal desaparecimento da metade de um corpo, vivendo onde tinham desaparecido, por um quarto de hora, a carne, os ossos, o sangue, é uma impossibilidade, uma anomalia, um absurdo. Como teria podido a outra metade do corpo viver, falar, beber água em tal estado, etc.?

Compreendemos perfeitamente a força dessa objeção e tudo o que há de extraordinário em admitir fisiologicamente tal fenômeno. Mas, do ponto de vista vulgar, *todos* os fatos do Espiritismo são impossibilidades e, como por aí se repete, em oposição direta às leis eternas da Natureza. Os movimentos espontâneos dos objetos, a aparição momentânea de uma mão plástica... são, portanto, puros absurdos, meras impossibilidades. A isso o Espiritismo nada pode replicar, a não ser que tais fatos são verificados por milhares de pessoas e que é necessário estudá-los.

Para o caso presente, a única objeção séria é a de que o fato é único. Ele é verdadeiro e seria para desejar que fosse possível estudá-lo ainda várias vezes.

Depois dessas objeções, que considero suficientemente refutadas, é preciso que apresente, ainda, as reflexões seguintes, *a favor* do fenômeno:

1 – Um ponto de grande importância, na minha opinião, é a concordância desse fenômeno com a teoria espírita comum, sobre os fenômenos desse gênero e, em geral, com os fatos especiais e as hipóteses que já desenvolvi.

Se a Sra. d'Espérance tivesse simplesmente zombado dos assistentes, o fato contradiria todas as observações e investigações espíritas anteriores. O milagre por ela produzido não seria sustentável lógica ou historicamente e ela própria ter-se-ia tornado ridícula. O referido fenômeno deveria achar-se na “linha de prolongação” do princípio, como foi dito pelo Dr. Carl du Prel; e, efetivamente, é esse o caso.

2 – Na circunstância presente, a melhor prova da inteira boa-fé da Sra. d'Espérance reside no fato de que, desconfiando ela

própria, receando uma ilusão dos seus sentidos, não se antecipou em declará-lo como milagre. Não foi ela quem exclamou “não tenho mais pernas”; ao contrário, chamou logo o Sr. Seiling, sem dar a conhecer coisa alguma do que se havia produzido, pedindo-lhe que examinasse bem a cadeira e lhe dissesse se realmente estava ali sentada.

Fazendo – o que é muito importante – com que se conhecesse o fato que, para ela, era um fenômeno real e que, entretanto, parecia, aos outros, uma prestidigitação, *pedindo que se o examinasse no momento em que ele se produziu*, colocava-se à mercê dos outros, jogava uma cartada contra si própria. Certamente, se tivesse querido atordoar os outros; se pudesse, graças a uma grande presteza, colocar-se atrás da cadeira, sem que percebessem, no momento em que a atenção de pessoa alguma pudesse ser solicitada para esse lado, como o declarou o senhor Sedholm, ela teria compreendido que, depois de haver atraído para si a atenção de todos os assistentes, e especialmente das pessoas que lhe estavam mais próximas, seu regresso à cadeira, sem que pessoa alguma o observasse, seria uma impossibilidade.

Se houvesse querido maravilhar a todos com o seu milagre, ela, com esse regresso, seria absolutamente desmascarada.

3 – O meu inquérito, quanto ao local, foi, entre outras coisas, um testemunho bastante eloqüente contra a execução de tal regresso à cadeira. Com efeito, os vizinhos da direita e da esquerda achavam-se tão próximos da médium que sua passagem para se colocar atrás da cadeira, sem pisar os pés daqueles, era *materialmente impossível*.

Além disso, a médium deveria levantar-se da cadeira para operar a mudança de posição a que me refiro; e as testemunhas são unânimes em afirmar que ela jamais deixou a posição que tomara desde o começo da sessão – o que teria sido facilmente notado, sobretudo pela proximidade e por causa do vestido branco que envergava.

4 – Não posso deixar passar em silêncio uma observação pessoal, mas que é, para mim, de grande importância.

Por mais extraordinário que isso pareça, é certo que a Sra. d'Espérance nunca bebe água, nem durante nem depois das refeições. Só a bebe nas sessões de materialização, e muita, então. Eu o sabia, não só porque ela me avisara, mas também em virtude das minhas observações, quando ela esteve morando em minha casa. Muitas pessoas sabem que é necessário um moringue cheio d'água para essas sessões. Sabem também que, precisamente quando a sessão é boa, quando as materializações se estão operando, a Sra. d'Espérance bebe muito e, em geral, depois de cada aparição de uma figura inteiramente formada; mas, poucos sabem que, fora dessas circunstâncias ela nunca bebe água. Para mim, vejo no fato de ter ela bebido água, justamente durante o quarto de hora em que foi anunciada a desaparecimento parcial do seu corpo, a prova de que se produziu, nesse momento, um fato de desmaterialização. É claro que essa desmaterialização do seu corpo é um fenômeno concomitante, habitual das materializações que se produzem nessas sessões, mas do qual ela geralmente não se apercebe; e que essa sede intensa, precisamente durante o fenômeno, é motivada pela enorme perda de fluido vital que, provavelmente, se opera em seu corpo.

5 – Finalmente, devemos desprezar o estado de tensão nervosa cheio de terror e sofrimento em que se achava a Sra. d'Espérance durante esses sucessos e que foram confirmados pelos que a examinaram de perto, assim como seu estado de extrema prostração, logo após a sessão, e que tanto impressionou o general Sederholm? Seria isso uma comédia? Com que fim? As materializações não são ordinariamente acompanhadas de dores.

A Sra. d'Espérance forneceu-me também um testemunho por escrito e, lendo-o, chega-se à conclusão de que ele é sincero.

Durante minha visita a Gotemburgo, reconheci na Sra. d'Espérance uma mulher profundamente sincera e verdadeira; não tenho, por isso, o menor motivo para pôr em dúvida o que ela me diz, referente a esse caso extraordinário.

Escrevendo isto um ano após o acontecimento, não devo deixar ignorar os incômodos que esse sucesso lhe acarretou, em relação à sua saúde em geral e às suas faculdades mediúnicas em

particular, a tal ponto que todo o indício de mediunidade, mesmo o da simples escrita, desapareceu completamente.

Durante três meses assim estive; acreditava ter perdido a mediunidade para sempre.

O abalo dos nervos tinha sido tão grande que a Sra. d'Espérance não pôde, durante todo esse tempo, voltar a tratar dos seus negócios; o menor trabalho intelectual excedia as suas forças.

Sua estada na Baviera pareceu restabelecê-la; mas, apenas voltou a Gotemburgo, foi invadida pela prostração.

Nada disso, porém, se deu, na opinião do Sr. Sederholm e na dos que pensam como ele: a Sra. d'Espérance veio e partiu; o fenômeno em questão não foi mais do que hábil pelotica, da qual só se lembra para rir. Mas, para a Sra. d'Espérance as conseqüências do que ele chama pelotica são uma triste e longa realidade; quanto a mim, que sei quais as torturas que ela sofreu, entendo que não devo deixá-las passar em silêncio, pois vejo nisso a prova mais positiva de que o fato em questão não se podia comparar em coisa alguma a uma brincadeira.

Fazendo a soma dos dados *contra* o fenômeno e *a seu favor*, sou obrigado a concluir que a dos *prós* é muito maior do que a dos *contras* e que esse fenômeno é realmente uma verdade.

Compreendo perfeitamente que tal fato pareça fabuloso, inacreditável, *mesmo para nós outros, espíritas*, sem falar dos profanos, que, de qualquer modo, me considerarão louco; mas, se admitimos o fenômeno das materializações – e este é um fato indiscutível para nós – o fenômeno da desmaterialização é a sua conseqüência lógica e inegável.

As minhas explicações a propósito de Katie King parecem-me perfeitamente lógicas e aceitáveis e dão a chave da possibilidade racional do fenômeno em questão. Por que, pois, nos há de ele repugnar tanto? Por que um fenômeno extraordinário é sempre mais aceitável sob a forma de desiderato lógico do que quando o vemos com os nossos olhos e o tocamos com os nossos próprios dedos?

CAPÍTULO IV

Declaração pessoal da médium a respeito do seu estado durante uma sessão de materialização

A Sra. d'Espérance é, tanto quanto sei até agora, o único médium que não cai em *transe* (sono magnético) nas sessões de materialização.

É isso o resultado de um conluio seu com as potências invisíveis, quando as suas faculdades mediúnicas para as materializações foram descobertas, o que sucedeu como me foi contado pela própria Sra. d'Espérance, casuisticamente e do modo seguinte:

Um dia em que se achava visitando uma amiga, em Newcastle (1878), a Sra. Fairlamb, que era já conhecida como médium de materializações, ela demorou-se mais do que habitualmente, devido à impossibilidade de encontrar um carro. A Sra. d'Espérance não acreditava ainda nas materializações, embora de modo algum duvidasse da boa-fé da sua amiga.

Para passar o tempo e divertir-se um pouco, a senhora Fairlamb propôs à Sra. d'Espérance que se sentasse, sozinha, no gabinete que se havia instalado para as sessões.

Apenas a Sra. d'Espérance ali se sentou, toda risonha, uma *forma apareceu...* Naturalmente, não a deixaram mais em descanso. Mas, sabendo que os médiuns são, muitas vezes, acusados de fazerem o papel de Espíritos e por quantos desgostos eles passam, ela não mais quis voltar ao gabinete, *senão com uma condição*: era que não cairia em *transe* e conservaria, por todo o tempo, consciência plena de si, no caso de que os Espíritos pudessem operar nessas condições. Responderam-lhe que isso era possível e prometeram-lhe jamais a fazerem adormecer. Desse modo, estava convencida de que não a deixariam exercer inconscientemente o papel de Espíritos. Por isso, ficou, mais tarde, surpresa e desesperada de ter sido, por assim dizer, vítima de uma ilusão, quando soube que, achando-se sentada no gabinete e com plena consciência de si, o seu corpo podia ser conduzido para fora, a fim de exercer o papel que lhe impunham os

Espíritos. Isso foi-lhe uma revelação e, daí em diante, não aceitou sessões senão com a condição de lhe ser permitido sentar-se *dentro e fora* do gabinete.

Mas todas essas informações não são mais que um resultado secundário da visita que eu fiz a Helsingfors, em 1890. O que me pareceu de um interesse capital foi ter eu tirado partido dessa particularidade, assaz extraordinária, de poder questionar um médium sobre o seu estado físico e moral durante uma sessão de materialização.

A Sra. d'Espérance consentiu nisso; fiz as minhas perguntas e o Sr. Fidler estenografou as respostas, as quais, juntamente com aquelas, se acham mais adiante.

No embaraço em que, então, me achava de conciliar esse completo desdobramento do corpo da médium, essa completa exteriorização (segundo a linguagem do hipnotismo atual), com a convicção de que a médium jamais deixara o seu lugar no gabinete, resolvi-me a não publicar, por enquanto, essas respostas. Mas, hoje, depois do fenómeno sucedido em Helsingfors, fenómeno que pode servir de exemplo, como uma “demonstração *ad oculos*” do que se pode produzir em um grau muito mais elevado nessa fase de fenómenos mediúnicos, sinto-me autorizado a publicar os materiais seguintes, na persuasão de que tempo virá em que eles serão julgados pelo seu verdadeiro valor.

Perguntas do Sr. Aksakof e respostas da médium

1^a – Que sentis, corporal e moralmente, quando estais sentada em obscuridade, no gabinete, e as manifestações começam?

Resposta – Logo ao princípio, quando me sento e a cortina está descida, sinto que desejo saber se todos os assistentes se acham exatamente em seus lugares. Por todo o tempo que eu possa ver os assistentes, não sinto que os Espíritos procurem utilizar-se de mim; quando as cortinas são fechadas, minha atenção acha-se ordinariamente fixada sobre os assistentes, a fim de ter a sensação de que tudo está em ordem entre eles.

Habitualmente, experimento uma espécie de perturbação e sinto que tudo deverá estar em ordem entre os assistentes, antes

de sentar-me, a fim de não ser obrigada a ocupar-me com eles. Sinto-me, sempre, tomada de aparente confusão; enquanto ela não desaparece, não fico suficientemente tranqüila para que se possa produzir qualquer manifestação.

Quando tudo está calmo, não me importo com coisa alguma, nem mesmo comigo; e, quanto mais tempo permaneço em sessão, tanto menos me sinto inquieta.

Quando percebo que “há alguém no gabinete”, dou isso a conhecer, porque considero de meu dever avisar, de fato, as pessoas presentes, e não porque haja nisso um interesse qualquer para mim.

Parece-me que, se algum dos assistentes saísse do círculo, a cadeia ficaria interrompida, fato este que suspenderia as manifestações. Na última sessão, tive a sensação de que alguém procedeu mal; mas não sabia até que ponto, nem o que era.

A primeira sensação que tenho, quando me sento no gabinete e tudo está calmo ao redor de mim, é esta: guardo a impressão de que meu rosto e minhas mãos estão como que envolvidos por teias de aranha e sacudo logo o rosto e as mãos. Essa impressão passa; sinto então como se o ar ficasse cheio de substâncias e experimento dificuldade em respirar. Isto também passa e sei, então, que uma forma se materializa.

O começo das manifestações é essa sensação de teias de aranha, o que não se reproduz durante o seguimento da sessão, salvo quando esta é interrompida; neste caso, a sensação parece renovar-se. Quando as sessões não têm bom êxito, noto que essas teias de aranha permanecem aí por todo o tempo; mas, sucedendo o contrário, não há véus, nem formas, nem fios. Quando um pouco de luz atravessa as cortinas, posso ver a massa branca e vaporosa mover-se como o vapor duma locomotiva.

Várias vezes introduzi a mão nesse vapor, para senti-lo e examiná-lo, mas não poderei dizer que tive a sensação de tocar alguma coisa. Nem sempre sucede que eu veja isso e somente em raras circunstâncias tive a curiosidade de ver esse vapor movendo-se: não porque ele me interessasse particularmente, mas, sim, porque podia interessar os outros. Depois que essa massa de

vapor se agita e rola em todos os sentidos, durante alguns minutos, às vezes mesmo meia hora, pára de repente e sei que um ser vivo está ao meu lado. O vapor pode também produzir-se apenas por um instante, para que a forma apareça.

Tenho sempre uma sensação de vácuo, que começa logo que aparecem as teias de aranha; só noto isso ao princípio e nada sinto mais tarde; parece-me, porém, estar consciente de que essa impressão se conserva.

Quando começo a agitar-me, não tenho consciência do que faço; não posso dizer o que faz a minha mão; ou, se a agito, não posso indicar onde ela parará, o que é comparável à impressão dos movimentos n'água.

As leis de gravidade parecem ficar suprimidas. Sei que me torno, de alguma sorte, cada vez mais inerte e, embora o espaço entre mim e a extremidade do gabinete seja muito pequeno, parece-me que este desapareceu e que não mais existe, ali, limite.

Quando Iolanda ¹⁰ vem, parece chegar de muito longe.

2^a – Observastes o que se materializa em primeiro lugar: o corpo ou os véus? Alguma vez notastes ou suspeitastes que Iolanda se vestia a si própria? Observastes se, para a sua *toilette*, ela tomava alguma coisa dos vossos vestidos?

Resposta – Quando o vapor se transforma num ser vivo, não posso dizer se é a sua forma ou o vestuário que se condensa em primeiro lugar. A transformação é tão rápida que seria difícil dizer o que aparece primeiro: se o corpo ou o vestido. Iolanda vem, quase sempre, para perto de mim, logo que fica materializada. Quando se chega a mim, sinto sempre certo interesse por ela, embora nunca tivesse tido ocasião de vê-la anteriormente. A sua vinda é, de alguma sorte, uma surpresa, seja porque não percebo nenhum limite no recanto onde estou sentada, seja porque ela parece vir de muito longe; tal é o motivo do meu interesse.

Tenho posto a mão sobre ela e tocado nos seus cabelos; mas nunca tive a curiosidade de examiná-los atentamente. Na segun-

da-feira ela colocou a cabeça nos meus joelhos e senti os seus cabelos nas minhas mãos; seus ombros e braços estavam nus. Tanto quanto posso sabê-lo, ela jamais tomou roupa minha para vestir-se. Numa ocasião, a Sra. Fidler notou que Iolanda tinha uma guarnição de saia que parecia quase igual à da minha; mas esse adorno foi examinado atentamente e reconheceu-se que parecia ter sido lavado, passado a ferro e posto de lado durante algum tempo. Desde essa ocasião, uso sempre guarnições escuras nas minhas saias, quando tenho de ir às sessões, porque Iolanda traz sempre guarnições brancas.

Quando *Leila*¹¹ foi fotografada à luz instantânea do magnésio, notei que ela trazia um xale semelhante ao que eu possuía e havia sido ofertado a meu pai por Abdul-Azziz, em recompensa de um serviço que lhe prestou, quando ele dirigiu o cerco durante a guerra da Criméia.

Logo após a sessão, fui a minha casa ver onde estava o xale e achei-o dobrado e guardado no lugar habitual.

Quando Iolanda saía fora do gabinete eu a forçava, pela influência da minha vontade, a voltar, o que a punha de muito mau humor; ela queria que a deixasse sair.

3^a – Quando Iolanda aparece entre as cortinas vós a vedes distintamente? Que sentis, então, e por que não respondeis às perguntas?

Resposta – Quando Iolanda se coloca na abertura das cortinas e eu posso vê-la, sinto-me distraída e indiferente ao que se passa; sem dúvida, o motivo disso é que me acho demasiado fraca e sem forças para poder inquietar-me com qualquer coisa. Quando me interpelam, é-me preciso, em primeiro lugar, reunir meus pensamentos e minhas forças, a fim de poder responder. Sinto e penso de um modo vago, como se estivesse sonhando. Posso pensar e sentir, mas não posso mexer-me, pois tenho a sensação de estar paralisada.

4^a – Os movimentos do corpo, das mãos e dos pés de Iolanda produzem algum efeito reflexo sobre o vosso próprio corpo?

Resposta – Todo o movimento um pouco rápido da parte de Iolanda faz-me transpirar mais facilmente. Não sei onde ela se move; sinto somente que ela o faz e sei agora, por experiência, que todo esforço da sua parte esgota-me muito mais do que se eu o fizesse por mim própria.

Sucedem muitas vezes que, depois das sessões, o meu suor é de tal modo abundante que preciso mudar de roupa. No meu estado normal, ao contrário, eu, por assim dizer, nunca transpiro; quando tomo banhos turcos, é preciso grande calor para provocar-me a transpiração.

5ª – Quando Iolanda sai repentinamente do gabinete, vós o sabeis? Existe uma relação, um laço qualquer entre ela e vós? Sentis quando ela sofre o contato de um dos assistentes, ou quando ela própria o toca?

Resposta – Quando Iolanda está fora do gabinete, eu o sei, mas isso pode provir do fato de que a tenha visto sair. Quando ela se desmaterializa fora do gabinete, sinto que me torno mais forte e concludo, daí, que ela partiu; não posso, porém, dizer que o sei, como se isso fosse uma certeza. Quando se desmaterializa fora, não posso precisar se ela desapareceu completamente ou se entrou no gabinete, sem que eu a tivesse visto. Tudo o que sinto, quando ela se acha fora dali, é um temor nervoso sobre o que vai fazer, exatamente como se ela escapasse aos meus cuidados, e fico receosa de que cometa algo que não deve. Nunca penso em mim própria, mas somente nela, do mesmo modo como se tivesse aos meus cuidados uma criança confiada. O mesmo, porém, não se dá com os outros fantasmas; parece que nada têm comigo e não me importo com eles. Sinto-me curiosa a respeito deles, mas não me inquieto.

Pode ser que a minha inquietação quanto a Iolanda provenha do fato de se ter ela, às vezes, perturbado.

Assim, por exemplo, quando o Sr. George Jackson (100 High Street, Birmingham) esteve aqui, desde a primeira sessão, assistiu a uma dessas perturbações; quando Iolanda projetou os véus que a envolviam, acreditou ele que ela os tinha dado e tentou introduzi-los no seu bolso; apesar da sua presteza em fazê-lo,

parecia-lhe isso um fato importante. Mas tal coisa não era agradável a Iolanda e ela começou a mostrar-se descontente. Os outros assistentes disseram ao Sr. Jackson que abandonasse os véus, mas ele não compreendia o sueco e continuava a guardá-los.

Por fim, Iolanda pareceu ficar encolerizada e bateu o pé. O Sr. Jackson compreendeu, então, que havia cometido uma falta e devolveu os véus a Iolanda. Vi-a distintamente à entrada do gabinete, mas não podia ter idéia alguma do que lhe havia sucedido; vi-a somente bater o pé e puxar pelos véus. Quando Iolanda está fora e toca alguém, ou alguém a toca, sinto-o sempre.

Não sei quando ela toca um objeto, como, por exemplo, um livro, uma mesa; mas, quando agarra algo, sinto os meus músculos se contraírem, como se as minhas mãos houvessem agarrado esse algo. Quando Iolanda modelou a mão na parafina derretida, experimentei uma sensação de queimadura,¹² assim como me recordo de que, quando houve sessões na casa do Sr. Hedlund, uma noite, tendo ele aberto ao meio a cortina do gabinete, pareceu-me que, nesse momento, Iolanda deu com o pé num cavalete de pintura, porque senti, imediatamente, uma dor no meu pé; Iolanda, porém, nada sentiu. Mais tarde, a dor passou e só voltou no fim da sessão.

Há alguns anos, em Newcastle, tinha ela uma rosa na mão e um espinho cravou-se-lhe no dedo; no mesmo momento senti a picada no meu dedo. Em seguida, foi pedir a um dos assistentes que lhe retirasse o espinho, mas, como não a compreendessem, veio ter comigo para que eu lho arrancasse.

Exceto o sofrimento (quando, às vezes, algum era causado a Iolanda), não sinto que exista entre nós um qualquer laço que atinja a minha personalidade. Sinto que não perco coisa alguma, a não ser o meu sentimento corporal; sei que não tenho perdido a força de pensar, nem a de julgar, quando Iolanda aí está, pois minha razão é, ao contrário, mais lúcida do que em outra qualquer ocasião. Embora ela tome algumas parcelas do meu corpo, sei, entretanto, que não se apodera dos meus sentidos intelectuais.

6ª – Estivestes alguma vez em condições de ver Iolanda, quando ela se achava na câmara, longe do gabinete?

Resposta – Vi-a tocar o órgão, fora do gabinete. Ela havia levantado, por acaso, um pouco a cortina. Noutras ocasiões, também a vi do lado de fora: durante as sessões na casa do Sr. Hedlund, vi-a muitas vezes enquanto ela experimentava a luz para saber qual a que eu podia suportar; prendia as cortinas pela parte superior, de modo que eu pudesse vê-la. Também a vi quando ia examinar a câmara. Quando eu tinha a curiosidade de vê-la (e isso me sucede às vezes), faltava-me a força para abrir as cortinas.

Já vi Iolanda pelo menos seis vezes, completamente fora do gabinete; um dia, em Newcastle, ela veio ter comigo, fora do terceiro compartimento do gabinete, atravessando a câmara. Vi-a sair; perdi-a, então, de vista e nada mais soube, a não ser quando ela veio para perto de mim, na distância de alguns pés. *Fui em sua companhia* e ela colocou o braço em torno de mim, ajudando-me a caminhar até ao órgão. Noutras ocasiões, materializou-se ao meu lado, fora do gabinete; pude então vê-la tão bem como os assistentes.

7ª – Notastes, durante a sessão, mudanças, transformações no vosso estado corporal e intelectual, que correspondessem às manifestações?

Resposta – Segundo a formação dos fantasmas, sua dissolução e seus movimentos, tenho impressões corporais, como, por exemplo, uma sensação de vácuo e paralisia; as sensações passam logo que o fantasma desaparece. Mas sucede o contrário no meu estado intelectual; o poder das minhas impressões é muito mais vivo na primeira fase do que quando estou no meu estado normal, durante o qual não se produzem materializações nem fantasmas.

Sei e sinto tudo o que se passa fora do círculo. Vi que estáveis ausente,¹³ sei quando uma pessoa transita em qualquer parte da casa e mesmo muito mais nitidamente do que nas circunstâncias ordinárias. Ouvei soar o relógio da torre da igreja; pude ouvir

os silvos dos vapores no porto, bem como o ruído dos trens que subiam e desciam, o que me seria impossível no meu estado normal.

8ª – Entendeis o que dizem os assistentes entre si e, especialmente, quando se fala com Iolanda?

Resposta – Entendo os assistentes e parece-me também saber o que eles pensam; quando alguém fala com Iolanda, seja em que língua for, parece que sei o que se quis dizer.

Não os conheço pelo que eles fazem, mas pelo que pensam.

9ª – Iolanda vos toca algumas vezes? Que espécie de sensação experimentais, então?

Resposta – Quando toco Iolanda, sinto como se tocasse a mim própria; mas, como sinto que aí há quatro mãos, concluo que elas não são minhas. Sábado, quando ela tomou as minhas duas mãos, uma para segurar a guitarra, outra para dedilhar as cordas, tive a sensação de que eu mesma estava tocando as minhas mãos. As mãos dela estavam mais frias do que as minhas: eis a única diferença que se podia notar.

10ª – Tocais Iolanda quando o quereis e tanto quanto o desejais? É muito natural que procureis assegurar-vos de que existe, realmente, um corpo diante de vós.

Resposta – Jamais procuro tocar Iolanda quando ela não está perto de mim e não me pede que eu faça alguma coisa por ela.

Pude percebê-la bem no sábado (5 de julho de 1890), quando, estando ela muito atemorizada, se lançou sobre mim. Senti todo o seu corpo, as palpitações do seu coração, o sopro da sua respiração, ou, antes, julguei ter notado o bater do seu coração. Eu não podia compreender a causa do seu temor; era o som da guitarra que a agitava a tal ponto! Seus dedos estavam úmidos e, quando os colocou na minha face, pareciam estar sujos de terra, o que me levou a concluir que ela tinha estado mexendo na planta;¹⁴ eu sentia a areia.

Quando procuro tocar Iolanda, é sempre no começo da sessão; mais tarde, não tenho para isso nenhuma curiosidade, nenhum interesse.

Quando estendo a mão para tocá-la, não sinto coisa alguma, isto é, sinto como se aí nada houvesse. Entretanto, bem vejo que aí há alguma coisa ou alguém, quando as cortinas estão abertas; mais tarde, quando ela se desmaterializa bastante, perco todo o interesse; quando me toca, eu posso senti-la.

Não me lembro de ter achado Iolanda em meus joelhos; na maior parte das vezes, senta-se ela no chão, aos meus pés, e deita a cabeça nos meus joelhos; depois, levanta-se diante de mim e parece caminhar entre mim e as cortinas; embora não haja mais que um espaço de três ou quatro polegadas, ela pode passar por aí, o que, entretanto, não me causa a menor sensação. Quando se coloca aos meus pés, ou em meus joelhos, *não sinto peso algum.*

Não obstante isso, sábado, 5 de julho, senti o peso completo do seu corpo; habitualmente, porém, ela parece não ter peso algum.

Não me recordo se Iolanda tem passado por detrás de mim, porém *Ninia*¹⁵ fazia-o muitas vezes, ocasiões em que ela como que se entranhava na parede do gabinete, o que parecia não lhe fazer mal; Iolanda nunca o faz.

Uma pessoa viva, do porte de Iolanda, não teria podido mover-se assim, entre mim e as cortinas, sem que eu o percebesse.

11^a – Vistes alguma vez Iolanda materializar-se ou desmaterializar-se entre a fenda das cortinas, como já o vimos conjuntamente uma vez? Que sentíeis então?

Resposta – Jamais vi Iolanda desmaterializar-se; mas eu suspeitava disso após a sensação que tinha da volta das minhas forças. Quando estava em Cristiânia, lembro-me perfeitamente de ter tido a sensação da falta de ar respirável na câmara; e, por duas ou três vezes, como eu o *aspirasse fortemente*, ouvi os assistentes exclamarem: “*Agora ela (a aparição) esvaiu-se!*”. Uma vez, eu o fiz nessa intenção e ouvi a Sra. Fidler dizer: “*Neste momento ela se esvaiu de novo!*”.

12ª – Quando, no fim da sessão, Iolanda está pronta a retirar-se, sentis alguma coisa de particular em vosso corpo? Que sentis, antes e depois da sessão?

Resposta – No dia da sessão, penso sempre que um bom banho far-me-ia bem, porque não me sinto muito à minha vontade.

A razão disso é, segundo suponho, que Iolanda absorve, para se materializar, uma certa quantidade de substâncias dos assistentes; estas recaem sobre mim, em parte, e me produzem uma sensação de indisposição. Atualmente, tomo sempre um banho antes das sessões; mas até então, tomava-o depois, e não creio que me tenha feito mal, embora não esteja bem certa disso.

Sempre antes das sessões, mesmo com oito ou nove horas de antecedência, experimento uma sensação de formigamento em todo o meu corpo; quando sei que vai realizar-se uma reunião, sinto picadas nos pés, exatamente como se eu segurasse uma bateria elétrica; não tenho mais interesse por coisa alguma; algo me impede de pensar nisso. Prefiro, portanto, não saber que se projeta uma sessão.

Depois que elas se desenvolvem, tenho, habitualmente, náuseas seguidas de vômitos; provêm de eu ter absorvido alguns dos elementos dos assistentes,¹⁶ que Iolanda colhe para materializar-se. Durante o dia, antes da sessão, abstenho-me, tanto quanto possível, de alimentos.

13ª – Tentastes alguma vez reter, com as mãos, Iolanda ou seus véus? Era natural que procurásseis obter um pedaço desse tecido.

Resposta – Justamente outro dia, quando tomei a tesoura para cortar-lhe uma mecha de cabelos, não consegui segurá-la; ela era mais forte do que eu. A não ser isso, jamais procurei detê-la. Quando ela me apertou os punhos, deixando-me na impossibilidade de movê-los, eu estava desejosa de experimentar sua força.

14ª – Alguma vez vistes Iolanda face a face?

Resposta – Quando ela estava comigo, fora do gabinete, *seu rosto apresentava-se sempre velado*, de modo que eu não podia

vê-la; mas, em Newcastle, vi-a no meio da câmara, quando a cortina se abriu e a luz caía em cheio sobre ela; vi-lhe, então, as espáduas e os braços, tão distintamente como se houvesse visto os de outra pessoa. *Vi a dama francesa e percebia-a como se eu me estivesse mirando num espelho, de tal modo ela se parecia comigo.*

15ª – Era pelo rosto, pelas mãos ou por outras semelhanças corporais e intelectuais que vos reconhecíeis nela?

Resposta – Nunca observei semelhança comigo, nos traços fisionômicos de Iolanda, ou antes, nunca tive ocasião de verificar isso.

16ª – Nunca sentistes como se estivésseis em Iolanda, como se vossa consciência estivesse ligada a ela? Ou por outra: tendes constantemente a consciência de estar separada dela e de serdes sempre vós mesma, em vosso lugar, no gabinete? Podeis pensar e julgar o que se passa em torno de vós?

Resposta – Quando ela me toca, a sensação é toda semelhante à que eu experimento tocando-me a mim mesma. Não sinto como se fosse uma parte dela; mas sinto, ao contrário, como se ela fosse uma parte de mim.

O fato de Iolanda se achar em algum outro lugar não me impede de saber que me acho no meu próprio lugar no gabinete. É um fato claro e verídico e ninguém me poderia jamais tirar esta certeza, pois nela estou firme e é mais que uma simples crença. Mas, me reconheça aqui, e saiba que essa parte, que de mim mesma sai e respira, escapa à minha verificação, quer me parecer que ela é alguma coisa que me pertenceu e que está à disposição de um outro.

Não poderia dizer exatamente o que tenho perdido; sei, entretanto, que não perdi coisa alguma do meu ser, embora tenha consciência de que o novo ser me pertence.

Considero Iolanda como uma individualidade separada de mim; estou absolutamente certa de que ela possui sua própria individualidade, seus próprios sentidos, sua própria consciência, separada de tudo o que me pertence.

17ª – Quando percebeis que Iolanda é realmente uma individualidade diferente ou independente de vós, podeis indicar os caracteres morais ou intelectuais dessa individualidade? Quando vos sentais no gabinete, pensais em Iolanda? Desejais que ela venha?

Resposta – Ela tem tantas vontades e é tão caprichosa como uma criança, afigurando-se-me, mesmo, que tem o desenvolvimento correspondente a uma jovem de 13 a 14 anos, sem grande inteligência, mas simplesmente curiosa. Parece ter sido educada num meio civilizado; compreende e apreende facilmente; o traço mais notável do seu caráter é a curiosidade.

A princípio, quando se achou entre nós, parecia não saber o que era uma cadeira e experimentava o modo por que se deveria servir desse móvel; sentou-se sobre o espaldar da cadeira e caiu, ao passo que conhecia o modo de utilizar do papel e do lápis.

Manifestava grande curiosidade por tudo o que lhe traziam; compreendia o uso dos vestidos e das jóias e sabia enfeitar-se.

Iolanda jamais demonstrou afeição, a mim ou a qualquer outra pessoa; brinca livremente com os meninos do Sr. Fidler, porque está habituada a eles, e não por afeição.

Suponho que ela acha prazer em ocupar-se com alguma coisa. Se sucede que eu lhe peça uma coisa ou outra, por exemplo, flores, ela me as dá, porém um tanto enfadada, ao que parece.

Quando é outra pessoa que lhe faz esse pedido, ela a satisfaz com a maior boa-vontade; no entanto, sendo eu que o faça, não somente ela não deseja satisfazer-me, mas até, ao que parece, me encara com um ar de desconfiada, como se eu tivesse alguma vigilância a exercer sobre ela.

Parece-me que Iolanda faz as coisas porque deseja ser louvada e considerada inteligente. É possível que ela tenha feito progresso durante estes dez anos, pois Walter¹⁷ explicou que ela havia aprendido as primeiras letras do alfabeto, porém que ainda lhe restava muito a aprender.

Não procuro pensar em coisa alguma quando me acho no gabinete e também nunca desejo que Iolanda venha. Não sei se ela virá, mas somente que alguém virá. Evidentemente, se nada

sucedesse, eu me aborreceria; é por isso que, segundo julgo, devo ter o desejo da sua vinda.

18ª – Quando outros fantasmas aparecem, sentis que eles são uma parte de vós mesma, ou que vos são estranhos e, também, independentes de vós?

Resposta – Não experimento com os outros fantasmas o que sinto com Iolanda; sem ter olhado, sei se é Iolanda ou outra figura; não sei de que provém isso; apenas sinto a diferença.

Quando a aparição deu o nome de “Carlos” fiquei curiosa de saber o que isso era, mas sem qualquer interesse. Sentia que Iolanda era parte e que eu estava no meu estado normal; justamente na ocasião em que vos falei, percebi a diferença e, então, o fantasma chamado Carlos apareceu.

19ª – Iolanda alguma vez se manifestou por outro modo, *em sessão que não fosse a de materialização?*

Resposta – Não que eu saiba. Os outros Espíritos que se manifestam nas sessões deram, todavia, provas da sua presença em outras ocasiões.

Lembro-me de que, uma tarde, quando vivia ainda na Inglaterra, tendo uma criança aos joelhos e estando ambos a cantar, ouvimos uma voz acompanhar-nos.

A criança perguntou: “És tu que cantas, Ninia?”

Ela respondeu: “Sim.”

A criança subiu a escada a correr e, como não a encontrasse, exclamou: “Estás embaixo?”

E a voz respondeu, ainda: “Sim.”

Ela correu por toda parte a procurá-la, até que ficou fatigada. Ouvia a voz por toda parte, na casa.

20ª – Dizei-me quais foram as vossas impressões sobre a resposta dada por Walter, em 16 de junho de 1890, resposta que considerais uma coisa completamente nova, uma como revelação. Quero falar da vossa desapareção total, quando olhei bruscamente para dentro do gabinete.

Resposta – Antes da sessão de 16 de junho de 1890, tinha eu a convicção absoluta de que parecia não haver mudanças visíveis no meu corpo. Percebia bem que, durante as sessões, uma mudança se operava, mas acreditava que isso não pudesse ser observado por outra pessoa que não eu. Pelo que sei, podia sempre ver, sentir e ouvir, ou melhor, deverei dizer que, quando estou no gabinete, meu ouvido é muito mais apurado do que em qualquer outra ocasião, porque então percebo o tique-taque de uma pêndula na câmara ao lado ou no pavimento inferior, posso ouvir o ruído da cidade, por exemplo, as badaladas dos relógios nas igrejas, e ouço o tique-taque dos relógios de algibeira dos assistentes. É certo que os meus sentidos ficam mais apurados que habitualmente. Posso sentir os pensamentos, ou antes, tenho a sensação de percebê-los; ultimamente, tentei fixar os pensamentos assim sentidos e percebidos, de modo a poder repeti-los, mas não fui bem sucedida.

Se eu soubesse que tinha sido algumas vezes *transformada*, como Walter parece crer, jamais teria ousado dar sessões diante de pessoas que não tivessem cabal compreensão desse estado de coisas.

Às vezes passei com Iolanda fora do gabinete, de modo que os assistentes podiam ver-nos ambas, ao mesmo tempo.

Em muitas ocasiões, pude ver Iolanda diante de mim, ajoelhada, tocando o meu vestido ou dando-me um copo d'água. Falei-lhe, toquei-a, e desse modo pude convencer-me perfeitamente de que éramos duas individualidades diferentes. A primeira vez que notei em mim uma grande mudança, pois compreendi que era real essa mudança, foi nas sessões de fotografia do Sr. Hedlund, onde um Espírito-homem tocou-me; fiquei tão amedrontada que até tentei levantar-me e fugir para fora do gabinete; mas percebi que *não podia mover-me*.

Os assistentes observaram o Espírito que eu mencionei e viram-no dissipar-se pouco a pouco; ao mesmo tempo, eu sentia que me voltavam as forças e a sensibilidade.

Observações complementares do Sr. Aksakof

Eu não poderia completar melhor essas interessantes comunicações do que chamando a atenção dos leitores para a descrição tão simples e viva, dada pela Sra. d'Espérance, sobre o que ela conhece, pensa e sente durante uma sessão de materialização, estando sentada *fora do gabinete*, à vista dos assistentes, e que ela publicou no jornal *The Medium* (anos de 1892 e 1893) sob o título: *O que sente um médium quando os Espíritos se materializam*.

Não posso deixar de reproduzir aqui uma passagem que está em relação direta e especial com o assunto deste artigo e que descreve outro caso excelente desse estado de desdobramento em que se acha o médium, conservando a consciência. A Sra. d'Espérance fala por si mesma e é de se notar que tudo isto foi escrito antes do fato sucedido em Helsingfors. Eis o texto:

“Então, aparece outra figura, pequena e delicada, com os braços abertos. Alguém se levanta na extremidade do círculo, vem, e os dois se abraçam. Dá gritos confusos: “*Ana! Oh Ana!* Minha filha! Minha cara filha!” Então, uma outra pessoa se levanta e lança os braços em torno do Espírito; em breve, sucedem-se soluços, exclamações entremeadas de bênçãos. Sinto meu corpo mover-se daqui, dali; tudo se torna negro diante dos meus olhos. Sinto o braço de alguém em volta do meu corpo, um coração bater de encontro ao meu peito. Tenho a sensação de que alguma coisa se passa. Ninguém está ao pé de mim; ninguém me liga atenção. Os meus olhos fixam-se nessa figura branca e delicada, nos braços de duas mulheres enternecidas.

Deve ser meu o coração que ouço bater tão nitidamente; mas, há braços que me rodeiam; jamais senti um contato tão nítido. Começo a espantar-me. Quem sou eu? Sou a branca aparição, ou sou a que está sentada na cadeira? Serão minhas as mãos que estão em torno do pescoço da velha dama? Serão minhas as mãos que estão na minha frente, em meus joelhos? Serei eu o fantasma ou como deverei chamar àquela que está sentada na cadeira? Certamente, os meus lábios fo-

ram beijados; o meu rosto está todo molhado das lágrimas que correm abundantemente pelas faces das duas boas mulheres. Mas, como pode ser isso? É um sentimento terrível o da perda da sua própria identidade. Desejo apertar uma das suas mãos, que estão colocadas sobre os meus joelhos; é inútil – e tocar alguém, para saber exatamente se eu sou *eu* ou somente um sonho; se Ana sou eu e se, de algum modo, me perdi na sua personalidade.

Sinto os braços trêmulos da velha dama, seus beijos, suas lágrimas, as carícias da irmã, e acho-me em mortal angústia. Quanto tempo durará isso? Quanto tempo aí ficaremos juntas? Finalmente, que sucederá? Eu serei Ana, ou Ana será eu?

Em breve, senti duas pequeninas mãos deslizarem sobre as minhas mãos paralisadas; isso me conferiu, de algum modo, um pouco de ânimo; e, com um sentimento de viva felicidade, senti que eu ainda era eu própria, e que a pequena Joutte,¹⁸ aborrecida, sem dúvida, de ter ficado esquecida atrás das três figuras, e sentindo-se isolada, buscava relacionar-se comigo.

Como me fez bem esse contato, mesmo da mão de uma criança! Minhas dúvidas sobre aquilo que eu era, ou sobre o meu estado, passaram. Enquanto senti isso, o fantasma branco de Ana desapareceu no gabinete e as duas damas voltaram aos seus lugares, chorosas, bastante agitadas, mas muito felizes.” (*The Medium* – 1893, pág. 146).

CAPÍTULO V

Conclusões

Ao começar esta memória, disse que o fenômeno a que ela era especialmente consagrada tinha por fim projetar uma viva luz sobre diversos pontos ainda obscuros e confusos dos fenômenos de materialização. Limitar-me-ei a indicá-los em algumas palavras, sem entrar em minúcias mais amplas:

1 – O fato, tão freqüente, da semelhança do médium com a forma materializada acha sua explicação natural. Como essa forma é somente o desdobramento do corpo do médium, é natural que tenha todos os traços deste.¹⁹

Recentemente, ainda, durante as nossas sessões em Milão com Eusápia Paladino, tive ocasião de averiguar essa semelhança quanto às mãos e mencionei em meu livro *Animismo e Espiritismo* um caso em que a semelhança dos *pés* foi verificada por meio de moldagens em parafina. Quanto ao que concerne à *fisionomia*, temos as fotografias do Sr. Crookes, nas quais a semelhança de Katie King com a médium não pode ser posta em dúvida. Por conseguinte (o que é importante para a experimentação e a crítica), é evidente que essa perfeita semelhança não é uma prova absoluta de fraude por parte do médium. Foi assim que o general Sederholm pôde muito bem enganar-se, quando concluiu que era a Sra. d'Espérance quem fazia o papel dos Espíritos.

2 – Melhor ainda: Pode qualquer pessoa agarrar a forma materializada, segurá-la e certificar-se de que apenas tem em seu poder o próprio médium, em carne e osso; e isto não é, ainda, uma prova de fraude por parte do médium. Efetivamente, conforme a nossa hipótese, que se deve passar quando detemos à força o duplo do médium, materializado a tal ponto que não resta senão um *simulacro invisível* do seu corpo sentado atrás da cortina?

É evidente que esse simulacro, essa partícula mínima, sutil e etérea, será imediatamente absorvida pela forma já completa-

mente materializada, à qual não faltou mais que esse resto invisível.

Há perto de vinte anos, o Sr. Harrison, editor do *The Spiritualist*, de Londres, exprimiu-se sobre esse caso, do seguinte modo: “É claro que as duas formas devem reunir-se e que a parte menor se precipitará sobre a maior.” (*The Spiritualist*, 1876, pág. 256). Mas não sei como a coisa se passará, se o médium estiver “seguro”, com os pés e as mãos solidamente atados. Segundo a teoria, esses laços, com os nós perfeitamente lacrados, etc., deveriam conservar-se intactos e presos à cadeira do médium. Seria uma bela experiência! Mas não conheço caso semelhante, porque na prática espírita nunca se considerou necessário recorrer ao constrangimento, quando se está certo de que a participação do médium é nula.²⁰

3 – A hipótese em questão explica-nos a dificuldade que sempre existiu de se ver, ao mesmo tempo, a figura perfeitamente materializada e o médium; porque, como já disse, uma completa materialização exige, do outro lado, uma completa desmaterialização, resultando, daí, a invisibilidade do simulacro que supomos existir no lugar do médium. A mesma coisa se passa com relação às fotografias do médium e da forma materializada, que são extraordinariamente raras. Parece que essa dificuldade resulta do fato de não se saber onde existe a possibilidade de guardar o equilíbrio necessário na distribuição dos elementos materiais entre as duas formas.

4 – Como o demonstra a experiência, esse processo de desmaterialização e rematerialização não abrange somente os corpos orgânicos, mas também os inorgânicos, resultando, daí, que os laços e sinetes com que se prende o médium não oferecem garantia alguma. É, aqui, oportuna a seguinte hipótese quanto ao modo pelo qual se dá o fato: “Ou bem os laços são desmaterializados, ou bem o médium o é.”

Temos um exemplo notável no caso da Sra. Compton, que já citei minudentemente no primeiro capítulo. Encontramos, ainda, um exemplo análogo na experiência do Sr. Crookes, narrada pelo Sr. Blackburn. O pescoço, a cintura, as mãos e os braços de Miss

Cook foram presos pelo Sr. Crookes, com quatro cordões de linho, a quatro pontos de uma escada portátil, e os nós cosidos e lacrados. No fim de cinco minutos, a médium saiu do gabinete, livre de todos os laços, os quais jaziam, intactos, por terra (*The Spiritualist*, 1874, tomo II, pág. 285). Também posso citar uma experiência pessoal que obtive com o médium Léon Montet, que eu havia ligado com o maior cuidado e que, num instante, ficou livre de todos os laços, sem que o menor dos nós houvesse sido forçado (*Psychische Studien*, janeiro de 1882, pág. 1).

5 – Sendo incontestáveis esses fatos, a mesma hipótese explica, também, a penetração da matéria pela matéria e os transportes que são tão conhecidos na mediunidade. Eles ligam-se, evidentemente, aos que são mencionados acima. É ocioso citar aqui exemplos. Chamo a atenção dos leitores para o meu livro *Animismo e Espiritismo* e para a minha experiência com o anel de ferro que passou através do braço do médium Williams, mencionada no *Psychische Studien* de fevereiro de 1876. Baseando-se na mesma hipótese, o Sr. Harrison pormenorizou, quanto à explicação dos fatos de transporte e da penetração da matéria, no seu artigo “Teoria que encerra a explicação de algumas manifestações espíritas” (*The Spiritualist*, 1876, I, pág. 205), onde cita a minha experiência com Williams.

6 – A solidariedade do médium com a aparição torna-se evidente e perfeitamente compreensível.

Observou-se, por diversas vezes, que as impressões físicas experimentadas pela forma materializada repercutem no médium. Disso temos os primeiros indícios, e os mais comuns, nas experiências das cores transportadas sobre as aparições de mãos, e às quais me referi no livro *Animismo e Espiritismo*. Também citei, ali, o caso interessante de um golpe de faca vibrado num braço materializado, e cuja dor foi sentida pelo médium. Nas sessões da senhora d’Espérance, também se observou, por diversas vezes, que as picadas feitas nas mãos materializadas eram sentidas pela médium.

Eu próprio estive presente a uma sessão, durante a qual a forma materializada mergulhou as mãos na parafina derretida, exclamando o médium, ao mesmo tempo, que isso o queimava!

Temos, enfim, um caso único nos anais do Espiritismo, narrado por cinco testemunhas, e que esclarece essa solidariedade de um modo mais extraordinário. Numa sessão com o Sr. Monck, em presença e à vista dos assistentes, formou-se, saindo do lado esquerdo do médium, uma figura masculina. O médium permaneceu visível durante todo o tempo e a luz era boa.

Materializou-se a forma, completamente, e a sua fisionomia, as mãos e os pés foram examinados à plena luz do gás; além disso, ela levantou dos seus lugares, cada um por sua vez, os assistentes.

Isto, seja dito de passagem, prova que a hipótese da desmaterialização quase completa do médium, correspondendo à materialização quase completa de uma figura, como expliquei mais acima, não é, absolutamente, geral, pois, neste caso, o médium permaneceu corporalmente visível e tangível.²¹

Enfim, citarei textualmente o seguinte:

“Propuseram uma experiência única, isto é, que a forma bebesse um copo de água. O resultado foi que, enquanto o Espírito materializado *bebia diante de nós essa água*, de um modo visível, de forma que o ouvíssemos mesmo tragá-la, *essa mesma quantidade de água era logo rejeitada pela boca do médium*; tal fato confirma as provas análogas antigas, isto é, que, às vezes, senão sempre, reina uma comunidade de gostos e sensações entre as formas psíquicas e os médiuns por meio dos quais elas se produzem.”²²

É tradicionalmente conhecido que os espectros *têm medo da espada* e, mesmo nos casos mais recentes, encontramos fatos em apoio dessa crença. Assim, na obra de Glanvil intitulada *O demônio de Tedworth* (século XVII), lemos que o criado do Sr. Mompesson (na casa do qual “o demônio” não deixava ninguém em repouso), sendo perseguido à noite pelo espectro, ameaçou-o com a espada, produzindo isso, em resultado, a sua fuga. Uma vez, o espectro quis tirar-lhe a espada;²³ uma luta começou, mas,

logo que o criado se tornou senhor da espada, o espectro desapareceu. “Notou-se que ele procurava sempre evitar a espada.” (S. Glanvil, *Saducismus triumphatus*, ed. de 1688, págs. 325-326).

O Marquês de Mirville, na sua obra *Des Esprits et de leurs manifestations fluidiques*, citando vários incidentes do primeiro caso de Cideville, sucedido em 1851, conta, entre outras coisas, que o espectro, que se supunha estar no local onde produziu ruídos como de pancadas, procurava sempre evitar a ponta da espada, quando esta era dirigida contra ele.

O referido marquês cita diversas passagens de autores antigos, em apoio da tradição que menciona.

Segundo certas observações, agora feitas no novo e tão misterioso domínio do hipnotismo, a sensibilidade da superfície da pele é transportável a uma certa distância e pode formar uma espécie de camada sensível em volta do hipnotizado; este não sente, então, absolutamente nada, quando se lhe dá uma picada diretamente na pele, mas, se a picada visa a camada de ar, a uma certa distância do corpo, ele a sente. Esses fenômenos foram batizados com o nome de *exteriorização da sensibilidade*.²⁴

Vimos que a mesma coisa se produz nos fenômenos de materialização, os quais podem ser considerados como o desenvolvimento completo da exteriorização. É assim que se dão as mãos a experimentação e a tradição.

7 – Finalmente, o mistério da materialização recebe, senão uma solução, ao menos uma espécie de explicação. Isso não é mais um milagre, uma criação momentânea da matéria, de formas orgânicas humanas tiradas do nada, por assim dizer; é uma transformação, a transmutação de uma forma orgânica existente em outra. É, ainda, maravilhoso, mas não é miraculoso. A doutrina espiritualista ganhará com isso, porque ela tende a provar que o corpo não é somente o resultado do jogo das forças químicas, mas, sim, o produto de uma força organizadora, persistente, que pode modelar a matéria à sua vontade.²⁵

O corpo que conhecemos aparece como um revestimento material, apenas temporário. A supremacia do Espírito sobre a matéria torna-se evidente.

Num caso de simples desdobramento, quando o médium está em *transe*, verifica-se um fenômeno de equilíbrio e distribuição da matéria orgânica de *um* corpo entre *dois* corpos, conservando a identidade da forma que se deriva do princípio individual organizador. Quando esse fenômeno se opera sem que o médium esteja em *transe*, temos a prova de que a nossa autoconsciência não esgota o conteúdo do nosso ser psíquico e que o *eu* organizador pode, fora do *eu* consciente, agir e constituir um corpo. Quando o desdobramento se produz com variedade de forma em alguns órgãos, retendo completamente o tipo geral (como vimos no caso de *Katie King*, onde as unhas, as orelhas e a cor dos cabelos diferiam inteiramente dos da médium), temos a prova incontestável da força organizadora do *eu transcendente*, que não se atém ao modelo do corpo terrestre conhecido de nós e que ela anima.

Eis um começo de transformação.²⁶ Se a forma materializada não oferece mais nada de comum com o médium (como no caso de *Katie Brink*, da Sra. Compton, do qual faço menção no capítulo I), achamo-nos em face de uma transformação completa ou transfiguração.

Para quem ou para que é ela produzida? Eis a questão espinhosa e principal. É difícil supor que isso seja do mesmo *eu* individual, transcendente; e se, do ponto de vista crítico, essa forma responde a todas as exigências formuladas para a verificação de uma individualidade (vide *Animismo e Espiritismo*), temos a prova evidente de que um *eu* individual transcendente, que não é o do médium, apoderou-se somente da matéria orgânica deste para transformá-la segundo o seu desejo.²⁷

Mas, se assim é, não será mais simples, para esse *eu* transcendente, empregar o mesmo corpo ou o mesmo semblante, e transformá-lo naquilo que se deseja, sem recorrer à produção maravilhosa de um corpo completamente diferente do do médium?

Se existem fatos desse gênero, isso seria a prova positiva de que a materialização se reduz a um fenômeno de transmutação. Pois bem! Sim, esses fatos existem, mas são raros e estão disseminados na massa enorme dos materiais da literatura espírita.

Encontramos, a propósito, dois casos, num artigo de Miss Kislingbury (*The Spiritualist*, 22 de dezembro de 1876), onde ela apresenta casos de fantasmas em desdobramento, transfigurações e transformações.

Eis o primeiro, extraído de uma carta do Sr. Joy (América do Norte), já publicada no mesmo jornal de 17 de setembro de 1875:

“A Sra. Crocker, médium muito estimada em Chicago, contou-me, há algum tempo, os fatos seguintes:

Sob a direção do seu guia espiritual, ela começou, há meses, uma série de sessões para o desenvolvimento de uma nova fase de mediunidade; suas sessões eram circunscritas à sua família.

Uma tarde, quando o fogão do quarto projetava um belo clarão e quando a luz da lua também ali chegava, foi ela transformada; sua fisionomia mudou completamente de grandeza, forma e caráter; espessa barba negra apareceu-lhe. Todos os que se achavam à mesa viram a mesma coisa.

Seu genro, sentando-se imediatamente ao seu lado, disse, quando ela voltou a face para ele: “Oh! mas é meu pai!”. Após isso ele declarou que a imagem era exatamente a do seu pai, que estava morto.

Pouco depois, a Sra. Crocker ficou transformada numa mulher velha, de cabelos brancos. Essas metamorfoses operavam-se pouco a pouco, enquanto as testemunhas olhavam constantemente para a dita senhora... Ela conservava a consciência de si própria, mas experimentava viva sensação de picadas por todo o corpo, exatamente como se segurasse os pólos de uma forte pilha galvânica.”

O outro exemplo é tirado de *O Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec. O fato sucedeu-se em 1858, nos arredores de Saint-Étienne.

“Uma jovem de quinze anos gozava da singular faculdade de se transfigurar, isto é, de tomar, em momentos dados, todas as aparências de pessoas mortas; a ilusão era tão com-

pleta que se julgava ter a pessoa em presença, de tal modo eram semelhantes os traços fisionômicos, o som da voz e mesmo o modo de falar. Esse fenômeno renovou-se por centenas de vezes, sem que, para isso, a vontade da jovem contribuísse em coisa alguma. Ela tomou por diversas vezes a aparência de seu irmão, morto alguns anos antes; tinha dele não só o rosto, mas também o talhe e o volume do corpo. Um médico do lugar, muitas vezes testemunha desses efeitos extraordinários, querendo certificar-se de que não era joguete de uma ilusão, fez uma experiência.

Esses fatos foram narrados por ele mesmo, pelo pai da jovem e por várias outras testemunhas oculares, muito respeitáveis e dignas de fé. Ele teve a idéia de pesar a jovem durante o seu estado normal e, depois, durante a transfiguração, quando ela tinha a aparência do seu irmão, com a idade de vinte e poucos anos. Pois bem: reconheceu-se que, neste último estado, o peso era quase o dobro. A experiência foi concludente e impossível seria atribuir essa aparência a uma simples ilusão de óptica.”

Apesar de esses dois fatos serem citados por Miss Kislbury, como exemplos de transfiguração, a produção da barba, dos cabelos castanhos, e o aumento de peso comprovam suficientemente que um processo de transformação se opera, admitindo todavia a exatidão dos fatos relatados. Infelizmente, os detalhes de observação e os atestados diretos das testemunhas oculares faltam-nos, para podermos confirmar esses fatos, cuja importância é enorme, no caso de serem autênticos.

Um ponto notável a seu favor é que eles não estão em contradição com o princípio sobre o qual se baseia toda a materialização e formariam, desse modo, o transitório e inicial da transformação de um corpo orgânico em outro, sob a ação de uma força organizadora desconhecida.²⁸

Eis chegado o momento de mencionarmos uma outra espécie de observações, que apóiam também a teoria das transformações, mas que, infelizmente, são tão raras e tão insuficientemente descritas como as precedentes.

Assim, temos o fato seguinte, narrado pelo Sr. Simmons, num dos congressos da Associação Nacional dos Espiritualistas, efetuado em Londres no mês de dezembro de 1876:

“O Dr. Newbrough contara-lhe como ele ligou, para esse fim, a Sra. Compton, com cordas enceradas, e como fixou no soalho seu vestido de alpaca escura. Depois de tê-la prendido por esse modo, foi tomar o seu lugar no círculo dos assistentes, o qual se achava do lado de fora, e, em seguida, viu sair do gabinete uma forma que era menor que a Sra. Compton e que estava toda vestida de branco; seriam precisos, disse ele, trinta ou quarenta metros de pano para confeccionar essa vestimenta. O doutor foi convidado a entrar no gabinete e ali nada mais encontrou além da cadeira vazia da médium. Tornou a sair, falou com o fantasma e pediu-lhe um pedaço do seu vestuário. O fantasma disse: “Se cortardes algum pedaço, ele fará falta na roupa da médium” e acrescentou que “em tal caso, seria preciso presenteá-la com um vestuário novo”. Nesse meio tempo, ele cortou da vestimenta branca um pedaço do tamanho da sua mão, pouco mais ou menos. O fantasma entrou, depois, no gabinete e, passado um momento, o doutor também foi convidado a ali entrar, encontrando a médium presa pelas cordas apertadas e a sua saia fixada no soalho, como precedentemente; *e, no seu vestido negro, encontrou-se um grande buraco, exatamente do mesmo tamanho que o pedaço branco, um pouco antes cortado.* Mais tarde, o doutor cortou um pedaço das vestes negras para mostrar aos outros assistentes o orifício no qual entrava exatamente o retalho branco. Depois, fez examinar e analisar esses panos, verificando-se que, em tudo, eles eram semelhantes, embora de cores diferentes.” (*The Spiritualist*, 1876, II, pág, 257).

A mesma coisa foi observada, várias vezes, nas sessões da Sra. d’Espérance, onde, quando algum dos assistentes conseguia cortar clandestinamente um pedaço do véu que envolvia a figura materializada, reconhecia-se que algum pedaço do vestido ou da saia da Sra. d’Espérance havia desaparecido.

Eu não poderia relatar circunstanciadamente essas sessões, porque, desde muito tempo, não tenho podido registrá-las, em virtude do enfraquecimento da minha vista. Sei apenas que, no caso da Sra. d'Espérance, ninguém tem feito experiências nesse sentido. Isto foi descoberto por acaso e sempre somente depois da sessão. Durante as minhas sessões em Gotemburgo, eu quis fazer uma tentativa desse gênero e, para isso, encomendei para a Sra. d'Espérance uma *toilette* especial; mas não tive ocasião de fazer esse ensaio, limitando-me a prosseguir na observação para a qual fui expressamente a Gotemburgo. Notemos, entretanto, que, quando se corta algum pedaço com a permissão do fantasma, como no caso a que me referi no *Psychische Studien*, de 1893, págs. 341-394, não resulta daí surpresa alguma para a Sra. d'Espérance, e o seu vestido conserva-se intacto.²⁹

Se pudéssemos estabelecer um só fato desse gênero, de um modo indiscutível, também teríamos nisso um fenômeno fazendo época, como aquele a que é consagrado este pequeno trabalho, e além disso, não só uma prova efêmera e passageira como nos casos de materialização de corpos orgânicos vivos, mas também uma prova duradoura como os nós de uma corda sem extremidade obtidos pelo Prof. Zöllner.

Do ponto de vista de uma crítica imparcial, devo reconhecer que o fenômeno de desmaterialização parcial do corpo da médium, a que me refiro, está ainda bem longe de poder ser considerado como positivamente fundado. Seu principal defeito é que ele é *único e inesperado*; as testemunhas, não contando com ele, não podem, em presença de tal acontecimento, conduzir-se com a prudência necessária para a verificação de um fato tão extraordinário.

Mas, do modo em que está, pareceu-me ele suficientemente firmado em provas, para ser o objeto desta memória.

Agora que o fato está reconhecido, não resta mais que uma coisa a desejar: sua *reprodução* nas melhores condições possíveis para uma excelente observação e, sobretudo, num círculo bem a par dessa questão. Temos, para isso, um auxílio importante na própria pessoa do médium, que nada quer a não ser uma investigação conscienciosa e que ofereça, a esse respeito, condi-

ções excepcionalmente favoráveis, vez que, não caindo em transe durante a sessão, é acessível à observação e, por si mesmo, se constitui um excelente observador.

Mas, para que esse fenômeno possa renovar-se com a Sra. d'Espérance, é necessário, antes de tudo, que sua saúde se restabeleça e que sua mediunidade, suspensa após o abalo físico e moral por ela experimentado em Helsingfors, torne a aparecer. Segundo as últimas notícias que ela me forneceu, uma melhora no seu estado de saúde produziu-se, enfim, e sua mediunidade começa a renascer. Esperemos, pois, que não seja ela vitimada por esta causa, que, até à época presente, só lhe tem trazido desgostos, decepções e ataques, em troca de toda a abnegação e de todo o devotamento de que sempre deu prova.

Repiofka, Penza, 11/23 de julho de 1895.

Alexander Aksakof

APÊNDICE

História das aparições de Katie King

Conforme os documentos ingleses

“As experiências, as mais célebres e as mais definitivas e sobre as quais parece impossível pairarem quaisquer sombras de dúvida, são, indubitavelmente, aquelas levadas a efeito por Sir William Crookes.”

Charles Richet

Primeiras aparições de Katie King

Os grandes médiuns, que são muito raros, não se improvisam. É necessário algum tempo para que cheguem a obter fenômenos físicos. Por um lado, o médium precisa de exercício e, por outro, o Espírito que dirige as manifestações é obrigado a exercitar-se, a fim de manejar os fluidos sutis com a maior precisão.

Os grupos espíritas que obtêm melhores resultados são aqueles em que os assistentes, uma vez escolhidos, conservam-se sempre os mesmos. Cada adição ou falta de um membro torna necessário um novo trabalho para os Espíritos e, em consequência, os resultados serão tanto mais retardados.

Os primeiros fenômenos físicos de aparições foram assinalados em 1871, primeiramente na América do Norte, pela mediunidade da Sra. Andrews, uma serva irlandesa de trinta anos, mãe de três meninas. As sessões efetuaram-se na casa do seu patrão, Sr. Keeler, na Morávia, durante quatro ou cinco anos.

Começou-se pelas sessões em plena obscuridade; ouviam-se, então, vozes e notas de piano; os assistentes eram tocados na cabeça por mãos de Espíritos.

Estrelas luminosas passeavam por toda parte; quando se faziam perguntas, os Espíritos respondiam *sim*, fazendo aparecer três luzes. Quando a sessão, nos moldes assinalados, tinha durado bastante, uma voz de Espírito pedia a lâmpada, depois o médium ia colocar-se atrás da cortina e as aparições começavam.

Via-se, nesta parte, aparecerem numerosos Espíritos, que se mostravam por uma abertura da cortina, estando o médium assentado por detrás. Uma lâmpada projetava seus raios sobre as aparições.

A notícia dessas manifestações foi recebida com incredulidade na Inglaterra. Os médiuns ingleses tentaram obter os mesmos fatos nas sessões em obscuridade. Figuras formaram-se nas sessões da Sra. Guppy e, depois, os Srs. Herne e Charles E. William obtiveram as mesmas manifestações na obscuridade; os Espíritos mostraram-se sustentando uma bola luminosa nas mãos; essa luz aclarava-os suficientemente.

Na mesma época, isto é, em fins de 1871, os primeiros fenômenos operaram-se na presença de Florence Eliza Cook, uma menina de quinze anos. Seu pai tornou-se membro da Associação Espírita de Dalston, cuja sede era no nº 74, Navarino Road, Dalston, Londres, Este. É o que explica a atenção que foi dada ao desenvolvimento da bela mediunidade da jovem Cook, tornada tão célebre pelas investigações do Sr. William Crookes. Esses fenômenos, em qualquer outro lugar, teriam sido ocultados ou desprezados. A história de Miss Cook é muito interessante. Os principais detalhes foram recolhidos e publicados num volume, pelo Sr. Epes Sargent, de Boston, em 1875, tendo sido fornecidos pela própria Srta. Cook, em carta dirigida ao Sr. Harrison, em maio de 1872, e cujo texto segue:

“Tenho a idade de dezesseis anos. Desde minha infância, vi Espíritos e ouvi suas vozes; eu tinha o hábito de assentarme sozinha e conversar com os Espíritos que me rodeavam e aos quais eu tomava por pessoas vivas. Como ninguém pudesse vê-los nem ouvi-los, meus pais tentaram fazer-me crer que isso era um produto da imaginação, porém não mudei de opinião e, por isso, eles me consideravam uma menina muito

excêntrica. Na primavera de 1870, fui convidada para ir à casa de uma amiga de colégio. Perguntou-me ela se eu tinha ouvido falar de Espiritismo, ajuntando que seu pai, sua mãe e ela, tendo-se reunido em volta de uma mesa, haviam obtido movimentos e que, se eu quisesse, eles fariam, naquela noite, uma experiência comigo.”

Florence Cook pediu a permissão de sua mãe, e a primeira sessão realizou-se. Uma comunicação foi-lhe dada por um Espírito que se dizia sua tia; depois, quando ela ficou só na mesa, esta se levantou a uma altura de quatro pés. Miss Cook continua a narrativa das suas primeiras sessões:

“Entrei em casa muito surpresa pelo que tinha visto. Alguns dias depois voltei com a minha mãe, para fazer uma segunda sessão. Os Espíritos deram-nos algumas provas de identidade, porém elas não nos mereciam confiança. Enfim, uma comunicação por pancadas foi-nos dada, dizendo que, se quiséssemos providenciar a obscuridade, eu seria levada em volta da sala. Dei uma gargalhada, não acreditando que isso fosse possível; apagou-se a lâmpada, mas a obscuridade não ficou completa, visto entrar luz pela janela. Em breve percebi que seguravam na minha cadeira. Fui erguida até ao teto. Todos puderam ver-me no ar. Eu estava muitíssimo atemorizada para poder gritar e, sendo conduzida por cima das cabeças dos assistentes, fui depositada sobre uma mesa na extremidade da sala. Minha mãe perguntou, então, se podíamos ter fenômenos em nossa casa. A mesa respondeu *sim, e que eu era médium*. Na noite seguinte todos se reuniram em nossa casa. Os Espíritos quebraram-nos uma mesa e duas cadeiras e ocasionaram numerosos prejuízos.

Desde então, declaramos que não queríamos tornar a fazer sessões. Os Espíritos começaram a atormentar-nos. Livros e outros objetos foram lançados contra mim; as cadeiras passeavam sozinhas, a mesa erguia-se violentamente *durante a refeição* e ruídos terríveis atordoavam-nos pelo meio da noite. Enfim, cedemos: reunimo-nos em volta da mesa para conversar com os Espíritos. Eles disseram-nos que fôssemos

ao nº 74, Rua Navarino, onde encontraríamos uma associação espírita. Ali fomos, minha mãe e eu, por curiosidade: o endereço era exato. Lá encontramos o Sr. Thomas Blyton, que nos convidou para uma sessão. Também ali conhecemos o Sr. Harrison, que pediu para assistir a uma das nossas sessões. Então, não mais duvidamos da realidade da comunicação dos Espíritos. Comecei, desde esse momento, a cair em *trance*.³⁰ Pela primeira vez, um Espírito fez-me falar e anunciou a meu pai que, se eu fizesse sessões com os Srs. Herne e William, obteríamos vozes celestes na mesa.

Reunimo-nos diversas vezes com esses senhores e, finalmente, obtivemos os fenômenos anunciados. O Espírito que dirigia essas sessões dizia chamar-se Katie King.

Em 21 de abril de 1872 efetuou-se nova reunião com Miss Cook e o Sr. Herne; a descrição foi feita pelo Sr. Harrison, no seu jornal *The Spiritualist*, que apareceu, então, em Londres. Um incidente curioso produziu-se: de repente, ouviu-se bater sobre os vidros e, abrindo-se as vidraças da janela, nada se descobriu. A voz de um Espírito fez-se ouvir, exclamando: “Sr. Cook, é necessário que mandeis desentupir a goteira, se não quiserdes que a vossa casa fique alagada. A goteira está obstruída.” Muito surpreendido, ele procedeu a um exame imediato. Era verdade! Tinha chovido e o pátio da casa estava cheio da água que transbordava. Ninguém soubera desse incidente, antes de o Espírito o ter comunicado por essa forma extraordinária.”

Seguindo-se o desenvolvimento da mediunidade de Miss Cook, vê-se como todos os fenômenos se produzem cada vez mais poderosos e extraordinários. Chegaremos, em breve, ao apogeu das suas forças magnéticas.

Até então, as sessões espíritas de Florence Cook efetuavam-se na obscuridade. O Sr. Harrison quis remediar esse inconveniente e fez diversos ensaios com luzes diferentes, na casa do Sr. Cook. Obteve uma luz fosforescente por meio de uma garrafa aquecida que continha, interiormente, massa fosfórica com óleo de cravo da Índia.

Em 22 de abril de 1872 realizou-se uma sessão, estando presentes a Sra. Cook com os filhos, a tia e a criada. O Espírito Katie King materializou-se parcialmente, pela *primeira vez*.

Miss Cook não dormia durante a experiência, conforme consta da seguinte carta que ela dirigiu ao Sr. Harrison, em 22 de abril de 1872:

“Ontem, depois do meio-dia, Katie King disse-nos que tentaria produzir alguns fenômenos, se mandássemos fazer um gabinete escuro, com cortinas. Acrescentou que seria necessário lhe darem uma garrafa de óleo fosforescente, porque não podia tirar de mim o fósforo necessário, em virtude de estar pouco desenvolvida a minha mediunidade; ela desejava iluminar sua figura, para tornar-se visível.

Encantada com a idéia, fiz os preparativos necessários; tudo ficou pronto às 20:30 de ontem; minha mãe, minha tia, meus irmãos e a criada tomaram lugar pelo lado de fora, sobre os degraus da escada. Deixaram-me, sozinha, na sala das refeições (eu estava com muito medo).

Katie mostrou-se pela abertura das cortinas; seus lábios agitaram-se e, por fim, puderam falar. Conversou com mamãe durante alguns minutos e todos puderam ver o movimento dos seus lábios.

Como eu não podia vê-la muito bem do lugar em que estava, pedi-lhe que se virasse para mim. O Espírito respondeu-me: “Certamente, eu também o quero”, e então vi que a parte alta do seu corpo estava formada somente até ao busto, sendo o resto da aparição como um nevoeiro vagamente luminoso.

Katie começou, após alguns instantes de demora, a trazer folhas frescas de hera; não as havia semelhantes no nosso jardim. Depois, viu-se aparecer, por fora da cortina, um braço e uma mão, sustentando a garrafa luminosa. Uma figura mostrou-se com a cabeça coberta por um turbante branco. Katie aproximou a garrafa dessa figura e todos perceberam-na distintamente. Conservou-se aí por dois minutos e, em

seguida, desapareceu. Era de rosto oval, nariz aquilino, olhos vivos e boca muito bela.

Katie pediu a mamãe que a olhasse bem, pois sabia que a sua aparência era lúgubre. Quando a mim, fiquei muito impressionada quando o Espírito se me aproximou; eu estava bastante comovida para poder falar ou fazer qualquer gesto. A última vez que ela se mostrou na cortina foi durante cinco minutos e encarregou mamãe de pedir-vos que viésseis aqui, um dia desta semana. Katie King terminou a sessão invocando o auxílio de Deus para nós. Testemunhou-nos a sua satisfação de ter podido mostrar-se aos nossos olhos.

Katie não se servia de tubos para falar-nos. Mamãe declarou que sua face pareceu-lhe pálida e pouco viva. Seus olhos estavam fixos, sem expressão, como se fossem olhos de vidro.”

Em 25 de abril, o Sr. William Harrison anuiu ao convite de Katie, realizando-se, na sua presença, a segunda sessão de materialização. Tomou notas interessantes que publicou no seu jornal e cujos principais pontos são os seguintes:

“Em 25 de abril de 1872 houve, na minha presença, uma sessão em casa do Sr. Cook; a jovem Cook estava sentada num gabinete escuro. Ouviam-se esfregações de tempos a tempos; a entidade Katie tinha um tecido leve que fabricara e com o qual se esforçava por colher, em torno da médium, os fluidos necessários para materializar-se completamente. Ela friccionava, então, a médium com o tecido que tinha na mão. A conversação seguinte, em voz baixa, deu-se entre a jovem Florence Cook e o Espírito:

Florence – Vai embora, Katie, não gosto de ser assim friccionada...

Katie – Não sejas tola!... Tira o que tens na cabeça e olha-me (*Katie friccionava sempre*).

Florence – Não quero. Deixa-me, Katie. Não gosto de ti. Tu me metes medo...

Katie – Como tu és tola! (*Ela não cessara de friccionar*).

Florence – Não quero prestar-me a essas manifestações. Não gosto disso. Deixa-me tranqüila.

Katie – Não és mais que meu médium e um médium é uma simples máquina de que os Espíritos se servem.

Florence – Pois bem! Se não passo de máquina, não gosto de ser assustada deste modo. Vai embora!

Katie – Não sejas tolinha!

Durante essa sessão, a jovem Cook, que não dormia ainda, observou que o Espírito só tinha a forma da cabeça e das espáduas; o resto do corpo parecia um nevoeiro. Katie não se conservava sempre na mesma altura: ora se elevava, ora se abaixava até perto do chão, de sorte que seu busto parecia tocar no soalho; nesta posição ela assustava muito a médium. Às vezes só se via uma cabeça vagueando por todos os lados, sem pernas e sem corpo visível!

Na sessão seguinte, a quarta, Florence Cook foi adormecida pelo Espírito; uma lâmpada de benzina iluminava a sala. Já não eram sessões em plena escuridão; o Espírito contentava-se em fazer baixar a lâmpada, quando a luz a fatigava.

Estando de novo presente, o Sr. Harrison pôde fornecer o seu testemunho pessoal.”

Testemunho do Sr. Harrison

“A forma de Katie apareceu-nos com a cabeça inteiramente envolvida num turbante branco a fim, disse ela, “de impedir que o fluido se dispersasse muito depressa”. Declarou-nos que somente o seu rosto estava materializado; todos puderam ver distintamente os seus traços. Notou-se que seus olhos estavam fechados. Ela mostrou-se durante meio minuto e depois desapareceu. Em seguida disse: “Willie, vê como eu sorrio; vê como eu falo” e depois exclamou: “Cook, aumenta a luz.” Obedeceu-se, depressa, e cada qual pôde ver o rosto de Katie King, brilhantemente iluminado. Ela tinha a fisionomia jovem, bela, radiante, de olhos vivos, porém um pouco maliciosos. Suas feições não mais eram baças e inde-

terminadas, como da primeira vez, em 22 de abril, porque, dizia Katie: “Sei melhor como devo fazer.”

Quando se viu aparecer a figura de Katie em plena luz, suas faces pareciam naturalmente coloridas; todos os assistentes exclamaram: “Estamos, agora, vendo-vos perfeitamente.” Katie disse: “Muito bem, então aplaudi-me.” Aplaudimos vigorosamente e Katie testemunhou sua satisfação, avançando seu braço para fora da cortina e batendo na parede com um avental que ela achara ao seu alcance; depois, fez soar a campainha que se achava por cima da porta.

Retiramo-nos, então, para cear; mas, nessa noite reunimo-nos de novo e as experiências continuaram.

O Sr. Thomas Blyton, um amigo da casa, juntou-se a nós e assistiu à sessão. Julgo que a sua presença prejudicou as manifestações. Katie apareceu como anteriormente e em certo momento ordenou: “Apagai tudo; alumiareis quando eu disser.” Atendeu-se a esse desejo e, a um sinal seu, alumiou-se de novo. O rosto de Katie mostrou-se, por um instante, à clareza de um fósforo; ela reapareceu uma segunda vez, da mesma maneira, pedindo para ser iluminada, quando sentiu que estava suficientemente materializada para suportar os raios luminosos. Uma vez Katie disse: “Cook, não me fixes assim; teu olhar faz-me mal.”

Em outra ocasião, queixou-se de que a luz da lâmpada incomodava-a e fatigava muito; durante todo o tempo, inquietou-se com a luz e com a distância que devia ser guardada entre os espectadores e o gabinete escuro. Algumas vezes pedia-lhes que cantassem em coro, durante as sessões. Os Espíritos pedem, quase sempre, que assim se faça, para que a atenção das pessoas presentes seja conduzida, não para os fenômenos esperados, mas para cânticos ou estribilhos. A música não auxilia a materialização dos Espíritos, mas ocupa todos os pensamentos; ao menos durante esse tempo os pensamentos não contrariam, por suas influências diversas, as operações ocultas.

No fim da sessão, Katie mostrou-nos um pano branco, re-
tendo-lhe uma ponta, e disse: “Eis uma fazenda de minha
fabricação.” Exclamei: “Deixa-a ficar, Katie, a fim de que a
examinemos, ou então permita que eu lhe corte um pedaço.”

Ela respondeu: “Não o posso, mas olhai bem!” Retirou a
mão que estava por cima da cortina e, quando a fazenda foi
estendida sobre essa cortina, passou para o outro lado sem
resistência aparente. Katie ajeitou-a de novo e a fazenda
atravessou a cortina. Era bem o fato de uma substância apa-
rentemente material atravessando a matéria sólida; isso foi
visto por todos. Penso que, no primeiro momento, houve re-
sistência entre os tecidos, mas quando Katie disse “Olhai!”,
uma mudança operara-se na composição do estofa, que pas-
sou, em seguida, através da cortina, sem dificuldade.”

O Sr. Blyton junta o seu testemunho ao do senhor Harrison.
Observou que os traços de Katie eram muito naturais e humanos
e disse: “Quando pedimos para ver a fazenda branca de perto, o
Espírito estendeu um pedaço que parecia ser de musselina;
retirando sua mão, essa fazenda branca desapareceu, atravessan-
do a cortina.”

As sessões continuaram com êxito. As forças de Katie King
aumentavam cada vez mais; porém, durante muito tempo ela não
permitiu senão uma fraca luz, enquanto se materializava. Sua
cabeça estava sempre rodeada de véus brancos, visto não a
formar de um modo completo, a fim de gastar menos fluido.
Após um bom número de sessões, Katie conseguiu mostrar, em
plena luz, sua cabeça descoberta, seus braços e suas mãos.

Nessa época, Florence Cook estava quase sempre acordada,
durante a presença do Espírito; algumas vezes, porém, quando o
tempo era mau ou outras condições eram desfavoráveis, Florence
adormecia sob a influência espiritual, o que lhe aumentava o
poder, impedindo, também, que a atividade mental da médium
perturbasse a ação das forças magnéticas. De então em diante,
Katie não reaparecia sem que a médium ficasse sonambulizada.
Fizeram-se algumas sessões para se obter o aparecimento de
outros Espíritos, pela mediunidade de Miss Cook; mas, para isso,

sendo necessário muito pouca luz, elas foram imperfeitas. Renunciou-se, portanto, a esses ensaios, para se tratar unicamente de obter os fenômenos caracterizados que tinham dado bons resultados. Duas vezes, entretanto, verificou-se a aparição de figuras conhecidas, cuja autenticidade ficou bem provada.

Numa outra sessão, realizada no dia 20 de janeiro de 1873, em Hackney, sua figura transformou-se e, de branca que era, tornou-se negra, em alguns segundos; isto se operou diversas vezes, consecutivamente, e para mostrar que suas mãos não eram movidas mecanicamente, ela costurou uma cortina que estava rota.

Em outra sessão, no dia 12 de março e no mesmo lugar, as mãos de Florence Cook foram presas por laços sobre os quais se imprimiu um sinete de lacre. Katie King mostrou-se, então, a uma certa distância, em frente da cortina, com as mãos completamente livres.

Vê-se bem que não foi senão depois de longas experiências, assaz imperfeitas a princípio, e completando-se sucessivamente, que Katie King adquiriu o desenvolvimento necessário para manifestar-se livremente em plena luz, sob a forma humana, por detrás e na frente do gabinete escuro, diante de um círculo de espectadores maravilhados.

Diversas fotografias de Katie King, à claridade do magnésio, foram tiradas; ela estava completamente materializada, em pé, na sala, e em condições de verificação assaz rigorosa.

Materializações semelhantes à de Katie King foram muitas vezes obtidas nessa época, na América, em sessões onde a luz era muito fraca: o Sr. Daniel Dunglas Home, a Sra. Mary Hardy, os Srs. Bastian e Taylor e as senhoras Maud Pord e Jennie Lord Webb obtiveram aparições na obscuridade e em meia claridade. Essas formas, que se fizeram ouvir e tocar, só eram vistas imperfeitamente pelos assistentes; entretanto, várias pessoas ficaram convencidas da sua realidade.

Miss Kate Fox,³¹ de célebre memória, obteve materializações de Espíritos, na presença do Sr. Livermore, do Dr. Gray e do Sr.

Groute; esses senhores certificaram-se da realidade objetiva das formas espíritas que apareciam na sua frente.

Entretanto, as manifestações mais belas, as mais importantes, foram as que se deram pela mediunidade de Florence Cook, na presença de uma dúzia de testemunhas. Essas sessões eram particularmente impressionantes e satisfatórias.

Cerca de um ano decorreu entre o momento em que Katie fez os seus primeiros ensaios e a noite em que ela pôde passear materializada diante de todos, *em plena luz*. Começou-se, desde então, a fazer um exame severo, para se provar a realidade da presença do Espírito Katie King. As testemunhas eram pessoas honradas e cuja inteligência se tornava uma perfeita garantia; seu único intuito era evidenciar a verdade.

Sendo visível, sólida e tangível a aparição, apesar da mais forte claridade, pôde ela ser submetida a provas variadas pelos sábios que a observaram. Esses senhores ficaram inteiramente convencidos de que tinham diante de si um Espírito que escapava a todas as leis conhecidas. Quanto à médium, Miss Cook, ela não se preocupava em ganhar dinheiro, nem os investigadores deviam pagar-lhe. Por conseguinte, as manifestações seguiram livremente o seu curso.

Quando se revelou a sua mediunidade, o Sr. Charles Blackburn, de Manchester, com uma sisuda liberalidade, fizera-lhe um donativo importante que assegurava sua existência; procedendo desse modo, seu intuito fora contribuir para o progresso da ciência. Todas as sessões de Florence Cook foram gratuitas.

Testemunho do Sr. Benjamin Coleman

Em 18 de novembro de 1873 efetuou-se uma reunião na casa do Sr. Luxmore, tendo o Sr. Coleman tomado as seguintes notas:

“A sessão realizou-se no grande salão, que esteve aquecido toda a noite. O pequeno salão serviu de gabinete escuro e cortinas escuras foram pendidas na abertura; uma lâmpada iluminava o grande salão. Os 14 assistentes dos dois sexos,

sentados a pequena distância do gabinete, podiam ver-se distintamente; em nenhum momento a luz foi apagada.

A jovem Cook sentou-se numa pequena cadeira colocada no gabinete. O Sr. Luxmore pediu aos senhores Blackburn e Coleman que a prendessem; suas mãos foram ligadas por uma fita de linho, cujas pontas foram costuradas umas às outras e lacradas; passou-se essa fita em torno do seu corpo, que foi solidamente amarrado, e depois foi ela presa num gancho de ferro fixado no chão, deixando-se alguns centímetros para movimento. Era absolutamente impossível a Miss Cook afastar-se de sua cadeira mais de algumas polegadas.

Um instante depois, a forma de Katie apresentou-se livre no salão; trajava um vestido branco, flutuante, preso à sua cintura; suas mangas eram longas e desciam até aos punhos; sua cabeça estava coberta por uma espécie de capuz, cujas abas lhe caíam pelos ombros; seus cabelos estavam presos por fitas de pano. Ela saudou as pessoas presentes, cada uma por sua vez, mas inquiriu, primeiro, o nome de um recém-chegado que lhe era desconhecido.

O Sr. Coleman perguntou a Katie se ela calçava sapatos ou meias. Ela respondeu que não e, erguendo seu vestido, mostrou que seus pés estavam nus; para que todos vissem bem, ela colocou seu pé sobre o joelho da Sra. Corner, de um modo muito natural, e disse: “Agora, podeis todos ver que os meus pés estão nus, não é verdade?”

Tinha-se colocado papel e lápis sobre a mesa; o Sr. Coleman perguntou se ela podia escrever-lhe algumas palavras: “Sim, eu o desejo”, disse ela, e, tomando uma cadeira, perguntou: “Que deverei escrever?”

O Sr. Coleman respondeu que preparava uma obra sobre o grande juiz Edmonds e que talvez ela pudesse enviar-lhe algumas linhas.

Katie tentou escrever sobre os seus joelhos, mas, não se achando à vontade, pediu um objeto duro para colocar debaixo do papel; e, tendo-lhe sido dado um livro, escreveu a carta seguinte:

“Meu caro amigo.

Pedistes-me que vos escrevesse algumas palavras. Desejo grande êxito para a vossa obra sobre o juiz Edmonds; esse juiz é muito bom, trabalha seriamente; dai-lhe uma afetuosa lembrança da minha parte. Eu o aprecio muito, embora ele não me conheça. Meu poder diminui e eu vos apresento as minhas despedidas.

Vossa amiga sincera,

Katie King
cujo verdadeiro nome é Annie Morgan.”

Deu a carta ao Sr. Coleman, que a leu em voz alta; depois, este disse a Katie: “Noto que omitiste o endereço.” Katie retomou a carta, desdobrou-a e, depois, escreveu nas costas o nome do Sr. Coleman. Este último pediu, em seguida, permissão para tocar na fazenda do seu vestido; ela então se aproximou e o Sr. Coleman, tomando a fazenda com as duas mãos, esfregou-a; teve a impressão de que era um tecido muito leve, branco e sólido, semelhante à nanzuque. Katie percorreu, a seguir, o grupo e apertou delicadamente a mão de cada assistente. Durante a sessão, suas mãos e seu rosto estavam rosados, vivos e nada pálidos, como outrora; suas faces apresentavam-se coloridas e davam a aparência de uma mulher distinta e graciosa; ela abaixou-se para apanhar duas folhas de papel que haviam caído ao chão e colocou-as na mesa.

Este fato completou a impressão que todos os assistentes tinham sentido, isto é, que, durante hora e meia, tínhamos conversado com uma mulher viva, inteligente, que, em vez de caminhar, mais parecia deslizar. Pela sua vigilância constante sobre a médium, provava que estava nela a sua vida, o laço que a sustentava. Em resumo, fomos testemunhas de fatos absolutamente naturais e maravilhosos.

Depois da sessão, comprovamos que os laços que retinham Miss Cook achavam-se intactos; além disso, o fato de Florence Cook ter sido encontrada adormecida, com vestuário diferente do do Espírito, e a desapareição de Katie basta-

vam para provar que Florence Cook e Katie eram duas individualidades essencialmente distintas uma da outra.”

Testemunho do Dr. Sexton

Durante alguns anos, o Dr. Sexton, professor muito conhecido, assinalava-se pela sua hostilidade ao Espiritismo, a seus princípios e fenômenos. Era materialista e negava a existência de uma vida futura. Combatia, em conferências públicas, a doutrina espírita. Após quinze anos de cepticismo, durante os quais, entretanto, não desdenhava fazer investigações, ele acabou por achar provas que modificaram a sua maneira de ver e teve de inclinar-se diante da evidência.

Eis o que produziu a sua conversão: Tendo havido reuniões em sua casa, compostas unicamente dos membros da sua família e de alguns amigos íntimos, entre os quais a mediunidade desenvolvera-se, ele aí obteve, enfim, provas irrefutáveis que estabeleciam a autenticidade das comunicações dadas por parentes e amigos falecidos.

Algum tempo depois, o Dr. Sexton desejou assistir a uma sessão espírita organizada pelo Sr. Luxmore, na casa do qual muitas vezes se observaram as manifestações de Katie King.

O Dr. Sexton assistiu à sessão do dia 25 de novembro de 1873. As precauções habituais foram tomadas: prendeu-se Florence Cook à sua cadeira, para satisfação dos cépticos. Ligada como estava, seria impossível que Florence pudesse deslocar-se mais de alguns centímetros. Eis o resultado das observações daquele doutor:

“Ao abrir-se a sessão, cantou-se, como de costume. As luzes foram diminuídas, deixando, entretanto, que nos víssemos distintamente, assim como tudo o que se passava na sala. A médium ficou profundamente sonambulizada; depois apareceram mãos por uma abertura no alto do gabinete e Katie anunciou que estava presente. Em seguida, a cortina afastou-se e a forma completa do Espírito, vestida de branco, apareceu distintamente visível a todos.

Katie King disse-me que estava disposta a responder às perguntas que eu lhe fizesse e aproveitei-me disso durante meia hora, pelo menos. Minhas perguntas eram quase todas de natureza filosófica e se referiam, principalmente, às leis e às condições segundo as quais os Espíritos podem materializar-se. Era assaz duvidoso que uma jovem, como a médium, pudesse responder por si só.

As respostas que o Espírito deu eram tão satisfatórias que várias pessoas presentes, muito instruídas, declararam estar de acordo com aquilo que, muitas vezes, desejavam, sem nunca terem podido obter.

O Espírito Katie saiu do gabinete várias vezes e passeou entre nós. Mostrou que os seus pés estavam nus: bateu com eles, para provar que não estava sobre as suas pontas, detalhe este de grande importância, pois que ela era mais alta quatro centímetros que a médium Florence Cook. Sua figura e sua cor eram quase totalmente diferentes das da médium.

Atravessou a sala para se aproximar de mim, tocou-me na testa e afastou-se logo. Pedi-lhe que viesse abraçar-me. Ela respondeu-me que faria uma tentativa. Alguns instantes depois, veio ter comigo e abraçou o meu pescoço por três ou quatro vezes. Devo, aqui, notar que, apesar do som dos seus beijos ter sido ouvido distintamente por todos, e cada um tê-la visto inclinar-se sobre mim, não senti o contato dos seus lábios.

Quando se chegava ao fim da sessão, o Espírito pediu que eu verificasse se a médium continuava presa à cadeira. O Sr. Luxmore ergueu a cortina e disse: “Ela está estendida, no canto”; depois, baixou a cortina. Como eu estivesse no fundo da sala, não pude ver o interior do gabinete. Katie perguntou, em seguida: “O Dr. Sexton viu bem?” Respondi: “Não, nada vi.” “Então, disse ela, vinde ver; desejo que vós mesmos olheis.” Atravessei logo a sala e levantei a cortina que fechava o gabinete. Vi, então, Florence Cook sentada, ou, antes, estendida, em transe, sobre a cadeira em que estava presa. Os nós e os selos estavam intactos.

A sessão continuou, ainda, durante uma boa hora. Devo acrescentar que o Espírito escreveu diversos bilhetes no decurso da sessão, para as pessoas presentes. Eis o teor do bilhete que recebi:

“Meu caro Dr. Sexton. Estou satisfeita por me terdes questionado. A vossa afetuosa

Annie Morgan.”

Assim terminou uma das mais maravilhosas sessões a que tive a felicidade de assistir.”

Testemunho do Dr. Gully

Possuindo grande fama como médico hábil e distinto, o Dr. Gully dirigiu, durante vários anos, o estabelecimento situado em *Great Malvern* (Inglaterra), muito conhecido pelas curas da água. O doutor tinha já estudado as manifestações espíritas obtidas com a presença do médium D. D. Home. Ficou convencido da realidade dos fenômenos. Fez o relatório da sessão que se efetuou na casa do Sr. Luxmore, em 28 de novembro de 1873, com a médium Florence Cook:

“O Espírito Katie King apareceu, dessa vez, trajando um vestido branco, muito mais longo e flutuante que de costume; as mangas desciam-lhe até aos punhos, onde estavam presas. Um véu de uma transparência maravilhosa cobria sua cabeça e seu rosto, dando a toda a sua pessoa uma aparência de graça e pureza que as palavras não podem descrever. O Espírito deu as boas-vindas a cada assistente, chamando-os pelos seus nomes; depois, entrou no gabinete escuro, onde agitou móveis e falou à médium, que estava presa, como de costume. Voltou com uma cadeira baixa, que colocou no meio do nosso círculo; sentou-se ali e pediu-nos que cantássemos, todos, em coro, porém não muito forte, pois tentaria juntar sua voz à nossa. Ouvimos, então, a voz clara de contralto, que ela tinha feito ouvir em diferentes ocasiões. É impossível traduzir em palavras a impressão dessa voz, emitida

por um habitante de além-túmulo! Em seguida, pediu-nos que formássemos a cadeia, a fim de lhe fornecermos a maior força possível para executar o que ela desejava.

Retirou-se, durante alguns minutos, para perto do seu médium, a fim de manipular uma energia nova no seu fluido vital. Tornando a sair, fez a volta do círculo com um passo firme, tocando em cada pessoa, por sua vez: as damas, no ouvido, e os homens, na mão; éramos em número de quatorze.

A um cavalheiro, Katie pediu que lhe estendesse a mão, de modo que pudesse apertá-la, o que ela fez. Depois, pediu que a questionassem e, pouco mais ou menos, eis a conversação que se manteve:

– Podeis explicar-nos quais são as forças que empregais para formar ou dissolver o vosso corpo?

– Não posso dizê-lo.

– É a eletricidade ou alguma coisa semelhante?

– Não, é absurdo dizer-se que seja a eletricidade.

– Mas não tendes um nome ou uma palavra para explicar-nos o vosso processo?

– É, antes, pelo poder da vontade a base do poder que eu emprego.

– Ande ides quando desapareceis?

– Entro na médium, restituindo-lhe toda a vitalidade que lhe havia tomado. Quando lhe tiro uma grande força, ela fica quase sem nenhuma e, se um de vós a agarrasse pela cintura, procurando erguê-la, isso poderia causar a sua morte súbita; ela seria sufocada. Posso reunir-me à minha médium ou formar-me fora do seu corpo facilmente, mas compreendi bem que eu não sou ela e tampouco seu *duplo*; *eu sou sempre eu mesma*.

– Quando vos desmaterializais, que desaparece primeiro: o vosso corpo ou o vosso vestido?

– O corpo, certamente; o poder material que o animava volta à médium e, em seguida, o vestido entra nos seus elementos.

– Pensais que alguma pessoa deste mundo possa vir a compreender os *poderes* que empregais para manifestar-vos?

– Não podereis compreendê-lo.

– Dizeis que sois sempre vós mesma e não o duplo da médium: quem éreis, então, na Terra?

– Fui *Annie Morgan*.

– Éreis casada?

– Sim, mas não me faleis nisso.

Dizendo estas palavras, retirou-se para trás da cortina; parecia ter ficado penalizada ou vexada com a questão; isso já lhe havia acontecido anteriormente, quando a inquiriram sobre a sua vida de solteira! Tendo ela voltado em breve para o nosso meio, perguntaram-lhe se ela tinha marido, atualmente.

– Certamente que tenho um.

– Podeis dizer-nos em que época vivestes?

– Desencarnei na idade de 23 anos; vivi durante a última parte do reinado de Carlos I, o tempo da República e o começo do reinado de Carlos II. Lembro-me perfeitamente dos grandes chapéus pontudos do tempo do Cromwell e dos chapéus de largas abas que se usavam nas épocas de Carlos I e Carlos II; os homens usavam cabelos curtos, porém os de Cromwell eram longos.

Nesse momento, tendo chegado a hora de terminar a reunião, a médium não podia permanecer por mais tempo em *transe*, sem que a sua saúde fosse abalada.

O Espírito Katie queria ainda falar, mas o senhor Luxmore insistiu vivamente para que ela se retirasse e a sessão foi encerrada.

Não era sempre, nem mesmo muitas vezes, que Katie King estava disposta a dar informações sobre a sua história presente ou passada. Creio que ela recusa-se a falar disso

porque está demasiadamente habituada a gracejar na sua conversação com os assistentes. As facécias agradavam-lhe, o que era nada de admirar, visto ter ela declarado que pertencia a uma esfera espiritual pouco elevada. Entretanto, isto não é mais que uma suposição de minha parte.”

Assim termina a narrativa do Dr. Gully. Acrescentaremos que os Espíritos que se prestam aos fenômenos físicos nunca são de categoria elevada, sendo incapazes de trazerem grandes ensinamentos. Dessa missão incumbem-se os Espíritos superiores, os quais nunca suportam a trivialidade.

Testemunho do príncipe Emile de Sayn Wittgenstein

Ajudante de campo general de S. M. o Imperador de Rússia

As minúcias que seguem foram enviadas ao Sr. Leymarie, pelo príncipe E. de Sayn Wittgenstein, depois da sessão a que ele assistiu:

“No dia 16 de dezembro de 1873, entrei, maravilhado, no meu hotel; estava surpreso de tudo o que tinha visto e ouvido.

Na casa da Sra. Cook, onde fui ter às 8 horas, o Sr. Luxmore permitiu que eu examinasse, com toda a liberdade, os dois salões, os seus móveis, permissão essa de que me aproveitei bastante. Miss Florence Cook fez sua entrada; suas mãos foram ligadas solidamente uma contra a outra por nós, com cordões; outro cordão passava em volta da sua cintura. Ela sentou-se e o cordão, passando por uma argola da cadeira, foi enrolado no seu pescoço, de tal maneira que não lhe era possível mover-se. Os nós foram lacrados e selados pelos assistentes. Uma só lâmpada, com a luz um pouco baixa e coberta por um abajur azul, iluminava suficientemente o salão; formou-se a cadeia em semicírculo e suas extremidades tocavam no gabinete.

Após alguns minutos de espera, uma espécie de leve susurro preveniu-nos da presença do Espírito; depois, o repos-

teiro, formando uma porta diante do gabinete, agitou-se vivamente. Um braço saiu para fazer um sinal. Enfim, a cortina abriu-se e a mais encantadora das aparições mostrou-se aos nossos olhos; ela estava em pé, o braço direito colocado ao peito, o outro braço pendendo ao longo do corpo. Parecia passar em revista as pessoas presentes.

Era o Espírito Katie King, mil vezes mais belo do que a sua fotografia; eu tinha diante de mim uma mulher ideal, jovem, alta, esguia, elegante quanto possível; por debaixo do seu véu branco, passavam algumas mechas de cabelo castanho; seu gracioso vestido de cauda cobria-lhe inteiramente os pés nus; seus braços encantadores, delicados e brancos eram visíveis até ao cotovelo. Os traços do seu corpo eram finos; as mãos, um pouco grandes, tinham dedos longos, afilados e róseos até às extremidades; seu rosto era mais redondo que alongado e um pouco pálido; sua boca era sorridente, os dentes muito belos, o nariz aquilino; seus olhos azuis eram muito grandes, em forma de amêndoas e sombreados por longas pestanas que pareciam abrigá-los; as so-brancelhas eram belas e finamente arqueadas.

Nessa aparição, que contemplei e analisei friamente, tudo era vivo; o tecido mesmo do seu véu era real ao tato. A uma certa distância, tomá-la-iam por Florence Cook. Conforme a lei estabelecida: “o perispírito, que o Espírito toma de empréstimo ao médium, conserva-lhe os traços”, isso parecia uma espécie de ar de família. Mas, em realidade, a aparição era alta, esbelta, cheia de distinção, ao passo que Florence, apesar de muito bela, era menor. Suas mãos são minúsculas e não pode haver aí confusão; são duas pessoas distintas.

A aparição retirou-se, para tornar a aparecer do meu lado, perto da cortina, onde eu estava colocado. Parecia examinar-me curiosamente e percebi que é o olhar aquilo que, nela, lembra o espectro: é belo quanto possível, porém é áspero, fixo, glacial; apesar disso, sua boca sorria, seu peito arfava e tudo nela dizia: sou feliz por estar um momento entre os mortais. Com a sua voz soffreada, porém muitíssimo graciosa, disse-nos: “*Ainda não posso afastar-me muito de minha*

médium, mas em breve terei mais força.” Quando não se compreendia o que ela dizia, Katie o repetia com evidente impaciência.

Avançou para mim, olhando-me com uma espécie de curiosa desconfiança, fazendo pequenos sinais graciosos, de cabeça, e sorrindo quando, muito baixinho, lhe dirigi algumas palavras comovidas. Tornando-se mais corajosa, ela pediu meu nome, quis saber o que significavam os ornamentos da minha farda e, depois, desapareceu, para apresentar-se do outro lado do gabinete. Durante sua curta ausência, ouviu-se dentro do gabinete o arrastamento e a queda ruidosa de móveis, e pancadas foram produzidas.

Por duas vezes pedi-lhe que me mostrasse os seus pés. A princípio ela ergueu graciosamente o seu vestido e apresentou-me a ponta do seu pé. Tendo eu insistido, ela descobriu o pé justamente até ao tornozelo; vi um pé delicado, parecendo de estátua antiga, branco, pontudo e pequeno, alto e arqueado, os dedos finamente ligados e bem alinhados; mas, a todo esse conjunto faltava a vida real.

Katie King ria, gracejava com cada um dos assistentes, chamando-os pelos seus nomes, com uma alegria infantil. Gesticulava com a mão direita, como as mulheres do Oriente, com movimentos de dedos e flexões do punho, particulares a essas raças, acentuando, assim, suas palavras e acompanhando-as de graciosas inclinações da cabeça.

Muitas vezes, com um gesto pudico, ela puxava o véu para o seu pescoço; em outras palavras, tudo nela, traços, talhe, costume, gestos, tinha o característico das mulheres do Levante.

Pedi-lhe, se fosse possível, que me escrevesse alguma coisa. O Sr. Luxmore quis opor-se, mas Katie King deu-lhe um tapinha na testa e pediu papel e uma pena. Deitaram-lhe papel no chão, diante dela. Katie abaixou-se com rapidez, apanhou o que lhe convinha, com um gesto de inquietação; tomando uma folha de papel branco que lhe estendi, achou-a muito dura e escolheu por si mesma algumas outras, na ga-

veta de uma mesa; aceitou um lápis oferecido pelo Sr. Luxmore e depois escreveu rapidamente no ar, sem apoiar a folha de papel:

“Meu caro Emile. Não esquecerei minha promessa de ir à Alemanha. Tornarei a ver-vos dentro em pouco.

Sempre vossa amiga

Annie Morgan.”

Deu essa assinatura, dizendo que era o seu verdadeiro nome.

A escrita é a de uma comunicação mediúnica vulgar, mas é muito curioso e interessante ter visto um Espírito escrever com o seu próprio punho. O sentido da carta foi motivado pelo meu pedido mental; eu desejava, com efeito, que ela fosse à Alemanha. Pediu meu endereço e eu lhe respondi que se dirigisse aos meus Espíritos protetores para guiarem-na. Ela disse: “*Irei*”, mas ajuntou verbalmente: “*Sem dúvida não podereis ver-me. Não irei senão depois de deixar minha médium, dentro de alguns meses.*” Florence Cook me havia falado, no começo da sessão, que Katie King iria deixá-la dentro de alguns meses; ela não parecia contrariada, porque, muitas vezes, Katie tinha disputas com ela, por estar muito submetida ao seu Espírito protetor.

Florence Cook, coisa curiosa, gostando de Katie King e estando com ela a todo momento, tinha-lhe medo, principalmente à noite. Nessa hora, ela não gosta de vê-la aparecer inopinadamente, tanto mais que ela era um tanto farsante; jogava-a algumas vezes fora do leito e, em certas circunstâncias, havia, evidentemente, um caso de obsessão.

Pelo fim da sessão, Katie King parecia pouco a pouco familiarizar-se comigo e votar-me amizade, graças às palavras benévolas e fraternais que lhe dirigi baixinho. De preferência, ela vinha para o meu lado, sem avançar muito, respondendo com ingenuidade às minhas perguntas.

Um cavalheiro da sociedade, pouco inteligente, tendo feito a Katie uma pergunta assaz inconveniente, ela amarrotou vi-

vamente algumas folhas de papel, atirando-lhas com desprezo; declarou querer acordar a sua médium e, durante o cântico que termina as sessões, retirou Florence Cook do estado sonambúlico, com frenesi, disse boa-noite e desapareceu.”

Assim termina a narrativa do príncipe. Quando ele voltou à Alemanha, desejou ter uma nova experiência com Florence Cook, que deu em perfeito resultado.

O *The Spiritualist* publicou uma carta do príncipe Wittgenstein, na sua edição de 10 de julho de 1874. Nessa carta, procedente de Nieder Walluf, no Reno, o príncipe apresenta os resultados da sua experiência, como segue:

“Um fenômeno bastante curioso, a escrita direta, foi recentemente obtido por Florence Cook. Pedi-lhe que colocasse, à noite, sobre a mesa, uma carta lacrada que eu lhe havia entregue e, ao lado, papel e lápis. O Sr. William Crookes, tomando parte na experiência, encerrou minha carta noutro envelope, sobre o qual imprimiu, ele próprio, diversos sinetes, para estar certo de que a carta não seria lida sem que eles fossem violados (o Espírito Katie King devia, pois, dar uma prova de clarividência).

Katie King copiara o conteúdo da minha carta, palavra por palavra, sem erro nem omissão, numa folha de papel separada, e escreveu-me uma resposta pessoal, com o *post scriptum* seguinte:

“Copiei vossa carta, caro amigo, para mostrar-vos que, realmente, ela foi lida por mim. Conto com a vossa bondade para desculpardes os erros, se os houver, porque ainda nada de semelhante eu havia feito.

Annie Morgan, *ou* Katie King.”

Compreende-se, pelo interesse que apresentam estes testemunhos múltiplos, o lugar que ocupa na história do Espiritismo a figura estranha de Katie King, e assim fica explicado que o Sr. Victorien Sardou³² tenha citado seu nome na sua última peça teatral, que põe em causa as manifestações espíritas como um dos mais curiosos exemplos da mediunidade contemporânea.

“Nieder Walluf, 27 de setembro de 1874.

Caro Senhor Leymarie.

A Sra. Corner (outrora Sra. Cook) veio passar algumas semanas em minha casa e trouxe-me diversas fotografias do Espírito Katie, tiradas pouco antes da sua desapareição, pelo Sr. William Crookes, com o auxílio da luz elétrica. Tenho verdadeiro prazer em enviar-vos as provas que vão juntas, sentindo que elas sejam pouco dignas de representar a encantadora aparição, radiante de alvura, na qual a luz elétrica imprimiu certa obscuridade. As mãos de Katie, tão extraordinariamente belas, ficaram igualmente escuras por terem estado muito na frente.

Minhas homenagens afetuosas à Sra. Allan Kardec e a todos vós.

Emile Wittgenstein.”

Entre as pessoas que tiveram o privilégio de assistir a essas célebres sessões, durante as quais se provou a mediunidade de Florence Cook, algumas emitiram dúvidas sobre a realidade das aparições. Parecia-lhes quase impossível crer que um Espírito pudesse materializar-se e tornar-se assim visível e tangível a todos. Espantavam-se de ver que Katie se deixasse tocar, que pudesse escrever cartas à vista dos espectadores; mesmo sua conversação enchia-os de surpresa. Ela mostrava todos os característicos de uma jovem viva e petulante, depois desaparecia, de repente, no gabinete, e nada mais!

Era mais do que bastava para alarmar a curiosidade de todos os espíritas, ou dos cépticos, que tinham podido contemplar seus traços e tocar seu corpo improvisado. Uns queriam descobrir a força que supunham existir; outros buscavam constantemente os fatos espíritas, conduzindo, assim, o Espiritismo, apressemo-nos em dizer, à sua maior glória!...

Depois da partida de Katie King, outros médiuns conseguiram os mesmos fenômenos, pois que eles não são tão raros como se pensa; apenas, as condições necessárias para a sua obtenção são insuficientemente conhecidas.

Testemunho do Sr. Georges H. Tapp

Esse cavalheiro, membro da Sociedade Espírita de Dalston, havia conhecido Florence Cook e oferece no começo muitos pormenores, a fim de melhor salientar a diferença que existia entre Florence Cook, a médium, e Katie King, o Espírito.

Declara que “os pontos de dessemelhança entre Katie e a médium eram quase sempre notáveis, não só pelos traços, mas também pelo tamanho e pela forma. A semelhança entre as duas era, às vezes, apenas perceptível. Quando viu a forma completa de Katie, pela primeira vez, ela tinha a dimensão de cinco pés e seis polegadas, levantada e de pés nus sobre o soalho. Era forte e de espáduas largas, contrastando bastante com a médium, que era muito menor e delgada”.

Katie esteve quase sempre em pé, ao lado do Sr. Tapp; apoiou-se mesmo contra ele, por alguns minutos, permitindo-lhe examinar bem sua figura, sob a claridade de luz forte.

Uma vez, Katie pousou o braço direito sobre suas mãos estendidas e permitiu-lhe que a examinasse de perto. O Sr. Tapp notou que o braço era redondo, bem formado e muito mais longo do que o de Florence Cook. As mãos eram muito maiores, as unhas bem-feitas, muito diferentes das da médium, que tinha o mau hábito de roê-las.

Este último detalhe prova bem a diferença entre os dois: “Enquanto sustentava o braço de Katie com uma mão, o Sr. Tapp passou ligeiramente sua outra mão pelo mesmo braço, começando por cima. A pele, disse ele, era excessivamente lisa, como a cera ou o mármore; entretanto, o braço estava quente, sua temperatura era a mesma que em qualquer pessoa de boa saúde.

Não havia osso no punho. Apertei-o ligeiramente de novo, depois disse a Katie que os ossos faltavam. Ela pôs-se a rir e respondeu: “*Esperai um momento.*” Então circulou entre as outras pessoas, depois voltou e colocou novamente seu braço na mão do Sr. Tapp; desta vez ele ficou satisfeito, reconheceu a presença dos ossos...

Em duas outras ocasiões, viu que Katie tinha longas mechas de cabelos que lhe caíam até à cintura; os cabelos eram de um castanho-claro, ao passo que os cabelos da médium eram curtos, não frisados e de cor parda carregada, quase escura. Os olhos de Katie nem sempre tinham a mesma cor: algumas vezes eram de um azul-claro; outras vezes, de um pardo-escuro, diferença esta notada por diversas testemunhas (nada é mais difícil que dizer, exatamente, a cor dos olhos em geral, em vista da mudança pelo reflexo das cores que estão perto da vista, o que cada um pode averiguar).

Certa noite, Katie, saindo do gabinete, levantou seu braço direito; ele era de cor sombria, quase preta. Depois, deixando-o cair ao longo do corpo, ergueu-o de novo e o braço retomou sua cor natural, de carne branca, como o outro. Essa mudança foi quase instantânea.

Numa das sessões, o Sr. Tapp tomou a liberdade de gracejar com Katie; ela aborreceu-se e deu-lhe um soco no peito. Tendo ele ficado surpreso, pois o soco lhe causara muita dor, agarrou imediatamente Katie pelo punho direito. “Seu punho, disse ele, cedeu à minha pressão como um fofo de papel, e mesmo meus dedos se encontraram através do seu braço, que fundia em fluido. Descerrei os meus dedos e exprimi o meu pesar de haver esquecido as condições, pois temi vivamente que a médium sofresse por causa da minha imprudência; porém, Katie acalmou-me dizendo que *tendo sido involuntário* o meu ato, ela poderia impedir o mau resultado para a saúde de Florence Cook.”

Para concluir, o Sr. Tapp garante a boa-fé e a integridade da Sra. Cook e de sua família.

É evidente que algum poder anormal estava em ação nas sessões da Sra. Cook; nenhum investigador inteligente o nega. Katie desaparecera apenas há *quarenta segundos*, quando se ergueu a cortina do gabinete; viu-se, então, Florence Cook despertar lentamente. Era absolutamente impossível que a médium pudessem mudar de vestido e calçar seus borzeguins num instante; além disso, a cor dos cabelos estava mudada; todo indício do vestuário branco e flutuante de que o Espírito se servira tinha desaparecido.

A Sra. Cook usava geralmente um vestido preto muito justo e borzeguins muito altos que requeriam algum tempo para serem calçados. Isso para bem demonstrar a diferença que havia entre ela e o Espírito que se apresentava de pés nus. Ainda mais tarde, Katie mostrou-se no gabinete, ao lado da médium; as testemunhas desse fato são tão positivas quanto possível.

A diferença na cor dos cabelos era de tal modo acentuada que alguns emitiram a opinião de que a cabeleira era postiça; essa explicação foi também repelida, porque o Prof. Crookes e a Sra. Ross-Church examinaram, até à raiz, os cabelos que se achavam na cabeça de Katie. Tendo sido analisados ao microscópio alguns fios de cabelo do Espírito, achou-se que eram naturais, apesar de serem um tanto grossos para uma mulher.

Conseqüentemente, *nenhuma dúvida era possível*, pois as experiências realizadas forneceram a prova irrefragável de que a aparição era uma *individualidade distinta* da de Florence Cook.

O fenômeno da materialização de um Espírito era tão novo para todos, que mesmo os incrédulos procuravam explicar pela fraude o que não compreendiam. Supunham que Florence Cook se disfarçasse e viesse fazer o papel de Katie King. Um Sr. Volckman quis tirar a prova disso, agarrando o Espírito. Levantou-se, subitamente, e procurou segurar Katie; esta conseguiu escapar-lhe e em seguida achou-se a Sra. Cook na cadeira, como de costume, com todos os laços que lhe haviam sido postos no começo da sessão. Este incidente confirmou a autenticidade do fenômeno e muitas pessoas escreveram, então, testemunhos a favor da médium. Alguns detalhes dessa sessão foram publicados no *London Society*, em fevereiro de 1874, com a assinatura do Sr. Dunphy, advogado e homem de letras muito conhecido.

Testemunho do Sr. Henry Dunphy

“Fui a uma sessão na casa do Sr. Luxmore, em dezembro de 1873. Tomei lugar entre Lady C... e o Sr. Blackburn, segurando as mãos de ambos, para formar a cadeia magnética.

A aparição mostrou-se diversas vezes e, enfim, adiantou-se até o meio da sala. Estava com um longo vestido branco, tinha duas saias e os pés nus; trazia um véu branco que cobria a sua cabeça e caía ao longo do seu vestido. Um cavaleiro da sociedade pediu permissão para aproximar-se do Espírito, o que lhe foi concedido; deixou, portanto, a cadeia e avançou para Katie; esta lhe estendeu a mão e ele, tendo-a apertado na sua, voltou para o seu lugar. A aparição avançou, então, para o fundo da sala, quando uma pessoa, que me era totalmente desconhecida, levantou-se e agarrou o Espírito pela cintura, exclamando: “É a médium!” Imediatamente, dois ou três cavalheiros foram-lhe ao encontro para fazê-lo largar a presa e uma luta seguiu-se. Como eu não tomava parte nisso, pude, à minha vontade, observar o que se passava. Notei que a forma parecia, primeiro, perder seus pés e suas pernas e, para escapar-se, fazia movimentos ondulatórios semelhantes aos de uma foca dentro da água; a pessoa que agarrara Katie King parecia mantê-la solidamente, porém não pôde impedi-la de desaparecer, pois ela conseguiu safar-se do seu aperto brutal, sem deixar nenhum indício de sua existência corporal, nem um pedaço do véu. O agressor nada pôde reter consigo, apesar dos seus esforços.

Em seguida a esse ataque brusco, Florence Cook sentiu-se muito doente toda a noite; dois médicos assistiram-na, pois que ela teve violentas convulsões. Lady C... e a Sra. Ross-Church passaram, igualmente, a noite ao pé do seu leito, velando-a com toda a dedicação.”

Muitos médiuns têm sido agarrados depois dessa história: uns eram farsantes, outros produziam realmente fenômenos; mas, nenhum dos falsos médiuns tinha consentido em ser ligado na cadeira, como Florence Cook, nem suportavam luz clara suficiente para se distinguir a verdade da impostura. Ao contrário, médiuns autênticos como William Eglinton, para citar este somente, obtiveram fenômenos verdadeiros, apesar das condições severas que foram impostas e aceitas.

Eglinton colocava-se numa espécie de jaula de ferro; a porta fechava-se com um cadeado que os próprios espectadores trazi-

am, guardando-lhe a chave durante as sessões. Assim, antes de aparecerem, os Espíritos deviam passar através da jaula e da cortina que fechava o gabinete escuro; eles triunfavam desses obstáculos e apareciam no salão. Nessas condições, era impossível duvidar da boa-fé do médium.

Desde a época de Katie King, outros médiuns desenvolveram-se e obtiveram fenômenos idênticos. O Sr. Sargent, quando tratava da compilação do seu livro, escreveu ao Dr. Gully, pedindo-lhe mais amplas informações; eis a resposta:

Carta do Sr. Dr. Gully

“À pergunta especial que me fazeis quanto às experiências sobre a materialização dos Espíritos pela mediunidade de Florence Cook, tenho a dizer que faço as minhas observações há dois anos; assisti a numerosas sessões e não nutro a menor dúvida; ao contrário, tenho a mais firme convicção de que as materializações são fatos reais.

Não há razão para duvidar-se da honestidade das pessoas presentes, ou para acusar quem quer que seja de fraude. Observei que o poder do Espírito aumentava gradualmente; os fatos seguintes vo-lo provarão:

Durante as primeiras sessões, só o rosto se formava; algumas vezes os braços e as mãos apareciam; a figura mostrava-se sem cabelos, o crânio não era visível e percebíamos uma espécie de máscara animada. Os olhos e a boca moviam-se. Gradualmente, pudemos obter a forma inteira, que apareceu depois de cinco meses de sessões, feitas uma ou duas vezes por semana. Pouco a pouco a aparição se formou mais rapidamente. Ela mudava seus cabelos, seus vestidos, a cor da pele, conforme o nosso desejo.

A voz fez-se ouvir muito tempo antes da formação completa do corpo; tinha um som rouco, salvo quando Katie se juntava a nós para cantar. Ela tinha, então, *uma voz de contralto, clara e sonora*. Ao contato, sua pele era macia e de calor natural; seus movimentos eram extremamente gracioso-

sos; quando, porém, se abaixava para apanhar algum objeto, parecia que seu corpo e suas pernas se inclinavam para trás.

Quando se lhe tirou fotografia, tendo-me sentado ao seu lado, segurei sua mão durante dois minutos ao menos, por três diferentes vezes, pois nos fotografamos por três vezes na mesma noite. Fui forçado a fechar os olhos, por causa da luz intensa do magnésio que nos iluminava; Katie tinha declarado que conviria evitar olhá-la fixamente, enquanto ela tomava posição em frente ao aparelho.

Creio que se podia ter obtido dela muitas informações concernentes aos mistérios de além-túmulo, mas os assistentes pareciam sempre preferir o divertimento; cumprimentavam Katie e as sessões se passavam em conversações inúteis e sem interesse. Fiquei aborrecido com essas futilidades. Eu queria questioná-la sobre assuntos que interessam os Espíritos sérios.

Não pude falar-lhe senão por uma ou duas vezes, com grande pesar meu.

Perguntam se esses Espíritos podem dar idéia exata do seu estado, mas, quanto a mim, penso que suas faculdades desenvolvem-se ao mesmo tempo, tanto no moral quanto no físico, e que, se fossem questionados inteligentemente, responderiam do mesmo modo. Creio que, se os assistentes tivessem bastante desejo de se instruírem, os Espíritos de uma ordem mais elevada seriam enviados aos grupos e instruir-nos-iam simpaticamente por meio da palavra, dos escritos e da inspiração.

Desde que uma pessoa está convencida da realidade da presença dos Espíritos e da ausência de qualquer fraude, deveria preparar-se para receber a instrução espiritual, e esta ser-lhe-ia, certamente, dada. Manifestações físicas se obtêm pelo alfabeto; se o Espiritismo se ocupasse com isso, a Humanidade teria muito a ganhar. Penso, como vós, que o Espiritismo é destinado a afastar o espesso nevoeiro de obscuridade que torna, atualmente, mais ou menos supersticiosas todas as religiões.

O Espiritismo é uma verdade nova que permitirá às almas da Terra entrarem em comunhão com as almas livres do espaço; essas almas poderão, também, revelar-nos a obra misteriosa da *Grande Causa* e do *Grande Efeito*, e poderemos, então, estabelecer uma religião filosófica.

Por seu lado, a filosofia poderá progredir, em vez de voltar dentro de um círculo restrito, como tem acontecido desde Platão até os nossos dias.

O estudo tem sido árido, e negativo o resultado.”

Assim termina a carta do Dr. Gully; como se vê, depois de dois anos de estudos, o doutor tornou-se espírita convicto; compreendeu a alta importância da nossa causa e a influência que estava destinada a exercer sobre a nova orientação do pensamento.

Fotografias do Espírito Katie King

Na primavera de 1873, várias sessões já haviam sido realizadas, com o fito de se obterem fotografias de Katie King. As provas foram obtidas pelo Sr. Harrison, que, pelo seu notável estudo sobre esse caso estranho de materialização, teve uma grande influência no desenvolvimento da mediunidade de Florence Cook.

As pessoas abaixo indicadas, reunidas na casa do Sr. Henry Cook, desejavam obter a fotografia da forma materializada do Espírito Katie King, que se manifesta sempre pela mediunidade de Florence Cook. Esse Espírito falava distintamente a todos os assistentes e tornava-se visível. Na sessão de 7 de maio, o Espírito Katie mostrou-se visível em toda a claridade; até então, só se tornava visível em meia obscuridade. Não sendo a luz velada que se emprega nas sessões suficiente para se obter a fotografia, o Espírito Katie King aconselhou que se usasse a luz do magnésio.

Seu conselho foi adotado. Nos primeiros dias, Katie, não suportando essa luz mais de alguns segundos, aparecia somente na abertura da cortina e desaparecia logo, a fim de colher novas forças no fluido da médium e no dos assistentes, pois os Espíri-

tos dizem que o corpo fluídico que lhes serve para se tornarem visíveis e lhes permite fazerem-se ouvir é composto quimicamente, à custa do fluido da médium e das pessoas que podem dar-lhe assistência, fluidos esses que eles condensam e com os quais se materializam. Katie habituou-se de tal modo à luz que, em 7 de maio, quatro fotografias foram tiradas com êxito: uma delas foi reproduzida pela gravura. O Sr. Harrison disse-nos que, na fotografia, os traços são mais finos e belos e que há uma expressão na fisionomia, quase eterizada, que foi mal reproduzida pela gravura.

As experiências fotográficas são muito bem descritas na ata transcrita mais adiante e assinada com os seguintes nomes: Amelie Corner, Caroline Corner, J. Luxmore, G. Tapp e W. Harrison. As portas do gabinete foram abertas e penduram-se xales na abertura. A sessão começou às seis horas da tarde e durou cerca de duas horas, com um intervalo de 30 minutos. A médium adormeceu logo que ficou instalada no gabinete e, alguns instantes depois, Katie apareceu e avançou na sala. A Sra. Cook assistia igualmente à sessão com seus dois filhinhos, que se divertiam muito a conversar com o Espírito.

Katie estava vestida de branco; nessa noite, seu corpete estava desamarrado e suas mangas muito curtas, de sorte que se podia admirar seu maravilhoso pescoço e seus belos braços. Seu toucado mesmo, que lhe vinha até à testa, estava um pouco para trás e deixara ver os cabelos castanhos ao pé do seu rosto. Seus olhos eram grandes e brilhantes, de cor cinzenta ou azul-escuro.

Katie tinha a tez clara e rosada, lábios coloridos e parecia muito viva. Reparando na nossa satisfação em contemplá-la assim, diante de todos, Katie redobrou seus esforços para nos dar uma boa sessão. Depois, quando deixou de tomar posição diante do aparelho, passou conversando com todos, criticando, muito à sua vontade, os assistentes, o fotógrafo e seus arranjos, e achou que o aparelho era uma coisa engraçada. Pouco a pouco, avançou para mais perto de nós, animando-se bastante. As portas da sala das sessões estavam abertas para facilitar a ida e a vinda dos operadores e de preparados químicos. Após cada projeção da luz do magnésio, abriram-se as janelas e a luz do crepúsculo pene-

trava em quantidade. Então nos levantávamos, passeando na sala, sem parecer que isso perturbasse Katie. As condições eram excelentes e foi sem interrupção que a sessão continuou.

Katie apoiou-se no ombro do Sr. Luxmore, enquanto a fotografavam; ela chegou mesmo a, de certa feita, suspender a lâmpada, para iluminar melhor seu rosto.

Permitiu ao Sr. Luxmore e à Sra. Corner que passassem as mãos pelo seu vestido, a fim de se assegurarem de que ela não trazia mais de um. Em seguida, pôs-se a gracejar com o Sr. Luxmore, bateu-lhe nas faces, puxou-lhe pelos cabelos e tomou seu monóculo para mirar as pessoas que estavam na sala. As fotografias foram tiradas à luz de magnésio; depois disso, a iluminação consistia em uma vela e uma lâmpada pequena. Quando se retirou a placa para ser revelada, Katie correu atrás do Sr. Harrison, pedindo para ver.

Quando voltou à sala, ele mostrou-lhe a prova; Katie foi, então, para muito perto dele, a fim de olhar, e ele tocou-a.

Uma coisa curiosa passou-se nessa noite: no momento em que Katie estava sentada diante do gabinete, esperando o instante de tomar posição, viu-se aparecer, na abertura superior, um grande braço de homem, nu até ao ombro, e agitando os dedos. Katie voltou-se, repreendeu o intruso, dizendo que era um mau procedimento vir outro Espírito desarranjar tudo, quando ela tomava posição para o seu retrato, e ordenou-lhe que se retirasse depressa.

Quando se chegava ao fim da sessão, Katie declarou que suas forças desapareciam, que estava *quase a esvair-se*. Seu poder estava de tal modo enfraquecido que a luz, penetrando no gabinete, para onde ela se tinha retirado, parecia dissolvê-la; viu-se que ela se dissipava, de modo que, não mais tendo corpo, seu pescoço tocava o chão.

Suas últimas palavras foram para pedir que cantássemos e ficassemos sentados tranqüilamente, “pois era bem triste não ter mais pernas para suste-se em pé”.

Cantamos, então, conforme seu desejo; em breve, Katie voltou, formada como no princípio, e uma outra fotografia foi

tirada, com muito bom resultado. Depois de ter dado um soco no Sr. Luxmore, Katie voltou ao gabinete escuro e deu algumas pancadas para que fossem soltar a médium. Assim terminou a sessão, feita com todas as garantias desejáveis. A única condição estabelecida pelo Espírito tinha sido a de que não o olhássemos fixamente enquanto ele tomava posição.

Eis as precauções que foram tomadas no começo da sessão: a Sra. Corner e sua filha acompanharam Florence Cook ao seu quarto, a fim de fazerem com que se despisse e examinasse seu vestuário. Fizeram-na cobrir-se com um grande roupão de casimira parda, em vez do vestido, que ela retirou, e depois conduziram-na à sala da sessão; seus punhos foram amarrados, solidamente, com barbante. Os nós foram examinados, lacrados e sinetados pelos assistentes. O gabinete foi examinado em todos os sentidos e, em seguida, Florence Cook ali se assentou. O cordão que a prendia passava por uma argola fixa no soalho, depois por baixo do xale, e a ponta foi ligada a uma cadeira que estava *fora do gabinete*; desse modo, qualquer movimento que a médium fizesse seria imediatamente percebido.

Durante o intervalo, que durou meia hora, desligou-se a médium, que foi, contudo, conservada sob constante vigilância das Sras. Corner. Novamente prenderam-na e os laços foram selados; o Sr. Luxmore encarregou-se desse trabalho e o seu anel serviu de sinete sobre o lacre.

No fim de cada sessão, os laços foram examinados por todas as pessoas presentes; ao que se verificou que tudo estava intacto.

Em outra ocasião, o Sr. Luxmore deu os detalhes seguintes:

“Em 7 de maio obtivemos uma excelente fotografia de Katie King. Não foi sem dificuldade que a obtivemos, pois se tornou necessário empregar a luz produzida pelo pó de magnésio. Sendo muito estreito o funil que nos serviu para deitar esse pó, e tendo ele se entupido, conseguimos, a princípio, somente imagens imperfeitas. Mas, enfim, nesse dia fomos recompensados pelos nossos trabalhos e dispêndios. Enquanto a Sra. Corner estava ocupada em revistar a roupa de Florence Cook, examinei o gabinete escuro em todos os can-

tos; nada poderia ali se ocultar que eu não tivesse descoberto. Florence Cook sentou-se num tamborete muito baixo, nesse gabinete. Foi deveras vigiada e teve as mãos firmemente amarradas. Todas as medidas de precaução foram tomadas e mesmo a casa tinha sido, momentos antes, inteiramente revistada. Somente então a sessão começou. Katie apareceu. Sua estatura era maior do que a de Florence Cook; o Espírito falava, movia-se livremente na sala, enquanto a médium dormia sob a ação de um sono magnético profundo. Devo também acrescentar que, depois de ter tomado posição para a fotografia, Katie afastou a cortina que tapava o gabinete, pedindo-nos que a olhássemos. Parecia ter perdido todo o seu corpo, apresentando uma aparência das mais curiosas: seu pescoço tocava no soalho, suportando a cabeça que emergia da roupagem branca que formara o seu vestido.”

Os Espíritos dizem: “É dificilmente, e com muito trabalho, que conseguimos condensar-nos para nos tornarmos visíveis sob a ação da luz”, e acrescenta-se que essa causa deve influir sobre as outras manifestações espíritas, tais como a escrita direta, a harmonia musical, os transportes de objetos estranhos. Todos esses fenômenos produzem-se melhor nos lugares escuros e bem fechados.

Nossos ensaios custavam dinheiro, tempo e trabalho, mas tínhamos todos contribuído com satisfação para o que podia dar bom resultado. A paciência da médium merece, particularmente, os nossos elogios e aplaudimos a perseverança do benévolo Espírito Katie. A cena era interessante: aqui, mesas cobertas de aparelhos; em derredor, o círculo dos assistentes; de uma tribuna, ao fundo, o Sr. Tapp dirigia a luz elétrica e, a um sinal do fotógrafo, um jato de luz era projetado sobre uma forma encantadora. Nos nossos coros, havia entusiasmo, ansiedade e satisfação profunda.

Em 12 de maio tiraram-se, na casa do Sr. Henry Cook, outras fotografias de Katie, ainda mais nítidas do que as primeiras.

Estavam presentes: o Sr. Gully de Malvern, as Sras. Catarina Poyats, Whithall e Brixton, os Srs. Whithall e Tapp, os quais

atestaram que o Espírito Katie se manifestou por diversas vezes durante essa sessão, a fim de ser fotografado; que a Sra. Corner estava sentada perto da porta aberta do gabinete, onde a médium repousava amarrada e em profundo sono. Todos declaram ter visto o Espírito e a médium ao mesmo tempo. Todas as precauções, portanto, estavam tomadas; as pessoas que deram o seu testemunho viram realmente a aparição de Katie King, não foram vítimas de uma alucinação, constatando sua presença real, absolutamente comprovada. Essa personalidade, que aparecia e desaparecia instantaneamente, não era a médium disfarçada, como certos homens quiseram fazer crer. Todos os testemunhos comprovam as dessemelhanças entre Florence Cook e Katie King.

O Prof. William Crookes fez experiências, demonstrando a existência de duas personalidades distintas, e, no começo das sessões, homens inteligentes e competentes, como os Srs. Blackburn, Luxmore, Dr. Gully, Harrison e outros, haviam tomado todas as precauções necessárias para não serem mistificados.

A existência de Katie King não repousa unicamente nas experiências do Sr. William Crookes, como certas pessoas supuseram.

O Dr. Gully diz ainda:

“Todas as pessoas que assistiram às sessões de Miss Cook sabem quantas precauções foram tomadas para se descobrir o menor movimento por parte da médium; os cordões que ligavam seu corpo estendiam-se pelo chão e suas extremidades eram, às vezes, seguras por alguma das pessoas que se achavam na sala. Uma ou mesmo duas vezes, os cabelos de Florence Cook foram presos ao chão; ela ficava estendida e seus cabelos, passando pela abertura da cortina, eram visíveis a todos, enquanto Katie King passeava à nossa frente... Todas essas provas convenceram-me de que a forma aparecida não era a médium Florence Cook, e sim uma individualidade inteiramente distinta.”

Para terminar a questão, definitivamente, e saber se Florence Cook estava realmente estendida no gabinete, enquanto o Espíri-

to passeava pelo lado de fora, o Sr. Cromwell Varley, o célebre inventor do cabo transatlântico, concebeu a idéia de fazer passar uma corrente elétrica através do corpo da médium, enquanto o Espírito estava presente.

Empregou uma bateria galvânica e um aparelho de que se servia para experimentar os cabos. Se Florence Cook tentasse mover-se ou fazer o papel de Espírito, esse aparelho denunciaria o engodo, pois que ela não poderia vestir outra roupa e deixar o seu lugar sem tocar na corrente elétrica. Entretanto, apesar dessas condições de prova científica, o Espírito Katie apareceu, como de costume, mostrou os seus braços, falou, escreveu algumas palavras, tocou em diversas pessoas, e isto se operou não na casa da médium, onde poderiam supor haver fraude, mas na casa do Sr. Luxmore, na parte oeste de Londres.

Durante uma hora, a corrente elétrica foi mantida sem interrupção e Florence Cook foi encontrada em *transe*. Assim, ficou demonstrado, clara e irrefutavelmente, que Florence Cook permanecera tranqüila no gabinete, enquanto Katie estivera visível na sala.

Quanto ao vestuário de Katie, ela o mudava quase todas as noites. O tecido era sempre de uma grande alvura e muito agradável ao tato. A Sra. Douglas levou uma amostra aos grandes lojistas de Londres, Srs. Howell e James, pedindo que lhe dessem fazenda igual; foi respondido que esse tecido não existia à venda e que o supunham de fabricação chinesa.

O Sr. Harrison conta que, uma noite, na obscuridade, Katie fez com que as pessoas presentes apalpassem alguma coisa, dizendo: “Não o rasgueis; eis de que formamos o nosso corpo.”

Ao tato, essa qualquer coisa parecia um pedaço de pele de gamo molhada. Depois, disse-nos: “Apalpai isto; é a roupagem espiritual.” O tecido era, certamente, interessante; apalpado com a ponta dos dedos, ele parecia tão leve e delicado como uma teia de aranha; comparado com uma seda fina, esta pareceria pesada e grosseira. “Agora, materializei-o”, disse Katie, e ele assemelhou-se ao tecido branco que cobre ordinariamente a cabeça dos Espíritos.

Em diversas ocasiões, Katie anunciara que as suas materializações por Florence Cook cessariam no dia 21 de maio de 1874. Numa dessas últimas sessões, o Sr. Coleman estava presente. Tirou do bolso uma fotografia, que apresentou a Katie, ao que esta exclamou, imediatamente: “Mas, este retrato é do Dr. Gully, e não o meu.” (Katie e o Dr. Gully estavam aí fotografados conjuntamente). “Que devo fazer?” “Escrevei, disse o Sr. Coleman, o vosso nome com a dedicatória que quiserdes fazer-me, e eu guardarei vossa fotografia como lembrança desta noite.” Katie pediu-lhe um lápis e escreveu: “Annie Morgan, conhecida geralmente pelo nome de Katie King, ao seu caro amigo Sr. Ben. 9 de maio de 1874.”

Leu-se em voz alta o que estava escrito e alguém exclamou: “É demasiado familiar”, observando a Katie King que havia outras pessoas com o mesmo nome, por ela conhecidas. Katie pediu, então, o retrato e retificou deste modo: “O Sr. Ben é o Sr. Benjamin Coleman.”

Falando a respeito dessa mesma noite, o Sr. Coleman contou que Katie ia muitas vezes atrás da cortina, para vigiar a médium. “Uma vez, quando ela ali estava, o Sr. Crookes ergueu a cortina e, no momento, viu, assim como eu e quatro outras pessoas que estavam perto de mim, a forma de Katie com o seu *vestido branco*, inclinada sobre o corpo da médium, adormecida e vestida com uma *roupa azul*; a cabeça de Florence Cook estava coberta com um xale encarnado.”

Ergueu-se uma segunda vez a cortina, para se olhar de novo, e o Sr. Coleman ficou absolutamente convencido de que vira ao mesmo tempo a forma viva de Florence Cook e o Espírito materializado de Katie.

Foi somente no começo do ano de 1874 que o Prof. William Crookes principiou as suas experiências com Florence Cook. Numa carta, datada de Londres, a 3 de fevereiro de 1874, o Sr. Crookes exprime-se deste modo:

“Florence Cook está, neste momento, exclusivamente ocupada com uma série de sessões particulares para mim e um ou dois amigos. As sessões durarão vários meses e a mé-

dium permitiu que eu tomasse todas as precauções desejáveis... Já vi fatos bastantes para estar convencido da perfeita veracidade e honradez de Florence Cook.”

Anteriormente, o Sr. William Crookes estudou os fenômenos espíritas com Miss Kate Fox, uma das célebres irmãs Fox, da América do Norte, que, mais tarde, esposou o Sr. Jencken.

O médium Daniel Dunglas Home serviu, igualmente, nas experiências científicas do Sr. Crookes.³³

Apesar de todos esses estudos tão sérios, o Prof. Crookes absteve-se de adotar a teoria espírita para explicar a causa dos fenômenos. Contentou-se em enunciar os fatos, afirmar sua existência real e tomar precauções para que a fraude fosse impossível. Conviria buscar uma outra explicação e crer na sinceridade dos médiuns.

Durante a semana que precedeu a sua partida, o Espírito Katie deu sessões quase todas as noites, para permitir que o Sr. Crookes o fotografasse à luz artificial do magnésio.

O Sr. Sargent cita uma carta que recebeu do Sr. Crookes, com data de 24 de julho de 1874. Este lhe enviou duas fotografias e escreveu estas palavras:

“Tereis, talvez, interesse em ver uma das minhas fotografias com Katie, que me segurava pelo braço; o outro retrato representa Katie sozinha, em pé. Na primeira fotografia, vê-se Katie vestida com a sua roupa branca, até ao meio da perna; na outra, Katie está representada até aos joelhos. A roupa com que está vestida cai em pregas graciosas, o rosto é calmo, os traços são bem alinhados; a forma inteira apresenta a mesma nitidez que a de um verdadeiro ser humano e os contornos não deixam de estar acentuados.”

Essas fotografias, obtidas no laboratório particular do Sr. Crookes, confirmaram todas as provas precedentes da realidade dos fenômenos. Quarenta clichês foram tirados; alguns estavam ruins, outros sofríveis e outros excelentes. Sucedia, frequentemente, que o Sr. Crookes acompanhasse Katie quando ela se retirava para o gabinete escuro; algumas vezes ele via o Espírito

e a médium ao mesmo tempo; quase sempre, porém, só encontrava Florence Cook, em transe, no chão; Katie e seu vestido branco tinham desaparecido instantaneamente.

Entretanto, como isso se passasse na casa do Sr. Crookes, ele estava certo de que não podia haver ali alçapões ou passagens secretas.

Katie King *fundia-se* logo que entrava no gabinete escuro; dava, então, à médium todas as moléculas, todos os fluidos que lhe tomara. Além disso, o aparelho científico (dynamômetro) empregado para provar a realidade dos fatos marcava uma diferença de peso assaz sensível na médium, quando o Espírito formado passeava na sala e quando ele estava desmaterializado.

É interessante estudar-se os testemunhos de muitas pessoas diferentes: umas relatam um incidente, outras um novo fato; pode-se, enfim, fazer uma idéia bastante justa do conjunto dos fenômenos obtidos por Florence Cook, que vive, atualmente, no País de Gales, em Usk, rodeada do seu marido e dos seus filhos. Esposou o Sr. Elgie Corner, em 1874, que assistiu a numerosas sessões, juntamente com sua mãe e sua irmã. Mas, voltemos aos testemunhos.

Testemunho do Sr. Dawson Rogers

Diretor atual do *Light*, jornal espírita de Londres, perante o Sr. Leth, do Conselho da Rainha, autoador dos juramentos, e verificado pelo Cônsul Francês:

“Eu, abaixo assinado, Edward Dawson Rogers, da cidade de Londres, jornalista, certifico ter visto, em diversas ocasiões, os fenômenos espíritas chamados materializações e a aparição de uma segunda forma humana, que não era a da médium, sair do gabinete no qual a médium estava presa. Presenciei este fato mais de uma vez, nas condições rigorosas de experimentação impostas pelo Prof. William Crookes, ilustre químico e membro da Real Sociedade da Grã-Bretanha; era impossível haver aí a menor fraude.

A aparição passou no meio dos investigadores sentados defronte do gabinete, conversou com eles e por eles foi tocada. Uma vez, estando a aparição assim ocupada, o Prof. William Crookes entrou no gabinete e afastou a cortina que ocultava a médium aos assistentes; vimos, então, a médium e a aparição *materializada* ao mesmo tempo.

(a) E. Dawson Rogers.”

Carta do Sr. Harrison

Eis o texto da carta que o Sr. Harrison publicou no jornal *The Spiritualist*. Relata a sessão da despedida de Katie, efetuada em 21 de maio de 1874, em Londres:

“As pessoas presentes eram: os Srs. William Crookes, Harrison, G. R. Tapp; as Sras. Corner, Ross-Church (Florence Marryat), o Sr. e a Sra. Cook, seus filhos e a criada Maria.

Às 19:25, o Sr. Crookes conduziu Florence Cook ao gabinete escuro. Ali, estendeu-se ela no chão; colocou-se um travesseiro para a sua cabeça. Às 19:28, Katie fez ouvir a sua voz e dois minutos depois apareceu fora da cortina, completamente materializada. Estava vestida com um tecido branco, muito claro; seu pescoço apresentava-se desguarnecido e suas mangas eram curtas. Tinha belos cabelos castanho-dourados, que caíam encaracolados de cada lado do seu rosto e ao longo das suas costas, descendo quase até à cintura. Trazia um longo véu branco com o qual cobriu as feições uma ou duas vezes durante a sessão (procedendo desse modo, ela recolhia as forças fluídicas que lhe permitiam resistir melhor à temperatura da sala).

A médium vestia uma roupa de merinó azul-claro. Durante quase toda a sessão, e quando Katie estava à frente, a cortina conservou-se levantada e todos puderam ver distintamente a médium em transe, que não tinha deixado sua primitiva posição e permanecera estendida com o rosto coberto por um xale encarnado, a fim de preservá-lo dos raios lumi-

nosos. *Durante toda a sessão a sala foi iluminada por uma luz bastante clara.*

Katie falou da sua partida iminente; aceitou um buquê de flores que o Sr. Tapp lhe trouxera, assim como um raminho de lilás que o Sr. Crookes lhe ofereceu.

Todas as pessoas presentes aproximaram-se para muito perto de Katie. Ela pediu ao Sr. Tapp que desfizesse o buquê e colocasse as flores no chão, diante dela; em seguida, sentou-se à moda oriental e pediu a todos que formassem círculo em torno da sua pessoa; a maior parte sentou-se no chão, em círculo, e Katie dividiu as flores em tantos raminhos quantos eram os assistentes, amarrando-os com fitas azuis. Escreveu algumas palavras de despedida aos seus amigos, assinando *Annie Morgan*, nome que assinava na Terra. Escreveu algumas linhas à sua médium e escolheu para ela um belo botão de rosa como lembrança de despedida.

Katie tomou, então, uma tesoura e cortou uma porção dos seus cabelos, distribuindo-os por todos. Depois, tomou o braço do Sr. Crookes e deu uma volta pela sala, apertando a mão de cada um. Assentou-se, novamente, e cortou alguns pedaços do seu véu e do seu vestido, distribuindo-os; quando ela cortava, assim, vários pedaços grandes do vestido, perguntaram-lhe se os podia reparar, como já fizera em outras ocasiões. Nesse momento ela estava entre o Sr. Crookes e o Sr. Tapp; ergueu o tecido esburacado, em plena luz, sacudiu-o com força e, num instante, o vestido apresentou-se como anteriormente, pois os buracos haviam desaparecido. As pessoas que estavam sentadas perto da porta do gabinete escuro tocaram e examinaram imediatamente o tecido do seu vestido, com a sua permissão (elas afirmaram que não havia buraco ou costura de qualquer espécie nos lugares onde, momentos antes, tinham visto grandes buracos com várias polegadas de diâmetro). Em seguida, Katie deu as últimas instruções ao Sr. Crookes e aos seus amigos sobre a conduta que deviam ter, no concernente às suas manifestações ulteriores, de outra espécie, por meio da mesma médium. Essas instruções foram escritas e entregues ao Sr. Crookes.

Katie parecia fatigada e disse que sentia ser obrigada a partir, pois que o seu poder diminuía. Disse um adeus afetuoso a todos e os assistentes agradeceram as maravilhosas manifestações que ela tinha dado.

Katie deitou ainda uma vez um olhar afetuoso e triste a cada um dos assistentes e depois deixou cair a cortina; nunca mais se tornou a vê-la. Ouviu-se quando ela despertava a médium, que lhe suplicou, chorando, para ficar ainda um pouco; Katie, porém disse: “Minha querida, eu não posso; minha missão está terminada. Deus te proteja!” E ouvimos o som do beijo de despedida.

A médium apareceu, então, na cortina e veio ter conosco, muito esgotada e profundamente perturbada. Katie dissera que jamais poderia falar ou mostrar seu rosto na Terra; que ela tinha passado três anos tristes e penosos, purificando-se por essas provas na produção de manifestações físicas e que tinha merecido subir a uma esfera espiritual mais elevada. Acrescentou que, com longos intervalos, poderia comunicar-se com a sua médium, por meio da *escrita*, porém que Florence Cook poderia vê-la em qualquer momento, desde que estivesse adormecida magneticamente.”

O testemunho do Sr. Crookes é-nos fornecido pelos artigos que ele escreveu sobre o assunto e que, depois de terem sido publicados no *The spiritualist*, de Londres, saíram no seu livro *Researches in the Phenomena of Spiritualism*.

Testemunho do Prof. William Crookes ³⁴

“Esforcei-me o mais que pude para evitar toda controvérsia, escrevendo ou falando sobre um assunto tão inflamável como os fenômenos denominados espíritas. Exceto pequeno número de casos em que a eminente posição dos meus adversários poderia dar, ao meu silêncio, outros motivos que não fossem os verdadeiros, não repliquei os ataques e as falsas interpretações que os meus estudos sobre os fenômenos fizeram cair sobre mim.

Entretanto, o caso agora é outro, pois algumas linhas da minha parte poderão, talvez, afastar uma injusta suspeita atirada sobre alguém. E quando esse alguém é uma senhora, sensível e inocente, cumpro, particularmente, um dever, trazendo a autoridade do meu testemunho em favor da pessoa que é injustamente acusada. Entre todos os argumentos apresentados de um lado e do outro a respeito dos fenômenos obtidos pela mediunidade da jovem Florence Cook, vejo muito poucos fatos que possam induzir o leitor imparcial a dizer, se é que ele pode ter confiança no critério e na veracidade do narrador: “Enfim, eis aqui uma prova absoluta!”

Vejo muitas afirmações temerárias, muitos exageros, muitas conjeturas e suposições intermináveis, algumas insinuações de fraude, um pouco de chocarrice vulgar; ninguém, todavia, deu uma informação positiva, baseada na evidência dos sentidos, de que, quando está visível, na sala, a forma que dá o nome de Katie, o corpo de Florence Cook repousa ou não no gabinete.

Parece-me que toda a questão se encerra nestes estreitos limites. Que se prove com um fato uma ou outra dessas alternativas, e todas as questões subsidiárias poderão ser afastadas. A prova, porém, deve ser absoluta: cumpre que não seja baseada num raciocínio por indução, nem aceita segundo a suposta integridade dos *selos*, dos *nós* ou das *costuras*, pois tenho razões para acreditar que o poder produtor desses fenômenos é como o amor, e “zomba dos serralheiros”.

Eu esperava que alguns dos amigos da Sra. Florence Cook, que acompanharam suas sessões quase desde o começo, e que parecem ter sido mais favorecidos nas provas que receberam, já houvessem dado testemunho a seu favor; mas, na falta das testemunhas que seguiram esses fenômenos desde o princípio, há cerca de três anos, seja-me lícito a mim, que não fui, realmente, admitido senão na penúltima hora, certificar um fato que se deu numa sessão para a qual fui convidado a pedido da Sra. Florence Cook e que se realizou alguns dias depois do fato desagradável que originou semelhante controvérsia.

A sessão efetuou-se na casa do Sr. Luxmore e o gabinete era uma alcova que uma cortina separava da sala onde se achavam os assistentes.

Tendo-se cumprido a formalidade de inspecionar e examinar tudo, Florence Cook penetrou no gabinete. No fim de pouco tempo, a forma de Katie apareceu ao lado da cortina, mas retirou-se logo, dizendo que, pelo fato de a médium não se sentir bem, ela não a podia fazer entrar num sono suficientemente profundo, de modo a afastar-se sem perigo.

Encontrava-me sentado a alguns pés de distância da cortina, atrás da qual a Sra. Cook permanecia deitada, e pude, freqüentes vezes, ouvir suas queixas e seus suspiros, como se ela sofresse. Esse incômodo continuou, por intervalos, quase durante toda a sessão e, *uma vez, quando a forma de Katie estava diante de mim na sala, ouvi distintamente o som de um soluço queixoso, idêntico aos que Florence Cook produzia, por intervalos, durante todo o tempo da sessão, vindo do lado da cortina, atrás da qual ela devia estar.*

Confesso que Katie tinha notável aparência de realidade e vida e, tanto quanto pude apreciar, à luz um pouco vaga, seus traços assemelhavam-se aos de Florence Cook; entretanto, a prova positiva dada por um dos nossos sentidos, demonstrando que o suspiro vinha do gabinete, enquanto o Espírito estava do lado de fora, essa prova, digo eu, é demasiado forte para poder ser destruída por simples suposição do contrário, mesmo bem sustentada.

Vossos leitores conhecem-me bem e, certamente, acreditarão, eu o espero, que, possuindo provas insuficientes, não adotaria eu, precipitadamente, uma opinião, nem lhes pediria para estarem de acordo comigo. Seria, talvez, esperar muito se eu pensasse que o pequeno incidente aqui mencionado teria para eles o mesmo valor que para mim. Entretanto, rogo aos que estão inclinados a julgar duramente a Sra. Florence Cook suspendam o seu julgamento, até que eu apresente uma prova certa, e que, segundo creio, seja suficiente para resolver a questão...

Tudo o que peço é que os vossos leitores não presumam, de afogadilho, implicar numa fraude o que, à primeira vista, parece duvidoso, e que suspendam seu julgamento até que eu lhes fale, de novo, sobre o assunto.

3 de fevereiro de 1874.

William Crookes
20, Mornington Road, London.”

Formas de Espíritos

“Numa carta que escrevi a esse jornal, em 3 de fevereiro último, falei dos fenômenos das formas de Espíritos que se manifestaram pela mediunidade de Florence Cook e disse: Que as pessoas que estão inclinadas a julgar duramente Miss Cook suspendam seu julgamento até que eu apresente provas certas, que, estou convencido, bastarão para terminar a questão.

Neste momento, Miss Cook consagra-se exclusivamente a uma série de sessões privadas, às quais só assistem um ou dois dos meus amigos e eu...

Tenho visto bastante para estar plenamente convencido da sinceridade e da honradez perfeitas de Miss Cook, e crer que serão cumpridas as promessas que ela me fez tão espontaneamente.

Nessa carta, descrevi um incidente que era suficiente para convencer-me de que Katie King e Miss Cook eram dois seres materiais distintos.

Quando Katie estava fora do gabinete, em pé diante de mim, ouvi um soluço queixoso, vindo de Miss Cook, que estava no gabinete. Tenho, agora, a satisfação de dizer que obtive, enfim, *a prova absoluta* do que falei na carta supracitada.

Neste momento não falarei da maior parte das provas que Katie me deu, nas numerosas ocasiões em que Miss Cook me favoreceu com sessões na minha casa, pois relatarei apenas uma ou duas que se realizaram ultimamente. Desde algum tempo, faço experiências com uma lâmpada fosfórica, consistindo numa

garrafa de 6 a 8 onças, com óleo fosforado e solidamente arrolhada. Eu tinha razões para esperar que, à luz dessa lâmpada, alguns dos misteriosos fenômenos do gabinete poderiam tornar-se visíveis e Katie esperava, ela também, que esse resultado fosse obtido.

Em 12 de março, durante uma sessão na minha casa, depois que Katie passeou no meio de nós e nos falou por alguns minutos, retirou-se para detrás da cortina que separava o meu laboratório, onde os convidados estavam sentados, da minha biblioteca, que, temporariamente, servia de gabinete escuro.

No fim de um momento, ela voltou à cortina e chamou-me, dizendo: “Entrai no gabinete e erguei a cabeça da médium; ela jaz no chão.” Katie estava, então, diante de mim, com o seu vestido branco habitual, e toucada com o seu turbante. Imediatamente, dirigi-me para a biblioteca, a fim de erguer Miss Cook, e Katie pôs-se de lado para me deixar passar. Miss Cook descambara em parte de cima do canapé e sua cabeça estava numa posição penosa. Coloquei-a no canapé e, fazendo isso, tive, apesar da obscuridade, uma vidência suficiente para constatar que Miss Cook não estava vestida com a roupa de Katie, pois trazia seu vestuário habitual, de veludo preto, e achava-se em profunda letargia. Não se tinham passado mais de *três segundos* entre o momento em que vi Katie vestida de branco, em pé, diante de mim, e aquele em que ergui Miss Cook para o canapé, tirando-a da falsa posição em que caíra.

Voltando ao meu posto de observação, Katie tornou a aparecer e disse que pensava poder mostrar-se a mim, ao mesmo tempo que víssemos a médium.

O gás foi apagado e ela pediu a minha lâmpada fosfórica. Depois de mostrar-se à claridade durante alguns segundos, deu-me a lâmpada e disse: “Agora entrai e olhai a médium.” Segui-a de perto na minha biblioteca e, à claridade da lâmpada, vi Miss Cook repousando no sofá, exatamente como eu a tinha deixado. Olhei em torno de mim para ver Katie; esta, porém, havia desaparecido; chamei-a e não recebi resposta.

Tornei, então, ao meu lugar, e Katie reapareceu imediatamente; disse-me ela que, durante todo o tempo, estava em pé ao lado da médium. Perguntou, então, se ela própria não podia fazer uma experiência e, tomando das minhas mãos a lâmpada fosfórica, passou para trás da cortina, pedindo-me que não olhasse o gabinete, por um momento. No fim de alguns minutos, entregou-me a lâmpada, dizendo não poder tirar resultado, pois esgotara todo o fluido da médium, porém que tentaria isso de novo, em outra ocasião.

Meu filho mais velho, um rapaz de 14 anos, que estava sentado na minha frente, numa posição tal que podia ver atrás da cortina, disse-me que vira a lâmpada fosfórica flutuar no espaço, por cima de Florence Cook, iluminando-a enquanto ela estava estendida sem movimento no sofá, porém que a ninguém tinha visto segurando a lâmpada. Passo, entretanto, à sessão efetuada ontem à noite em Hackney: Jamais Katie apareceu com tanta perfeição; durante cerca de duas horas ela passeou na sala, conversando familiarmente com as pessoas que estavam presentes. Várias vezes tomou meu braço para passear e tive a impressão de que era uma mulher viva que se achava ao meu lado e não um habitante do outro mundo; essa impressão foi tão forte que a tentação de repetir uma experiência célebre tornou-se quase irresistível.

Pensando, portanto, que, se eu não tinha um Espírito perto de mim, havia aí pelo menos uma *dama*, pedi-lhe a permissão de tomá-la nos meus braços, a fim de verificar as interessantes observações que um experimentador audaz fizera recentemente conhecer de uma maneira um tanto prolixa.³⁵ Essa permissão foi-me graciosamente concedida e, por conseguinte, utilizei-me dela convenientemente, como qualquer homem bem-educado o teria feito nas mesmas circunstâncias. O Sr. Volckman ficará satisfeito de saber que posso corroborar a sua asserção de que o *fantasma* (que, entretanto, não fez nenhuma resistência) era um ser tão material como a própria Miss Cook. Mas, o seguimento desta narrativa mostra quanto um experimentador se engana, por mais cuidadosas que sejam as suas observações, quando se aventura a formular uma conclusão importante, sobre provas insuficientes.

Katie disse, então, que dessa vez acreditava poder mostrar-se ao mesmo tempo que Miss Cook. Diminuí o gás e, em seguida, com a minha lâmpada fosfórica, penetrei no aposento que servia de gabinete escuro. Porém, pedi previamente a um dos meus amigos, que é hábil taquígrafo, para anotar todas as observações que eu pudesse fazer durante a minha estada no gabinete, pois eu sabia quanta importância têm as primeiras impressões e apenas queria confiar à minha memória o que fosse essencial. Suas notas estão, neste momento, diante de mim.

Entreí no gabinete com precaução, pois que aí estava escuro, e foi Tateando que procurei Miss Cook. Achei-a estendida no soalho.

Ajoelhado-me, deixei o ar entrar na minha lâmpada e, à sua claridade, vi essa jovem com um vestido de veludo preto, como no começo da sessão, e completamente insensível em aparência. Ela não se moveu quando tomei sua mão e cheguei a lâmpada muito perto do seu rosto; continuou a respirar tranqüilamente.

Erguendo a lâmpada, olhei em torno de mim e *vi Katie em pé, por detrás de Miss Cook*. Ela estava vestida com uma roupagem branca e flutuante, como a tínhamos visto durante a sessão. Segurando uma das mãos de Miss Cook na minha, e sempre de joelhos, levantei e abaixei a fim de iluminar a forma inteira de Katie e convencer-me plenamente de que eu via, realmente, a verdadeira Katie, que eu apertara nos meus braços alguns minutos antes, e não o fantasma de um cérebro desarranjado. Ela não falou, mas moveu a cabeça em sinal de reconhecimento. Por três vezes diferentes, examinei cuidadosamente Miss Cook estendida na minha frente, para certificar-me de que a mão que eu segurava era bem a de uma mulher viva e, por três vezes diferentes, projetei a minha lâmpada sobre Katie para examiná-la com uma atenção acurada, até que não me restasse mais a menor dúvida sobre a sua realidade objetiva. Enfim, Miss Cook fez um ligeiro movimento e Katie, por meio de um sinal, mandou que eu me afastasse. Retirei-me para outra parte do gabinete e cessei, então, de ver Katie; mas, só deixei o gabinete quando Miss Cook despertou e os assistentes entraram com uma luz.

Antes de terminar este artigo, desejo fazer conhecer algumas das diferenças que observei entre Miss Cook e Katie. A estatura de Katie é variável; na minha casa, vi que ela tinha mais seis polegadas que Miss Cook. Tendo os pés nus e não se pondo sobre a ponta deles, sua altura era maior quatro polegadas e meia que a de Miss Cook. Ontem à noite, Katie tinha o pescoço descoberto, a pele perfeitamente lisa ao tato e à vista, ao passo que Miss Cook tinha no pescoço uma grande cicatriz que, em semelhantes circunstâncias, se via perfeitamente e era rude ao tato. As orelhas de Katie *não são furadas*, enquanto Miss Cook usa, ordinariamente, brincos nas orelhas. A tez de Katie é muito clara, no entanto a de Miss Cook é morena. Os dedos de Katie são muito mais longos do que os de Miss Cook e seu rosto é mais comprido. Nos modos e nas maneiras de exprimir-se há, igualmente, muitas diferenças absolutas.

A saúde de Miss Cook não é muito boa para permitir-lhe dar, antes de algumas semanas, outras sessões experimentais como estas e aconselhamo-la, por conseguinte, a tomar um repouso completo, antes de recommençar as experiências que projetei, e, num tempo próximo, espero poder fazer conhecer seus resultados.

30 de março de 1874.

William Crookes
20, Mornington Road.”

Última aparição de Katie King. – Sua fotografia por meio da luz elétrica

Tendo tomado parte muito ativa nas últimas sessões de Florence Cook e havendo conseguido tirar numerosas fotografias de Katie King, por meio da luz elétrica, pensei que a publicação de alguns pormenores seria interessante para os leitores do *Spiritualist*.

Durante a semana que precedeu a partida de Katie King, ela deu sessões na minha casa quase todas as noites, a fim de que eu pudesse fotografá-la à luz artificial. Cinco aparelhos completos

de fotografia foram, então, preparados para esse efeito. Consistiam de cinco máquinas, uma do tamanho de uma placa inteira, uma de meia placa, uma de um quarto e duas estereoscópicas binoculares, que deviam ser, todas, dirigidas sobre Katie, ao mesmo tempo, logo que ela tomasse posição para tirar o retrato. Cinco banhos sensibilizadores e fixadores foram empregados e várias placas preparadas com antecedência, prontas a servir, a fim de que não pudesse haver impedimento nem demora nas operações fotográficas, que eu próprio executava, assistido por um ajudante.

Minha biblioteca serviu de gabinete escuro; ela tem uma porta de dois batentes que se abre para o laboratório. Um desses batentes foi retirado dos seus gonzos e uma cortina foi suspensa nesse lugar para permitir que Katie entrasse e saísse facilmente.

Os nossos amigos presentes estavam sentados no laboratório, em frente da cortina, e os aparelhos foram colocados um pouco atrás deles, prontos a fotografarem Katie, quando ela saísse, e a fotografarem, igualmente, o interior do gabinete, cada vez que a cortina se erguesse do lado. Cada noite havia três ou quatro exposições de placas nas cinco objetivas, o que dava ao menos quinze provas diferentes para cada sessão. Algumas se perderam na revelação, outras ao regular a luz. Apesar de tudo, tenho quarenta e quatro negativos, alguns ruins e outros excelentes.

Katie pediu a todos os assistentes que se conservassem sentados e observassem as condições necessárias. Somente eu não fui compreendido nessa medida, porque, desde algum tempo, ela me dera a permissão de fazer o que eu quisesse: tocá-la, entrar no gabinete e daí sair sempre que eu julgasse conveniente. Segui-a, muitas vezes, no gabinete e, em certas ocasiões, vi-as ao mesmo tempo, ela e a médium; porém, geralmente só achei a médium em letargia, repousando no soalho, pois Katie e seu vestido branco tinham, então, desaparecido.

Durante esses últimos seis meses, Miss Cook fez-me numerosas visitas, demorando-se em minha casa às vezes uma semana inteira.

Não trazia consigo senão pequena maleta, que não era fechada a chave; durante o dia ela estava constantemente na companhia da Sra. Crookes, de mim próprio ou na de algum outro membro da minha família e, como não dormisse em quarto isolado, faltava-lhe completamente ocasião de preparar qualquer coisa que fosse, mesmo de caráter menos complicado, para representar o papel de Katie King. Eu próprio preparei e dispus a minha biblioteca para gabinete escuro e, segundo o costume, Miss Cook, logo que jantava e conversava conosco, dirigia-se diretamente ao gabinete e, a seu pedido, eu fechava a segunda porta, guardando a chave comigo durante toda a sessão. Então, apagava-se o gás e deixava-se Miss Cook na obscuridade.

Entrando no gabinete, Miss Cook estendeu-se no soalho com a cabeça sobre um coxim, e em breve ficou em transe. Durante as sessões fotográficas, Katie envolvia a cabeça da médium com um xale, para impedir que a luz lhe caísse no rosto. Frequentemente, afastei a cortina quando Katie estava em pé, muito perto, e, então, não era raro que as sete ou oito pessoas que estavam no laboratório vissem, ao mesmo tempo, Katie e Miss Cook, em plena projeção da luz elétrica. Não podíamos, então, ver o rosto da médium, por causa do xale, mas percebíamos suas mãos e seus pés; nós a víamos torcer-se penosamente sob a influência dessa luz intensa e, por momentos, ouvíamos seus queixumes. Tenho uma prova de Katie e sua médium fotografadas ao mesmo tempo; Katie, porém, está defronte da cabeça de Miss Cook.

Enquanto eu tomava parte ativa nessas sessões, a confiança que Katie depositava em mim aumentava gradualmente, a ponto de não querer dar sessões sem que eu fizesse os convenientes preparativos. Queria-me sempre perto de si e do gabinete. Desde que essa confiança foi estabelecida, e quando ela teve a satisfação de assegurar-se de que eu cumpriria as promessas que lhe fizesse, os fenômenos aumentaram muito em intensidade e eu consegui provas que não poderia obter de outra forma.

Interrogava-me, muitas vezes, acerca das pessoas presentes nas sessões e sobre o modo pelo qual elas seriam aí colocadas, pois nos últimos tempos tornara-se muito nervosa depois de

certas sugestões impróprias que aconselhavam empregar-se a *força*, com o fim de chegar-se a resultados mais científicos.

Uma das fotografias mais interessantes é aquela em que eu estou de pé ao lado de Katie; ela tem o seu pé sobre determinado ponto do soalho. Fiz, em seguida, vestir Miss Cook como Katie; ela e eu nos colocamos exatamente na mesma posição e fomos fotografados pelas mesmas objetivas, projetadas absolutamente como na experiência anterior e iluminadas pela mesma luz. Quando as duas fotografias são comparadas, o meu retrato é igual em todos os pontos, porém o retrato de Katie é maior meia cabeça que o de Miss Cook e Katie, ao pé desta, parece uma mulher corpulenta. Em muitas provas, a largura do seu rosto e a do seu talhe diferem essencialmente da da médium e as fotografias fazem ver muitos outros pontos de dessemelhança.

Mas, a fotografia é tão impotente para pintar a beleza perfeita do rosto de Katie, como as palavras o são para descrever o encanto das suas maneiras. É verdade que a fotografia pode dar o contorno da fisionomia, porém, como poderia ela reproduzir a pureza admirável da sua tez ou a expressão dos seus traços tão móveis, ora velados de tristeza quando narrava algum penoso acontecimento da sua vida passada, ora sorridentes com toda a inocência de uma menina, quando reunia meus filhos em torno dela e os distraía contando-lhes os episódios das suas aventuras na Índia?

Em torno de si, ela criava uma atmosfera de tanta vida, seus olhos pareciam mesmo fazer mais brilhante o ar, eram tão doces, tão belos e tão cheios de tudo o que podemos imaginar dos céus, sua presença subjugava de tal modo, que não se duvidaria cair de joelhos aos seus pés, se isso não fosse uma idolatria.

Vi tão perfeitamente Katie, ainda há pouco tempo, quando ela estava iluminada pela luz elétrica, que me é possível acrescentar alguns pontos às diferenças que, num artigo precedente, estabeleci entre ela e a médium. Tenho a certeza absoluta de que Miss Cook e Katie são *duas individualidades distintas*, ao menos no que concerne ao seu corpo. Vários sinais que se acham no rosto de Miss Cook não aparecem no de Katie King. A cabeleira de Miss Cook é de um trigueiro tão carregado que parece quase

negro; uma madeixa dos cabelos de Katie, que está agora sob os meus olhos, e que ela me permitiu cortar no meio das suas tranças luxuriantes, depois de eu tê-los apalpado com os meus próprios dedos, até à raiz, assegurando-me de que eles aí nasciam, é de um belo *castanho-dourado*.

Uma noite, contei as pulsações de Katie; seu pulso batia regularmente 75, ao passo que o de Miss Cook, poucos instantes depois, atingia a 90, seu número habitual. Encostando meu ouvido ao peito de Katie, pude sentir um coração bater no interior e suas pulsações eram ainda mais regulares do que as do coração de Miss Cook, quando, depois da sessão, ela me permitiu a mesma experiência. Observados do mesmo modo, os pulmões de Katie mostravam-se mais sãos do que os de Miss Cook, pois, no momento em que fiz essa experiência, Miss Cook tratava-se de forte bronquite.

Vossos leitores acharão, sem dúvida, interessante que às vossas narrativas e às da Sra. Ross-Church, a respeito da última aparição de Katie, venham juntar-se as minhas, ao menos as que eu posso publicar.

Quando chegou o momento de Katie dizer-nos adeus, pedi-lhe o favor de ser o último que a visse. Em conseqüência, quando chamou a si cada um dos assistentes, e quando lhes disse algumas palavras em particular, ela deu instruções gerais para a direção futura e para a proteção de Miss Cook.

Das suas instruções, que foram estenografadas, cito a seguinte: “O Sr. Crookes procedeu sempre corretamente, e é com a maior confiança que deixo Florence em suas mãos, pois estou bastante certa de que ele não desmerecerá a confiança que nele deposito. Em todas as circunstâncias imprevistas ele poderá fazer melhor do que eu, porque tem mais força.”

Tendo terminado as suas instruções, Katie convidou-me a entrar com ela no gabinete e permitiu que eu ali demorasse até ao fim.

Depois de ter fechado a cortina, conversou comigo durante algum tempo, após o que atravessou o aposento para ir até onde estava Miss Cook, que jazia desacordada sobre o soaço; incli-

nando-se sobre ela, Katie tocou-a e disse-lhe: “Acorda, Florence; acorda! É necessário que eu agora de deixe!”

Miss Cook despertou e, toda em lágrimas, suplicou a Katie que ficasse ainda algum tempo.

“Minha querida, não posso; minha missão está cumprida; Deus te abençoe!” respondeu Katie, e continuou falando a Miss Cook. Durante alguns minutos, conversaram juntas, até que, enfim, as lágrimas de Miss Cook impediram-na de falar. Seguindo as instruções de Katie, avancei para sustar Florence, que caía no soalho e soluçava convulsivamente. Olhei em torno de mim: Katie e seu vestido branco tinham desaparecido. Logo que Miss Cook se acalmou, trouxeram uma luz e eu a conduzi para fora do gabinete.

As sessões quase diárias com que Miss Cook me favoreceu ultimamente esgotaram muito suas forças e eu desejo, o mais possível, dar a conhecer as obrigações que lhe devo por sua dedicação. Apesar das provas difíceis que propus, aceitou-as ela com a melhor boa-vontade; sua palavra é franca e sem rodeios e nunca lhe percebi o menor desejo de enganar-me. Realmente, não acredito que ela pudesse produzir qualquer fraude, se é que isso lhe fosse possível, pois, se o tentasse, seria imediatamente descoberta, visto tal coisa contradizer o seu caráter. Quanto a imaginar que uma inocente colegial de quinze anos tenha sido capaz de conceber e pôr em prática, durante três anos, com pleno êxito, tão gigantesca impostura, como esta – que durante esse tempo ela se tenha submetido a todas as condições que se lhe exigiu; que ela tenha suportado os exames mais minuciosos; que ela tenha consentido em ser observada a qualquer momento, antes ou depois da sessão; que ela tenha mesmo obtido maior êxito na minha própria casa que na dos seus pais, sabendo que aqui vinha expressamente para submeter-se a rigorosas observações científicas – quanto a imaginar, digo eu, que a Katie King dos três últimos anos é o resultado de uma impostura, isso se constitui na maior violência ao bom senso e à razão ainda maior do que acreditar que ela seja o que por si própria afirma ser.

Não seria justo de minha parte terminar este artigo sem agradecer, igualmente, aos pais de Miss Cook, por terem facultado as minhas observações e experiências com a sua referida filha.

O meu reconhecimento e o de todos os espíritas é devido também ao Sr. Charles Blackburn, pelo ato da sua generosidade, que permitiu a Miss Cook consagrar todo o seu tempo a essas manifestações e aos exames científicos.

William Crookes.”

Esta carta é o último dos três testemunhos de Sir William Crookes, elevado, recentemente, à classe dos nobres pela rainha da Inglaterra, por ocasião do seu jubileu.

Narrativa da médium Florence Cook

Florence Cook, a fim de decidir o Prof. William Crookes a ocupar-se com a sua mediunidade, tomou o alvitre de ir ter com ele. Nisso, foi, sem dúvida, guiada pelos seus Espíritos protetores, pois nessa época ninguém podia dizer se ela sairia vitoriosa do combate terrível que lhe davam os inimigos declarados do Espiritismo. Miss Cook expõe por si mesma os fatos, como se segue:

“Fui à casa do Sr. William Crookes, sem prevenir meus pais ou meus amigos; ofereci-me em sacrifício voluntário sobre o altar da sua incredulidade.

O incidente desagradável do Sr. Volckman acabava de dar-se e as pessoas que não compreendiam o fato diziam coisas cruéis a meu respeito. O Sr. William Crookes, que já tinha feito algumas experiências, também procedia como os outros.

Uma coisa que ele havia dito atormentou-me de tal modo que fui diretamente procurá-lo, sem outro pensamento que não fosse o de desculpar-me diante dele e do mundo inteiro. Eis o que eu lhe disse:

“Acreditais que sou uma impostora; pois bem, virei à vossa casa, a senhora Crookes dar-me-á o vestuário que ela quiser e examinará a roupa com que eu chegar. Vós me vigiareis tanto tempo quanto isso vos convier, fareis todas as experiências que desejardes, a fim de vos convencerdes completamente. Só estabeleço uma condição: Se virdes que sou mistificadora, denunciái-me tão fortemente e publicamente quanto quiserdes; porém, se reconhecerdes que os fenômenos são verdadeiros e que eu sou apenas um instrumento nas mãos dos *Invisíveis*, dizei-o francamente e bem alto, para me absolverdes aos olhos do mundo.”

O Sr. William Crookes cumpriu a sua palavra como perfeito cavalheiro que é, embora lhe custasse muito essa confissão, fazendo-a francamente e sem equívoco possível.

Todos os que têm lido um pouco as obras que tratam do Espiritismo moderno sabem como as coisas se passaram. O Sr. Crookes ouviu-me, a princípio, respirar e suspirar no gabinete escuro, enquanto Katie era visível do lado de fora. Mais tarde, viu-nos juntas muitas vezes e sua família percebeu-nos, igualmente, quando uma forte luz elétrica nos iluminava.

Katie prestou-se de boa-vontade às experiências e, quando reconheceu que podia confiar inteiramente no Prof. Crookes, atendeu aos seus menores desejos e fez tudo quanto lhe era possível para secundar-lhe os planos. Algumas dúzias de fotografias foram tiradas, de Katie sozinha e de todos nós conjuntamente. Quando Katie estava materializada, o Sr. Crookes assegurou-se de que ela tinha bem a aparência de uma mulher viva, em carne e osso, cujo coração e pulso batiam; respirava como todos nós e, apesar disso, fundia-se e desaparecia constantemente diante dele.

O Sr. Crookes assistiu à última sessão em que Katie me deu os seus adeuses, tão comoventes que eu tinha lágrimas nos olhos e fiquei bastante emocionada. O Sr. Crookes descreveu tudo isso no seu livro. Enfim, ele me fez uma reparação tão completa quanto era possível desejá-la.

Cito esta testemunha não porque se trate de mim, mas porque ela justifica inteiramente Katie King, o Espírito que se serviu de mim, durante três anos, para produzir alguns dos fenômenos espíritas mais maravilhosos que se conhecem.

As sessões efetuadas pelo Sr. Cromwell Varley levaram-no, igualmente, às mesmas conclusões; porém, apesar de completas, essas experiências não podem ser comparadas às do Sr. William Crookes, que, pela sua observação incessante e infatigável, as torna mais completas e *mais compreensíveis*.

Florence Cook.”

Por esta carta, fica-se certo de que Miss Cook desejava o apoio do sábio William Crookes; ela o obteve, como se sabe, e nele achou um ardente defensor. A princípio, a opinião geral acreditou encontrar no Sr. Crookes um demolidor do Espiritismo e aclamou-se esse conceito com uma grande alegria, pensando-se que ele descobriria o segredo de todas as mistificações; seria isso a ruína das crenças absurdas que os espíritas pretendiam implantar como verdades.

Não devia, porém, assim suceder! Com grande surpresa para todos, o Sr. Crookes concluiu afirmando que todos os fatos eram verdadeiros. Foi preciso, portanto, aceitar de bom ou mau grado aquilo que estava provado cientificamente.

A opinião pública mudou logo; o sábio, tão glorificado no começo, foi coberto de zombarias e epítetos desagradáveis. Outro qualquer, que não fosse o Sr. Crookes, não teria resistido, mas seu caráter era tão puro que ele não pôde recuar diante das suas observações.

Tudo o que se pôde fazer ou dizer não o impediu de seguir, com êxito sempre crescente, o caminho do seu destino.

Testemunho do Sr. J. Enmore Jones

A narrativa seguinte foi publicada sob a forma de carta, no jornal *The Medium*; refere-se a sessões diferentes das que já foram descritas.

“Ontem à noite, sábado 16 de maio, estávamos vinte e quatro pessoas reunidas num pequeno salão contíguo a uma sala menor, que servia de gabinete à médium Florence Cook. A sessão não me pareceu tão perfeitamente dirigida como de costume; era, principalmente, uma sessão para a despedida do Espírito Katie, antes da sua partida definitiva, que devia realizar-se em 21 de maio. Estavam aí tantas pessoas presentes que me foi impossível questionar livre e tranqüilamente o Espírito, como eu desejava; suas respostas seriam, entretanto, de grande interesse para os espíritas. A afluência constante de pessoas que acorriam para ver o fenômeno de uma aparição que passeava a conversar e que, às vezes, nos tocava, impediu-me de fazer uma investigação rigorosa; informações poderiam ter sido obtidas pelas pessoas que conheciam os fenômenos e estudaram todos esses assuntos desde há vinte anos.

A sessão de sábado foi bem diferente da que presenciei no mês de novembro; nessa época, a médium foi atada numa cadeira baixa e ninguém se ocupou da cortina pela qual o Espírito Katie se mostrava, pois o diretor da sessão estava tranqüilamente sentado.

Ontem, Miss cook estava em *transe*, no chão do seu gabinete, sem prisão alguma, e o diretor da reunião estava em pé, diante da cortina; cada vez que Katie aparecia, ele se inclinava para muito perto, estorvando-a mesmo nos seus movimentos, de sorte que, várias vezes, Katie foi obrigada a repeli-lo com a mão, não obstante proceder assim, como gracejo. O guarda da cortina causava de tal modo embaraço, e a sala estava tão cheia de gente, que durante toda a sessão Katie somente se mostrou na abertura; ela se ocupou, principalmente, em dividir um buquê de flores, que distribuiu por todos os visitantes. Espero que, para o futuro, o diretor da ses-

são não seja tão familiar com o Espírito e lhe deixe o caminho mais desimpedido, o que será de grande vantagem para todos.

Quanto a Katie, notei muito, ontem à noite, a grande semelhança existente entre ela e a médium; sua tez era semelhante, seus modos eram os mesmos e o timbre da voz parecia igual quando, por detrás da cortina, o Espírito cantava em coro conosco.

As pessoas que não viram Katie sob rigorosas condições de exame poderiam crer que Katie era a própria Miss Cook.

Se tivermos outras sessões, onde novos fenômenos possam mostrar-se, espero que não haja mais de sete a oito pessoas na sala e que o pai de Miss Cook seja o diretor dos trabalhos; desse modo, as sessões serão perfeitas e, ao mesmo tempo, instruir-nos-ão.

Os espíritas devem ser sinceramente reconhecidos ao pai e à mãe de Miss Cook, porque estes abriram sua casa aos numerosos estrangeiros desejosos de observar o mais importante dos fenômenos espíritas; eles permitiram fosse sua morada invadida todas as semanas, sem remuneração alguma; ao contrário, ofereceram vinho, chá, café, cerveja, biscoitos, etc., aos assistentes, quando as sessões terminavam. Evidentemente, em certos casos, os visitantes iam ali não só buscar uma nutrição espiritual, mas também material.

Devemos, igualmente, ser reconhecidos a Miss Cook, porque ela estava sempre em transe e ignorava o que se passava durante o seu sono. Não se aproveita das sessões como os assistentes e só tem os sentimentos simpáticos dos seus amigos para compensá-la da sua fadiga, da má-vontade e dos dissabores que as pessoas ignorantes ou invejosas lhe faziam sofrer, predispostas a todas as maledicências.

Os agradecimentos sinceros de todos aqueles que buscaram provas da imortalidade da alma são também devidos a Katie King, porque as suas manifestações foram bastante satisfatórias.

Katie foi observada por centenas de investigadores de diversas nacionalidades: ingleses, escoceses, americanos e europeus.

Katie provou, diante de muitas pessoas, que o deslocamento de objetos inanimados pode ser feito por um poder ativo e inteligente, extra-humano; portanto, faço votos para que todas as homenagens lhe sejam prestadas. Fazemos-lhe a nossa despedida por este meio, conservando, entretanto, a esperança de revê-la mais tarde, face a face, quando tivermos deixado os nossos despojos mortais; esperamos, também, reencontrar todos os membros da nossa família, cujas vidas foram e continuam a ser uma parte de nós mesmos.

J. Enmore Jones.”

Testemunho da Sra. Ross-Church (Florence Marryat)

Entre as pessoas presentes nas sessões de Miss Cook, os nossos leitores puderam ver o nome da senhora Ross-Church, mais conhecida sob o pseudônimo de Florence Marryat; esta senhora viu quase todos os médiuns célebres do seu tempo. Ela fala a esse respeito em diversas obras. As minúcias que forneceu sobre Miss Cook são muito interessantes, pois se referem a outra aparição além da de Katie King, obtida pela mesma médium.

“Fui convidada, em 1873, para uma sessão privada de Espiritismo, na casa do Sr. Henry Dunphy, a fim de observar a célebre médium Florence Cook, que eu ainda não conhecia.

A sessão efetuou-se no grande salão. Pesadas cortinas de veludo separavam esse aposento daquele em que a médium ficava; instalou-se esta numa poltrona e as cortinas foram presas uma à outra, deixando, no alto, uma abertura em forma de V. Sendo eu absolutamente desconhecida de Miss Cook, fiquei surpreendida ao ouvir vozes de Espíritos mandando que eu me colocasse em pé perto das cortinas, a fim de mantê-las fechadas, visto as que se encontravam presas não serem suficientes.

Assim localizada, ouvi perfeitamente as palavras de Miss Cook e dos Espíritos que lhe respondiam.

A primeira figura que se mostrou por cima da cortina foi a de um homem que me era desconhecido e, em seguida, houve uma conversação animada entre a médium e o seu guia.

“Leva-o; vai embora; não gosto de ti, não me toques; metes-me medo; deixa-me!” Miss Cook protestava, assim, de todas as formas.

Em seguida, a voz do seu guia lhe respondeu: “Não sejas tola, Florence, não sejas má. Ninguém te fará mal”, etc.; e, no mesmo instante, vi aparecer na cortina a forma de uma jovem, cuja figura estava muito obscura; seus olhos olhavam-me e ela sorria-me. Vi já aparecer essa jovem em outra sessão, com outro médium, mas não a reconheci, então. Chamava-a *minha pequena religiosa*.

Eu não adivinhava por que Miss Cook mostrava aversão por esse Espírito; por isso, logo que a sessão terminou e Miss Cook voltou ao seu estado normal, perguntei-lhe se ela podia lembrar-se das figuras que se haviam formado quando estava em transe; ela respondeu-me que isso lhe era possível algumas vezes. Então, falei-lhe da *pequena religiosa*, perguntando-lhe qual o motivo do seu temor.

Miss Cook respondeu: “Nada sei sobre ela, pois me é totalmente desconhecida; porém, sua figura não estava bem formada; segundo creio, sua boca parece ter sido malfeita e ela me fazia medo.”

Esta observação deu-me que refletir e, quando Miss Cook voltou para casa, escrevi-lhe pedindo que indagasse do seu guia o nome do Espírito desconhecido.

A sua resposta foi a seguinte:

“Querida senhora Ross-Church. Tendo eu pedido a Katie King que me desse informações, tudo quanto ela pôde dizer-me foi que o Espírito aparecido na última noite era o de uma jovem vossa parenta.”

Esta resposta esclareceu-me muito, mas não tardei a vê-la confirmada numa sessão realizada algum tempo depois na casa do Sr. Harrison.

Este me escreveu dizendo que recebera comunicação de um Espírito, anunciando-lhe que se ele quisesse efetuar sessão com a médium Florence Cook e uma ou duas pessoas simpáticas, veria, talvez, a aparição da senhora Stewart, morta recentemente, e à qual muito tinha conhecido.

O Sr. Harrison convidou-me, então, para a sessão, assim como à Sra. Kislingbury, que ocupava o lugar de secretária na *National Spiritualist's Alliance*, da Inglaterra.

A sessão efetuou-se numa pequena sala dessa Associação; não havia ali nenhum móvel nem tapete. Três cadeiras foram lá colocadas para nos sentarmos. A um canto, suspendeu-se um velho xale preto, para formar o gabinete escuro que era necessário. Trouxeram uma almofada para que Miss Cook pudesse apoiar sua cabeça.

Florence Cook é uma jovem trigueira, esbelta, de olhos negros e cabelos frisados; estava vestida com uma roupa de merinó pardo, guarnecida de fitas encarnadas. Informou-me, antes de começar a sessão, que desde algum tempo ficava nervosa durante os transe e passeava adormecida na sala. Pediu-me, portanto, que a repreendesse se tal coisa acontecesse e que lhe *ordenasse* para volta ao seu lugar, como se ela fosse apenas uma criança; prometi atendê-la e, dentro em pouco, a Srta. Cook estava estendida no chão, atrás do xale que servia de cortina. Podíamos ver a roupa da médium, porque o xale não tocava o solo. O gás foi diminuindo e tomamos lugar nas nossas três cadeiras.

A princípio, a médium não parecia à vontade, queixava-se de estar sendo maltratada; depois de alguns instantes, o xale foi agitado e vimos uma mão aparecer e desaparecer logo, diversas vezes. Depois, uma forma despontou, de joelhos, para poder passar debaixo do xale, e, finalmente, pôs-se completamente de pé. A luz era insuficiente para se lhe reconhecer os traços. O Sr. Harrison perguntou, então, se está-

vamos na presença da Sra. Stewart. O Espírito meneou a cabeça.

– Quem será, então? – perguntei ao Sr. Harrison.

– Não me reconheces, minha mãe? – disse-me o Espírito.

Quis lançar-me para ele, ao que me disse:

– Fica no teu lugar, irei para perto de ti.

Um instante depois, *Florence* (o Espírito de minha filha) veio sentar-se nos meus joelhos.

Tinha os cabelos longos e flutuantes; seus braços estavam nus, assim como os seus pés; sua roupa não tinha nenhuma forma, dir-se-ia que ela estava envolvida por alguns metros de musselina; coisa extraordinária, esse Espírito não trazia toucado, sua cabeça estava desguarnecida.

– Florence, minha querida – exclamei –, és tu realmente?

– Ilumina mais – respondeu ela – e olha minha boca.

Vimos, então, distintamente, seu lábio deformado, como no seu nascimento, quando os médicos que a examinaram declararam que o caso era muito raro; minha filha só vivera alguns dias. Ela cresceu no mundo dos Espíritos e parecia ter dezessete anos.

Vendo essa prova inegável da sua identidade, derramei abundantes lágrimas, sem poder dizer uma palavra.

Miss Cook agitava-se muito atrás do xale; depois, ela avançou, de repente, para o Espírito, exclamando:

– É demasiado, não posso mais.

Vimo-la, assim, do lado de fora, ao mesmo tempo que o Espírito da minha filha, que estava sobre os meus joelhos; isso, porém, só durou um curto instante: a forma que eu segurava lançou-se para o gabinete e desapareceu. Lembrei-me, então, de que Miss Cook me tinha pedido que a repreendesse se ela se ausentasse da cabina e, portanto, censurei-a bastante. Ela voltou ao seu lugar atrás da cortina e logo o Espírito veio ter comigo, dizendo:

– Não a deixes voltar, temo-a bastante.

Exclamei, então:

– Mas, Florence, neste mundo, nós, os mortais, tememos as aparições e, no entanto, vejo que vós é que temeis a vossa médium.

– Temo que ela me faça partir – foi a sua resposta.

Entretanto, Miss Cook não saiu mais do lugar e Florence permaneceu conosco mais algum tempo. Atirou seus braços em volta do meu pescoço e abraçou-me diversas vezes. Nessa época eu era muito atormentada. Florence disse-me que se ela pôde aparecer tão perfeitamente, diante de mim, foi para convencer-me o suficiente das verdades do Espiritismo, pois que eu encontraria nele a minha consolação.

– Algumas vezes duvidas, minha mãe – disse ela –, e acreditas que os teus olhos e os teus ouvidos te enganam; nunca debes duvidar e não creias que eu esteja desfigurada como Espírito. Tomei este sinal, nesta noite, para poder melhor convencer-te. Lembra-te de que estou sempre contigo.

Eu não podia falar, tal era a minha emoção, ao pensar que tinha nos braços a filha que havia depositado num esquife, mas ela não estava morta nem aniquilada, porém, na sua juventude. Fiquei muda, com meus braços em torno do seu pescoço, meu coração batendo de encontro ao seu; mas o poder diminuía: Florence deu-me um último beijo e desapareceu, deixando-me estupefata e maravilhada do que se tinha passado.

Após sua partida, dois outros Espíritos mostraram-se, porém o Espírito da Sra. Stewart não apareceu: o senhor Harrison não foi satisfeito.

Disse-me ele, depois, que a minha filha, Florence, esteve vinte minutos conosco, o que era demasiado para uma aparição.”

Esse fato passou-se em 1873, quando Miss Cook não havia ainda dado as célebres sessões que vão descritas noutra parte.

A Sra. Ross-Church acrescenta que tornou a ver esse Espírito por diversas vezes, em outras sessões, e por diferentes médiuns,

recebendo dele bons conselhos. Quando realizou esta narrativa, sua filha comunicou-se e disse-lhe:

“Mamãe, não te deixes entristecer. O passado é o passado; enterra-o nas alegrias que te restam.”

Narrativa da Sra. Ross-Church (Florence Marryat)

Na sua obra *There is no death (A morte não existe)*, a Sra. Ross-Church fornece, ainda, alguns pormenores sobre o Espírito Katie King que interessarão os leitores e são fornecidos a seguir.

As sessões espíritas não podem ser feitas com luz forte. O calor e a claridade dissipam os fluidos preparados pelos Espíritos para as manifestações (nunca se obterá o resultado desejado, quando não se observar esta regra).

“Perguntou-se, uma noite, a Katie King por que ela não podia mostrar-se com uma luz mais forte (ela apenas permitia um bico de gás, com diminuta intensidade).

A questão pareceu irritá-la enormemente, porém nos deu a resposta seguinte:

“Declarei-vos muitas vezes que eu não podia suportar a intensidade de grande luz. Não sei *por que* isso me é impossível; porém, se duvidais das minhas palavras, dai toda a luz e vereis o que sucederá. Previno-vos, entretanto, de que, se fizerdes a experiência, a sessão terminará imediatamente e eu não poderei reaparecer diante de vós; escolhei, pois.”

As pessoas presentes consultaram-se umas às outras, e ficou decidido que se tentaria a experiência a fim de ver-se o que podia acontecer. Quisemos, enfim, saber se maior ou menor claridade poderia prejudicar o fenômeno da materialização. Katie foi avisada da nossa decisão e consentiu no ensaio. Soubemos, mais tarde, que lhe causamos um grande sofrimento.

O Espírito Katie pôs-se de pé, encostado à parede do salão, e estendeu seus braços em cruz, esperando a dissolução.

Acenderam-se os três bicos de gás (a sala media cerca de dezesseis pés quadrados).

O efeito produzido sobre Katie foi extraordinário. Ela resistiu somente por um instante; depois, vimo-la fundir-se aos nossos olhos, como uma boneca de cera diante de um fogo forte. Primeiramente, seus traços desvaneceram-se e não mais podiam ser distinguidos. Os olhos afundaram-se nas órbitas, o nariz desapareceu, o rosto pareceu entrar na cabeça. Depois, os membros cederam e todo o seu corpo ruiu como um edifício que caía. Não restava mais do que a sua cabeça sobre o tapete; a seguir, um pouco de tecido branco, que desapareceu como se o tirassem daí subitamente. Ficamos alguns instantes com os olhos fixados no lugar onde Katie cessara de aparecer. Assim terminou essa sessão memorável.

As pessoas que assistiam às sessões pediam muitas vezes a Katie que lhes desse um pedaço do seu vestido como lembrança. Ela distribuía esses pedaços, de boa-vontade, que cada qual levava consigo; algumas pessoas tiveram, mesmo, a precaução de colocar a fazenda num envelope fechado. Mas, ao entrarem em suas casas, a fazenda havia desaparecido, com grande surpresa para elas.

Katie dizia-nos sempre que nenhum Espírito podia ser suficientemente materializado *sem tirar a vitalidade do médium*, fato esse que o enfraquecia muito.

Uma noite, quando Katie esburacara muito o seu vestido, eu lhe disse que o vestuário teria necessidade de grandes consertos. Ela replicou: “Vou mostrar-vos como trabalhamos no mundo dos Espíritos.” Ergueu parte do seu vestido e retalhou-o bem, com a tesoura, deixando-lhe cerca de quarenta buracos; depois, exclamou: “Não é uma bonita peneira?” Estávamos muito perto dela; vimo-la, então, sacudir docemente a sua saia e logo todos os buracos desapareceram, sem deixar o menor sinal. Percebendo o nosso espanto, disse: “Cortai os meus cabelos.” Nessa noite, Katie apresentava grossas massas de cabelo que lhe desciam até à cintura. Tomei a tesoura e pus-me a cortá-los seriamente, tão depres-

sa quanto podia. Ela dizia: “Cortai mais, cortai mais, não para vós, bem o sabeis, pois que não poderíeis guardá-los.” Cortei, então, mecha por mecha, e, logo que caíam por terra, reformavam-se na cabeça de Katie.

Disse-me, nessa ocasião, que examinasse seus cabelos no lugar onde eu os havia cortado. Procurei bastante, porém nenhum corte aparente ali encontrei; as mechas de cabelo caídas no chão tinham desaparecido de minha vista.”

A Sra. Ross-Church termina assim a sua narrativa; porém, estes detalhes interessantes não são os únicos que ela nos forneceu. No jornal *The Spiritualist*, de Londres, foi publicada a sua seguinte carta:

“Na noite de 9 de maio de 1874, Katie King conduziu-me, a pedido meu, para trás da cortina, onde pude distinguir fracamente os objetos que me rodeavam; aproximei-me de Miss Cook, cuja mão apertei, enquanto Katie me segurava pela outra, apoiando-se em meu ombro. Fiquei certa de que, nessa noite, duas inteligências distintas estavam perto de mim e posso jurar solenemente que a personalidade de Katie King não era a de Miss Cook.

Em 13 de maio pude, mais uma vez, ver, simultaneamente, as duas formas.

Katie permitiu que todas as pessoas presentes se aproximassem da cortina. Aumentou-se a luz e cada qual pôde ver a médium com roupa azul, deitada no chão, e o Espírito, vestido de branco, ao seu lado.

Na sessão de 21 de maio, que foi a última, Katie permitiu que eu a visse por detrás da cortina. Permitiu que colocasse a mão sobre o seu coração; senti-lhe perfeitamente as pulsações e posso afirmar que, se ela é uma “força psíquica”, a força psíquica assemelha-se absolutamente a uma mulher.

Katie tinha pedido um cesto cheio de flores e fitas para a última sessão. Sentou-se no soalho, no meio de nós, e distribuiu ramalhetes como lembrança. O centro desses ramalhetes era composto de lírios e gerânios encarnados. Ainda conservo um comigo; as flores estão apenas fanadas. Ela escre-

veu algumas palavras diante de mim, num papel que me entregou com as flores. Eis o conteúdo:

“Annie Owen Morgan (conhecida por Katie King) à sua amiga Florence Marryat Ross-Church oferece esta lembrança. Pensai em mim, 21 de maio de 1874.”

A sessão de despedida foi tão patética como se a morte devesse separar-nos; Katie parecia não querer deixar-nos. Voltou a nós ainda uma última vez e ocupou-se principalmente com o Sr. William Crookes, a quem votava grande amizade. Depois, desapareceu para sempre e nunca mais tornei a vê-la.

Penso que se os cépticos e os incrédulos continuam a duvidar, apesar dos testemunhos fornecidos, poderão também crer que Miss Cook era capaz de *tornar a tecer instantaneamente* a fazenda do seu vestido que vimos ser retalhada, o que nos parece acima das forças humanas. Eles pretendem que Miss Cook saía fora do seu vestido branco de Espírito e retomava as suas próprias roupas com a rapidez do relâmpago; preferem aceitar isso que adotar a teoria espírita, muito mais simples. Se não admitem a presença espiritual de Katie King, atribuem, forçosamente, um poder sobrenatural a Florence Cook, a médium. Não foi, todavia, com o objetivo de discutir que tomei da pena: apenas relato os fatos que observei.

F. Marryat.”

Tal é a história de Katie King e da sua missão terrestre. Esse Espírito fez germinar em muitas almas o desejo de aprofundamento nos segredos de além-túmulo.

Suas manifestações assinalaram uma época importante no desenvolvimento do Espiritismo e pensamos que seria útil acrescentar sua história do trabalho do sábio Alexander Aksakof, com a competente autorização deste, porque as suas teorias, expostas na primeira parte do livro, são perfeitamente adaptáveis a esses fatos.

O tradutor.

Apreciação de Gabriel Delanne³⁶

“Ignorar o fenômeno espírita, não prestar-lhe a atenção a que ele tem direito, é o mesmo que desamparar a verdade.” Quem disse isso? O maior poeta do nosso século: Victor Hugo. O gênio tem as suas intuições. Apesar de terem essas linhas sido escritas há mais de trinta anos, pode-se hoje afirmar que elas eram proféticas.

O Espiritismo tem sido muito escarnecido pelos ignorantes e pelas pessoas interessadas em destruí-lo; mas, como ele se apóia nos fatos naturais, venceu os detratores e, mais forte do que nunca, caminha para a conquista do mundo intelectual. Como explicar o seu progresso incessante? É que ele tem por método a pesquisa científica, aquela que emprega a observação e a experiência, e porque recruta seus adeptos entre as pessoas positivas, ávidas de conhecimentos exatos sobre o amanhã da morte.

A Filosofia é incapaz de instruir-nos sobre a natureza do princípio pensante e o seu futuro; seus mais célebres representantes chegaram a conclusões diametralmente opostas sobre essa questão fundamental. O espírito que investiga com imparcialidade vagueia, desorientado, no inextricável dédalo das afirmações contraditórias e termina, finalmente, no cepticismo, comprovando a impotência daqueles que tentaram decifrar o enigma dos nossos destinos. As religiões apelam para a fé, a fim de que esta sustente seus ensinamentos dogmáticos; mas, como diferem entre si e pretendem, igualmente, representar a Verdade absoluta, deixam o investigador na indecisão. Que, então, nos dará a certeza da realidade da alma e nos dirá se ela é imortal?

Não hesitamos em responder que o Espiritismo resolve completamente esses problemas. Ele utiliza a observação e a experiência para estabelecer que a alma existe durante a vida e sobrevive após a destruição do corpo físico. Foi empregando o método positivo que ele criou a verdadeira psicologia experimental, aquela que se baseia nos fatos sempre verificáveis quando as circunstâncias se repetem. Há meio século que esta ciência foi inovada, mas somente há cerca de vinte e cinco anos é que ela tomou o caráter rigoroso a que deve a sua autoridade.

William Crookes foi, na Europa, o primeiro sábio que teve a coragem de verificar escrupulosamente as afirmações dos espíritos. A princípio muito céptico, foi, pelas suas investigações, progressivamente conduzido à convicção de que os fenômenos são verdadeiros e não hesita em proclamar em alto e bom som a certeza de que resultou das suas pesquisas. Com a grande firmeza dada pela segurança de ter comprovado cientificamente fatos novos, ele faz-se o campeão de uma impopular mais incontestável verdade. A partir desse momento, o impulso ficou dado e nada poderia embargá-lo. Russel Wallace, Lodge, Myers, Hodgson seguem-no no caminho aberto. Na Alemanha, notabilidades como Zöllner, Weber, Fechner, Ulrice, Dr. Frieze, Dr. Carl du Prel, foram conquistadas; na Rússia é Aksakof e Boutlerow; na Itália é o Prof. Falcomer, o cavalheiro Chiaia, Brofferio, Finzi, Schiapparelli e, enfim, o ilustre Lombroso, que foi obrigado a confessar inexatas as suas primitivas apreciações sobre o novo fenômeno;³⁷ na França, são o Dr. Gibier, Richet, Flammarion, que constata a mediunidade de Eusápia Paladino.

Por toda parte as pesquisas estão na ordem do dia e hoje não é mais permitido a um homem inteligente repelir *a priori* esses fatos, rejeitados outrora, como superstições populares. Não é mais à meia-noite, nos lugares desertos ou nos castelos em ruínas que se mostram os fantasmas; é no laboratório dos sábios que eles aparecem para se submeter a todas as condições do mais rigoroso exame.

Este novo livro é precioso para levar a convicção à alma de todos os que não estão cegos pelo preconceito. Ver-se-á, aqui, que a aparição de Katie King, durante três anos, foi uma das mais bem observadas. Pelo número e pela precisão das narrativas de que foi objeto, ela merece tornar-se clássica.

A médium Florence Cook era uma menina de quinze anos, que seria incapaz de organizar uma tão gigantesca impostura sob a vigilância meticulosa de jornalistas, escritores e sábios de primeira ordem. Todas as medidas foram tomadas para que fosse impossível um engano. Procedeu-se como se ela fosse uma das mais hábeis simuladoras. Ora suas mãos foram imobilizadas por laços cujas pontas eram costuradas e lacradas; uma correia

passava-lhe pela cintura, a fim de ligá-la com as mesmas precauções, e as extremidades eram fixadas numa presilha de ferro no soalho. De outras vezes, seu corpo era percorrido por uma corrente elétrica que passava num galvanômetro e cujos desvios indicariam o menor deslocamento da médium. Entretanto, a aparição mostrou-se livre de qualquer prisão, artisticamente vestida com véus brancos que desapareciam ao mesmo tempo que ela. Diferia tão completamente da médium que um incrédulo endurecido, o Dr. Sexton, viu Katie King ao mesmo tempo que a médium adormecida e amarrada à cadeira. Seu testemunho confirma o da Sra. Florence Marryat, escritora muito conhecida, e o de Sir William Crookes, que afirmam terem visto a mesma coisa.

Como não se ser convencido da realidade dessas estranhas manifestações, quando se assiste à desapareição do fantasma que, em plena luz, se desagrega, à vista dos assistentes?

Como é misteriosa a operação que ressuscita, por um instante, um ser desaparecido há séculos do mundo dos vivos! É a alma que vem, tangivelmente, afirmar sua existência e que, fazendo irrupção na nossa materialidade, proclama ter sobrevivido à morte. Concebe-se o pasmo e a incredulidade com que foram acolhidas essas provas irrecusáveis. A negação impunha-se como um dever; o fato era tão manifestamente contrário a todas as possibilidades que se tornava preciso repeli-lo sem discussão. Assim sucedeu durante certo tempo; mas, quando outros investigadores, tão qualificados quanto os primeiros, chegaram a resultados idênticos, foi preciso achar uma explicação e invocou-se a teoria da alucinação para interpretar esses fatos. A crítica, evoluindo habilmente, consentiu em não ver por toda parte senão trapanças dos médiuns e em não suspeitar sistematicamente da boa-fé das testemunhas – o que é difícil quando se trata de homens honradamente conhecidos e universalmente respeitados pelos seus talentos –, mas se afirmou que os espectadores eram vítimas de alucinações provocadas pelo médium.

Quê! Esse ser que todos nós vemos da mesma maneira, do qual seguimos todos os movimentos, que tocamos, que nos fala, não é senão fantasmagoria, um produto mórbido dos nossos

cérebros doentes? Sim, respondiam gravemente os incrédulos, estais sob a influência do hipnotismo; acordados, sonhais com os olhos abertos; é isso uma alucinação coletiva que se explica facilmente pela sobre-excitação que vos produz a expectativa do maravilhoso, determinando a perturbação mental de que sois vítimas inconscientes.

Parecia difícil responder-se a alegações dessa espécie e, entretanto, os espíritas chegaram a refutá-las vitoriosamente. A fotografia foi empregada para atestar a objetividade do fenômeno. É certo que, se a placa fotográfica reproduz a aparição, tal como se mostra aos olhos dos assistentes, é porque ela tem uma existência real, objetiva; caem, então, todos os sofismas dos contraditores. Ora, essa prova fotográfica foi obtida com uma abundância que desafia qualquer suspeita. O Sr. Harrison foi o primeiro que obteve o retrato de Katie King e seu testemunho foi apoiado com uma ata assinada pelos senhores Luxmore e G. Tapp. Depois, Sir William Crookes afirma ter tirado mais de cinquenta clichês obtidos por meio de cinco aparelhos em focalização concomitante sobre o fantasma. Não pode, portanto, restar a menor dúvida quanto à materialização de Katie King.

Perante essa evidência, todas as objeções estão destruídas. Não é mais possível negar a sobrevivência tão laboriosamente estabelecida? Conheceria muito mal os negadores quem acreditasse que eles se rendem tão facilmente. Arrazoadores, afirmam que a aparição não era um Espírito, mas somente um desdobramento de Miss Cook. Eles se apoiaram sobre a obra publicada pela *Society for Psychical Research*, de Londres, que constata mais de dois mil casos de aparições de vivos ou de mortos. Coisa estranha, os que fazem alarde de não crer na existência da alma servem-se do fenômeno de desdobramento para combater as materializações, não vendo que, desse modo, se contradizem.

Se a alma pode sair do corpo é porque ela é independente deste; esta é a demonstração mais notável da sua existência; desde então, sua sobrevivência não é mais impossível, pois que ela não é engendrada pelo organismo. Além disso, todos os fantasmas de vivos são simulacros do corpo físico destes; é graças a esta identidade que é possível reconhecê-los e, como

Katie King difere muito,³⁸ é mais que provável que ela não seja um simples desdobramento da médium.

Mas, o que demonstra peremptoriamente a independência absoluta de Katie King é que ela conversa com a sua médium completamente acordada.³⁹ Sabíamos, já pela leitura dos trabalhos de Crookes, que, na derradeira materialização, o Espírito dissera adeus a Florence, que voltava, nesse momento, ao estado normal; os novos documentos aqui publicados estabelecem que, na origem das manifestações, era já assim e que foi, efetivamente, um Espírito quem, durante três anos, se submeteu a essa rude prova, para tornar incontestável a existência da alma depois da morte.

É pela acumulação dos testemunhos que faremos penetrar em todas as partes a luz da imortalidade. Quando se vir que os fenômenos espíritas se produzem em todos os países, que eles são verificados por investigadores habituados às mais exatas e delicadas pesquisas científicas, então os homens sinceros não mais poderão resistir à autoridade dos fatos.

A vida de além-túmulo parecerá uma conseqüência lógica da vida terrena e, fora de toda a fé, de todo o misticismo, de todo o sobrenatural, a grandiosa certeza da imortalidade implantar-se-á em todas as consciências, com as conseqüências que, necessariamente, ela produz. Em vez da dúvida e de uma fé vacilante, nós trazemos a prova logicamente estabelecida, experimentalmente demonstrada.

É a solução do capital problema que preocupou os mais poderosos pensadores, em todas as épocas da Humanidade; ela irradiará, fecunda, no século XX e fará luzir a aurora da emancipação intelectual e da regeneração moral que devem elevar o nosso mundo a destinos superiores.

Paris, 19 de abril de 1899.

Gabriel Delanne.

FIM

Notas:

- ¹ Foi traduzida para o francês e o russo. Foi, ainda, traduzida para o português, sob o título *Animismo e Espiritismo*, pela editora FEB.
- ² Fotografias obtidas na obscuridade, sem forma materializada visível.
- ³ Autor da obra *Los Espiritos*, em 2 volumes, editada pela Livraria *La Irradiación*, calle del Hitu nº 6, Madri
- ⁴ Autor de uma importante obra espírita: *Região em Litígio, entre este mundo e o outro*, publicado no Brasil pela editora FEB.
- ⁵ Publicado em 1875, em Hartford, Connecticut (América do Norte), pela *American Publishing C.*, 492 págs.
- ⁶ Em carta posterior a Alexander Aksakof, a informante diz que viu, na abertura central do gabinete, um busto atrás da médium e uma mão descer e tocar no ombro desta.
- ⁷ Nesse momento, a informante viu distintamente a médium e a aparição, cuja cabeça se mostrou fora do gabinete.
- ⁸ Durante todo esse tempo, o olhar da Srta. Hjelt estava a seis polegadas de distância das pernas da médium.
- ⁹ A Srta. Vera Hjelt é fundadora e diretora de uma grande casa de educação para escultura em madeira, em Helsingfors, e é autora de diversas obras sobre profissões e artes.

Nessa sessão memorável estavam presentes as seguintes pessoas, as quais ocupam elevada posição na sociedade e são muito conceituadas: capitão Toppelius; engenheiro Max Seiling; J. Boldt, jurista e homem de letras; Lönnbom; Hjelt; general Galindo; general Toppelius; Sra. Toppelius; Maria Toppelius; Sra. Seiling; Sra. Tavaststjerna; Dr. Schoultz; Raphael Hertzberg, doutor em filosofia e presidente da Sociedade dos Homens de Letras, em Helsingfors; Charles Toppelius; general Sederholm.

De quase todas essas pessoas, o professor Alexander Aksakof teve testemunhos por escrito, cada um relatando, pouco mais ou menos, à exceção de dois ou três que não estavam em condições de bem perceber o fenômeno, o que já foi dito pela Srta. Vera Hjelt; deixamos de transcrever seus depoimentos nestas páginas porque julgamos isso desnecessário.

O que queremos é apenas registrar o fato da desmaterialização, do qual a obra de Alexander Aksakof dá todos os detalhes. Para deles se certificar, deu-se ao trabalho de ir especialmente a Helsingfors, onde fez um inquérito pessoal e onde, a seu pedido, se realizou, no mesmo lugar e com os mesmos preparativos, um simulacro da dita sessão, fazendo a Srta. Hjelt o papel de médium com vestuário idêntico ao da Sra. d'Espérance, inquérito de que se dá notícia mais adiante. (N. T.)

- ¹⁰ Iolanda é o nome dado à forma materializada que, então, aparecia habitualmente.
- ¹¹ Nome de uma das formas materializadas que apareciam numa série de sessões dadas pela Sra. d'Espérance, em Gotemburgo, na casa do Sr. Hedlund, em 1889.
- ¹² Isso se passou numa das minhas sessões. Preparei parafina derretida em água quente, a fim de obter um molde da mão de Iolanda.
- ¹³ Isto se refere ao incidente seguinte: Numa sessão, quando tudo estava pronto, a Sra. d'Espérance no gabinete, as cortinas fechadas, cada um no seu lugar, a meia-luz regulada, mas não estando ainda a porta fechada a chave, aproveitei-me disso para sair um momento da câmara, sem fazer o menor ruído. Logo que voltei, disseram-me que a Sra. d'Espérance havia exclamado: “Não se pode ainda começar porque o Sr. Aksakof está ausente.” Devo acrescentar a declaração de que a médium estava sentada no gabinete com as costas voltadas para mim, por causa da posição da sua cadeira; só a cortina nos separava, mas a minha cadeira achava-se colocada ao lado esquerdo do gabinete, um pouco atrás da cadeira da médium, e de modo tal que

-
- não me podia ver, mesmo se, por acaso, houvesse uma fenda na cortina.
- ¹⁴ Sessão de 28 de junho de 1890, durante a qual uma planta foi materializada por Iolanda.
- ¹⁵ Uma menina que se materializava nas sessões da Sra. d'Espérance.
- ¹⁶ Recentemente, a Sra. d'Espérance contou-me que, após as experiências em Cristiânia (1893), ficou surpreendida por não se sentir mal; os assistentes se haviam absterido de álcool e fumo.
- ¹⁷ Espírito-guia que se manifestava mediante a escrita.
- ¹⁸ Outro Espírito de menina que se materializava nas sessões da Sra. d'Espérance.
- ¹⁹ Sabe-se hoje que nem sempre isso acontece. Conhecem-se casos em que a entidade materializada não apresenta a menor semelhança com o médium. Há ocasiões em que o ectoplasma é retirado de dois médiuns, sem que a forma se pareça com qualquer um deles. Às vezes, é necessário entender “desdobramento do corpo do médium”, como “saída do ectoplasma do médium”, com elementos íntimos seus; daí sentir ele as sensações experimentadas pela materialização. Nem isso, contudo, é rígido. Existem casos em que – como tivemos ocasião de observar – um mesmo corpo materializado, com idênticas características físicas, serve à manifestação de dois Espíritos diferentes. Haveria, aí, materialização e incorporação, caso em que poderia dar-se o fato aludido por Aksakof. Como se vê, a mecânica das materializações continua a ser uma incógnita. Aconselhamos a leitura meticulosa da obra de Alfred Erny, intitulada *O Psiquismo Experimental*, editado em português pela editora FEB. (Nota da editora, 1975).
- ²⁰ Pode-se, entretanto, consultar, para casos análogos produzidos com os médiuns Jean e Emile Schraps e a Sra. Demmler, a revista *Psychische Studien* (junho de 1889, pág. 258; outubro de 1892, pág. 433; setembro de 1892, pág. 436).
- ²¹ Vide nota da editora, nº 19.

-
- ²² *The Spiritualist*, 1877, II, pág. 287.
- ²³ O mesmo me sucedeu com um lápis que me foi retirado com força, do lado das costas de Eusápia, durante as experiências em Milão.
- ²⁴ Vede as obras *Les Etats profonds de l'hypnose*, por A. de Rochas;^(*) *La force vitale*, pelo Dr. Baraduc; *Extériorization animique complète du corps vital psychique*, pelo mesmo autor.
- ^(*) Vede, ainda, *Exteriorização da Sensibilidade*, por A. de Rochas, publicada em português pela editora Edicel. (Nota do revisor).
- ²⁵ Veja-se, na obra *O Ser Subconsciente*, de Gustave Geley, o capítulo dedicado à faculdade organizadora e desorganizadora sobre a matéria. (N. E., 1975).
- ²⁶ Os antigos conheciam essa espécie de transformação. Jâmblico diz, no seu livro *De Mysteriis Egiptorum* (cap. V); “Corpus eorum vel concrescere videtur in altum, vel in amplum, vel per aerem fenni videtur”.
- ²⁷ Vide nota da editora, nº 19.
- ²⁸ Vide nota da editora, nº 25.
- ²⁹ Conhecem-se, atualmente, casos idênticos, em grande número (N.E., 1975).
- ³⁰ Sono sonambúlico profundo.
- ³¹ Foi um dos primeiros médiuns americanos.
- ³² Victorien Sardou, o grande dramaturgo, membro da Academia Francesa e autor de excelentes peças, entre as quais *Tosca e Georgette*; é espírita desde o tempo de Allan Kardec. Publicou, no 1º volume da *Revue Spirite*, de Paris, desenhos e descrições curiosas das habitações em Júpiter; publicou, no *Gaulois* de 4 de dezembro de 1888, a sua declaração de espírita, que foi inserida na obra *Roma e o Evangelho*,* de Pellicer. Em 1900, foi um dos presidentes de honra do Congresso Espírita Internacional, realizado em Paris.

* J. A. Y. Pellicer - *Roma e o Evangelho*, traduzida em português e publicada pela editora FEB. (N. T.)

³³ As experiências que Sir William Crookes fez com esse médium foram, pela primeira vez, em janeiro de 1874, publicadas no *Quarterly Journal of Science*, de Londres, e mais tarde compiladas em um livro, *Researches in the Phenomena of Spiritualism*, hoje traduzido em várias línguas, tomando, em português, o título *Fatos Espíritos*. O Sr. Albert de Rochas, na obra *A Levitação*, fala do importante fenômeno da ascensão dos corpos humanos, produzido com o auxílio desse médium e presenciado também por W. Crookes. (N. T.)

³⁴ William Crookes, célebre químico e físico inglês, nasceu em 1832 e foi nomeado, no primeiro escrutínio, em 1863, membro da Real Sociedade de Londres. Aos 20 anos escreveu trabalhos de grande mérito sobre a luz polarizada; pouco tempo depois descreveu detalhadamente o espectroscópio, publicando seus estudos sobre os espectros solar e terrestre. Publicou outros sobre as propriedades ópticas das opalas e deu a conhecer um microscópio espectral; ocupou-se da intensidade da luz e a Física lhe é devedora de um fotômetro de polarização. Astrônomo do Observatório de Radcliffe, em Oxford, seus trabalhos sobre meteorologia são notáveis e não o são menos os de fotografia celeste. Em 1855, quando apenas contava 23 anos, efetuou trabalhos fotográficos sobre a Lua, então reputados os melhores, honrando-lhe a Real Sociedade de Londres com um prêmio em dinheiro, como estímulo para prosseguir seus estudos. Mais tarde, foi nomeado para ir a Oran e Ceilão, em comissão, a fim de efetuar ali observações astronômicas. Em 1879 expôs, no *Bakerian Lecture*, seu trabalho sobre a *Iluminação de linhas de pressão molecular e trajetória das moléculas*, dando-nos a conhecer, de algum modo, um estado da matéria de tenuidade excessiva e do qual apenas se podia formar uma idéia.

Escreveu, além disso, sobre medicina, higiene e o curativo da peste bovina, popularizando o uso do ácido fênico. Publicou um tratado de análise química que é, hoje, clássico; descobriu

um processo de amalgamação com o sódio, o único atualmente empregado na Austrália, América do Sul e Califórnia. Descobriu o tálio, novo corpo simples, tendo gasto oito anos na investigação do seu peso atômico. Seus estudos sobre o quarto estado da matéria, ou estado radiante, e o radiômetro bastariam para dar-lhe a reputação de sábio, que com tanta justiça lhe pertence. (N. T.)

³⁵ O Sr. Crookes faz aqui alusão ao fato de o Sr. Volckman ter numa das sessões agarrado o Espírito, supondo que ele fosse a médium.

³⁶ Delanne é autor de importantes obras espíritas, dentre as quais cinco foram traduzidas para o português: “*O Espiritismo perante a Ciência*”, “*O Fenômeno Espírita*”, “*A Evolução Anímica*”, “*A Alma é Imortal*” e “*A Reencarnação*”. (N. T.)

³⁷ Além de outras declarações nesse sentido, publicadas no jornal *L'Italia del Popolo*, o Sr. Lombroso dirigiu de Turim, em 26 de fevereiro de 1897, a seguinte carta ao compilador (Oscar d'Argonnel) de um livro publicado no Rio de Janeiro sob o título *Fatos Espíritas*: “Respondo a V.Sa. o que tenho respondido a muitos outros: que, sem dúvida, os fenômenos espíritas são verdadeiros e que é *impossível dar-lhes uma interpretação*. A ciência fisiológica é absolutamente impotente para isso; mas a ciência humana tem limites bastante exíguos. Quem não riria há poucos anos dos fenômenos que hoje todos verificam: *Os raios Roentgen?* Seu devotado – C. Lombroso.” Não obstante isso, um entusiasta pelas primitivas explicações do Sr. Lombroso sobre o Espiritismo faz delas prefácio para um livrinho publicado em Lisboa, pela Livraria Perrin, sob o título *Fantasmata*, e diz que a teoria de Allan Kardec fica desse modo destruída! Se o autor desse livrinho tivesse pedido permissão ao Sr. Lombroso para aproveitar-se dessas *explicações*, certamente não a teria obtido mais em 1900, data em que foi publicado o tal livrinho. (N. T.)

³⁸ Nem sempre assim sucede; porém, mesmo que seja semelhante ao corpo do médium, nada prova que o fantasma não seja um Espírito independente do médium, pois, com os fluidos tirados

do corpo deste, ele não consegue às vezes formar um corpo totalmente diferente. (N. T.)

- ³⁹ Para provar que o fantasma não é um simples desdobramento do médium, basta dizer que, segundo o trabalho do Sr. Aksakof, a médium Sra. d'Espérance tem sempre consciência de si própria e pode, mesmo, descrever as suas sensações, o que certamente não sucederia se a inteligência do médium e a do Espírito fossem uma só. Como elemento de instrução sobre o assunto, deve-se também ter a obra da Sra. d'Espérance – *The Shadow Land* (traduzida para o português sob o título *No País das Sombras*). (N. T.)